

PHARMAKON Digital



ADICÇÕES: RECHAÇO OU ESCOLHA
DO INCONSCIENTE?
EFEITOS DE INTERPRETAÇÃO NOS TRATAMENTOS PELA PALAVRA
DOS TOXICÔMANOS

Maio 2023, Número 4

SUMÁRIO

- 4 EDITORIAL
- 7 ADICÇÕES: RECHAÇO OU ESCOLHA DO INCONSCIENTE?
EFEITOS DE INTERPRETAÇÃO
- 9 A interpretação: tem peso frente ao real?
Nadine Page (Bruxelas, Bélgica)
- 11 Da função do tóxico às adições
*Darío Galante e Luís Darío Salamone (Buenos Aires, Argentina)**
- 14 Adições ◊ Toxicomanias
*Nicolas Bousoño e Gloria Aksman (Buenos Aires, Argentina)**
- 17 Devastação e Passagem ao Ato
*Maria Wilma Faria (Belo Horizonte, Brasil)**
- 20 Uma abertura ao inconsciente
*Cassandra Dias (João Pessoa, Brasil)**
- 23 A interpretação realmente possível ?
*Pierre Sidon (Paris, França)**
- 25 As adições, novas formas do mal-estar contemporâneo
Nelson Feldman (Genebra, Suíça)
- 28 Três perspectivas lacanianas sobre a toxicomania
Fabián Naparstek (Buenos Aires, Argentina)
- 30 ORIENTAÇÃO
- 31 A teoria do parceiro
Jacques-Alain Miller
- 73 ESTÉTICA DO CONSUMO
- 75 Miles Davis Blue Flame
Sérgio de Mattos (Belo Horizonte, Brasil)
- 81 O x analítico - Sobre Adixiones de Ernesto Sinatra
Giovanna Quaglia (Brasília, Brasil)
- 84 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
SOBRE TOXICOMANIA, ALCOOLISMO E ADICÇÕES NO CAMPO FREUDIANO





EQUIPE EDITORIAL

PHARMAKON DIGITAL é uma publicação da Rede de Toxicomania e Alcoolismo (TyA) do Campo freudiano, em três línguas: português, espanhol e francês.

www.pharmakondigital.com

Produção e difusão

Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais
Avenida Afonso Pena, 2770, salas 201/207, Savassi.
Belo Horizonte, MG - CEP 30130-007

© **Fundação do Campo freudiano**

Equipe editorial

Elisa Alvarenga (diretora)
Nadine Page
Nelson Feldman
Darío Galante

Equipe de tradução

Tomás Verger (coordenador)
Carina Arantes Faria
Maurício Diamant
Fernanda Turbat
Tomás Piotto
Cecilia Scovenna
Wendy Vives Leiva
Pablo Sauce

Equipe de recenseamento bibliográfico

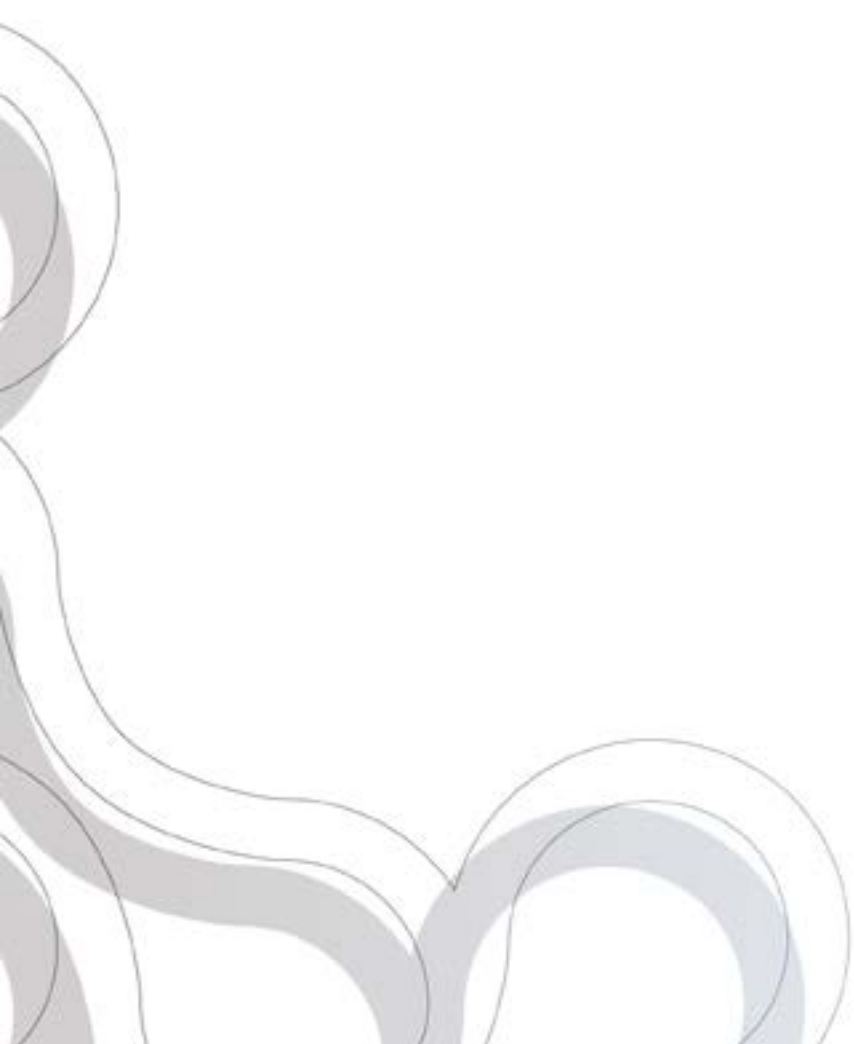
Tomás Verger (coordenador)
Maria Wilma Faria
Cláudia Reis
Rodrigo Abecassis
Marie-Françoise de Munck
Jean-Louis Aucremanne
Jean-Marc Josson
Yvanne Stuer
David Briard
Éric Taillandier
Danièle Olive
Géraldine Somaggio
France Guillou
Gloria Casado
Pía Marchese
Valeria Vinocur
Jorge Castillo
Christian Ríos
Camilo Cazalla
Tomás Piotto

Consultores

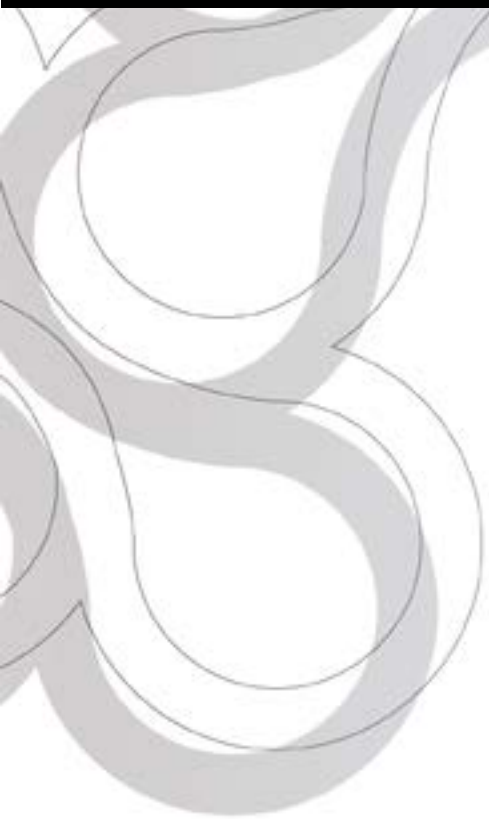
Ève Miller-Rose
Anne Ganivet-Poumellec
Fabián Naparstek

Criação, desenvolvimento e editoração

Bruno Senna



EDITORIAL



EDITORIAL

Nadine Page, Nelson Feldman, Pierre Sidon, David Briard, Fabián Naparstek e Ève Miller-Rose

O consumo de drogas, seja qual for sua intensidade, seu ritmo e suas consequências psíquicas, físicas e sociais, interfere com o regime próprio do gozo no corpo e do pensamento. Há que supor que é o fim que se busca, ou seja, uma solução a um problema. As adicções, quando afetam as bases fundamentais do sujeito, seus laços aos outros, sua integridade corporal e, em certos casos sua vida mesma, podem ser lidas, como uma resposta em curto circuito que esvazia a dimensão do inconsciente para evitar o encontro com um real que o sujeito teme. De que real se trata? Quais são os sintomas que essas práticas tentam tratar?

Certas ofertas de tratamento têm afinidades com essa modalidade de resposta em curto circuito. “Se obnubila, se tempera, se interfere ou modifica... Porém não se sabe de todo o que se modifica, nem por outra parte aonde irão essas modificações, nem sequer o sentido que elas têm...”, nos diz Lacan sobre a prescrição do psiquiatra, que ignora se a molécula é droga ou medicamento¹. Os métodos de reeducação que utilizam os poderes da palavra excluindo o equívoco e a dimensão da transferência, fazem aparecer, quase sempre, a ferocidade do real que surge nesses becos sem saída em que se encontra o sujeito. Como intervir então nessas situações frágeis entre a demanda social e o equilíbrio do singular?

A toxicomania testemunha de um acesso dos mais difíceis ao laço amoroso. Ela se apresenta, sobretudo, como “um anti-amor”, assinala Jacques-Alain Miller. “A toxicomania prescinde do parceiro sexual e se concentra, se dedica ao parceiro (a)-sexuado do mais-de-gozar. (...) A toxicomania é atual, ela pertence a uma época que prefere o objeto a em detrimento do Ideal”². O recurso às drogas dá a ilusão de poder bordear o real através de um modo de gozo sem passar pelo Outro. Como pode o analista ter em conta este último em seu ato?

Se o sujeito está enrolado em sua prática de consumo, está também na linguagem e na palavra, que abrem um lugar para o encontro. Justamente, a oferta de escuta abunda. As prescrições dos discursos neurobiológicos, comportamentais, sociais, antropológicos, morais, inclusive penais, recobrem o real em jogo na adicção. Como se distingue então, a orientação psicanalítica? Em particular, pela interpretação. “Nada de escuta sem interpretação”, assinala J.-A. Miller³. Pode-se atravessar o muro das substâncias, das próteses, das práticas adictivas com a finalidade de bordear o real em jogo?

1 Lacan, J. Petit discours aux psychiatres, 10 de novembro 1967, inédito.

2 Miller, J.-A. A teoria do parceiro, texto publicado neste número de Pharmakon digital, p. 31.

3 *Pas d'écoute sans interprétation*, Revue *La Cause du désir*, n. 108. Paris, Navarin, Juillet 2021.

Como opera o analista para que a partida se jogue entre “rechaço ou escolha do inconsciente”? O clínico orientado pela psicanálise faz a aposta de um tratamento pela palavra sob transferência para abrir um acesso à opacidade desse gozo do qual o sujeito adicto é a presa.

O 3º Colóquio Internacional TyA, que aconteceu no dia 14 de maio de 2022 em videoconferência, se deu a tarefa de interrogar nossa intervenção nesse campo, a função do objeto droga em cada caso, as modalidades da interpretação postas em marcha e seus efeitos no encontro com esses sujeitos chamados toxicômanos.

Os diferentes grupos TyA (Toxicomania y Alcoholismo), Rede do Campo Freudiano na Europa e na América Latina, foram convidados a participar com um trabalho coletivo, em resposta às questões colocadas por seu título - *Adicções : rechaço ou escolha do inconsciente? Efeitos de interpretação nos tratamentos pela palavra dos toxicômanos*. Encontraremos os ecos de alguns de seus trabalhos neste número de Pharmakon digital.



Grinning Satyr, Balthasar Permoser, c. 1700.

ADICÇÕES: RECHAÇO OU ESCOLHA DO
INCONSCIENTE? EFEITOS DE INTERPRETAÇÃO

“

“Assim, essa discordância primordial entre o eu e o ser seria a nota fundamental que iria repercutir em toda uma gama harmônica através das fases da história psíquica, cuja função seria resolvê-la, desenvolvendo-a. Toda resolução dessa discordância por uma coincidência ilusória da realidade com o ideal repercutiria até às profundezas do nó imaginário da agressão suicida narcísica. Ademais, essa miragem das aparências em que as condições orgânicas da intoxicação, por exemplo, podem desempenhar seu papel exige o inapreensível consentimento da liberdade, como se evidencia no fato de a loucura só se manifestar no homem...”

LACAN, J. “Formulações sobre a causalidade psíquica”, Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 188.

”

A INTERPRETAÇÃO: TEM PESO FRENTE AO REAL?

Nadine Page (Bruxelas, Bélgica)

Os casos apresentados nesta sequência, durante este colóquio, nos levam a interrogar o consumo – de drogas, álcool, medicamentos – quando este se torna uma adicção severa, pelos efeitos buscados pelo usuário. Muitas vezes, o que se revela é o corte, pela via química e seus efeitos no corpo, do insuportável que não se acomoda na sucessão dos significantes.

Este insuportável recobre diferentes modalidades que os sujeitos podem testemunhar; elas afetam o corpo ou o vínculo com o Outro. O corpo é habitado por uma certa agitação que não pode ser regulada (“ser turbulento”), ou por uma apatia que se traduz na ausência de todo desejo, dimensão que faz “avançar na vida”. O laço com o Outro é vivido como invasivo, até mesmo persecutório, ou enigmático; inversamente, o sujeito pode dedicar-se a ele até a exaustão. Outra possibilidade é que o consumo venha regular as alucinações presentes como ruído de fundo.

O uso do produto aparece então como uma tentativa de tratamento dessas manifestações, seja para separar-se do Outro, ou ao contrário para incluir-se nele; amenizar as manifestações no corpo, ou mesmo silenciar as vozes, pelo efeito da molécula.

Certas adicções, a toxicomania, conduzem esses sujeitos a colocar em risco os investimentos que garantem sua inserção no laço social, ou até mesmo os amarram à vida. A saúde pode ser colocada em jogo pondo em risco a vida, pois em alguns casos, a inclinação suicida é velada. Elas testemunham a insistência do real que os invade e a ausência de um recurso possível para o sujeito, por não poder se apoiar numa construção fantasmática que apreenda esse gozo fora do discurso.

Portanto, podemos conceber o consumo, nestes casos de adicção severa, como um meio de romper com o inconsciente. Não sem evocar a estrutura da passagem ao ato em que o sujeito rejeita os equívocos da fala, sai da cena do reconhecimento, responde a esse gozo que o habita por sua própria ejeção do campo do Outro para ir ao encontro do seu ser de objeto¹.

A repetição incluída no comportamento adicto, a reiteração do mesmo gesto que nada ensina ao sujeito², testemunha ao mesmo tempo a insistência desse real e a ausência de uma respos-

1 Miller, J.-A. Jacques Lacan : observações sobre seu conceito de passagem ao ato. *Opção Lacaniana on line* n. 13, Nova série, ano V, março 2014.

2 Miller, J.-A., Ler um sintoma, <https://ebp.org.br/sp/ler-um-sintoma/>

ta possível do sujeito para além desse adormecimento ou dessa «vitalização» química do corpo, essa ruptura com o inconsciente.

Qual é a margem de manobra para os praticantes que se orientam pela psicanálise?

Os diversos casos apresentados nos mostraram a inventividade dos profissionais durante seus encontros com esses consumidores. De fato, diante desse real insistente, trata-se de ter peso suficiente para introduzir outra modalidade de tratamento diferente desse corte repetido e desenfreado que rompe com o campo da fala.

A instalação da transferência e, frequentemente com ela, da crença na operacionalidade de um dispositivo de fala, demanda por si só uma primeira operação do praticante. Trata-se efetivamente de deslizar entre o sujeito e o produto, entre o sujeito e seu próprio eclipse programado, para reintroduzir ali a possibilidade de uma palavra que valha, que demonstre seus possíveis efeitos. Muitas vezes, essa palavra deve incluir em si uma forma de tratamento desse real que invade o sujeito.

Diferentes ocorrências possíveis foram expostas.

Em várias delas foi necessário o aparecimento de uma outra modalidade do real para produzir uma primeira interrupção do consumo e provocar a demanda de ajuda: uma doença, a proximidade da morte, a perda de um vínculo importante, a ameaça de entes queridos. No entanto, isso não é suficiente para um tratamento que inclua a dimensão subjetiva. Uma operação suplementar foi requisitada, necessitando da parte do profissional praticante que ele produzisse uma resposta que incluísse uma parte deste real própria a este sujeito. Para isso, foi necessário apreender as coordenadas do que fez acontecimento e provocou a cessação do consumo ou a demanda de ajuda.

As vezes isso requer o apoio de um dispositivo institucional que coloque em ato essa distância com a substância. Constata-se ainda que um trabalho com a fala que acolha as coordenadas singulares do sujeito nesse dispositivo pode produzir efeitos. Em um dos casos, tratou-se de aceitar a demanda de ser recebido regularmente, todos os dias durante algum tempo, para sustentar a interrupção do consumo. A presença diária do praticante mostrou-se necessária para sustentar a transferência e a distância com o produto.

O praticante da psicanálise de orientação lacaniana não desconhece a necessidade, em certos casos, em certos momentos, de dispositivos institucionais que proponham e sustentem um afastamento do consumo; mas isso não basta. Trata-se de não perder a oportunidade de o sujeito apreender as coordenadas deste real que o habita, e de construir com ele outras formas de aparelhamento para além do recurso a um produto que o distancie temporariamente deste real que retorna rapidamente .

DA FUNÇÃO DO TÓXICO ÀS ADIÇÕES

Darío Galante e Luís Darío Salamone (Buenos Aires, Argentina)*

Na Argentina, no início dos anos 90, paralelamente ao que foi o Movimento para a Escola, um grupo de psicanalistas lacanianos que trabalhavam em diferentes espaços se reuniram para finalmente dar vida, em 1992, junto à formação da Escuela de la Orientación Lacaniana, ao TyA. No calor daquele movimento para a EOL, foi Jacques-Alain Miller quem solicitou uma reunião com os interessados na temática.

O termo, mais difundido, de adições resultava desgastado pelas práticas do eu que imperavam na abordagem de sujeitos para os quais o consumo resultava problemático. Decidiu-se então desempoeirar um velho termo em desuso que tinha sua raiz na psiquiatria e que não estava associado às práticas que se realizam em comunidades terapêuticas. Foi escolhido o significante “Toxicomanias”. Tinha a característica de reunir a substância que nos interessava estudar com uma referência ao gozo maníaco que se costumava pôr em jogo. Por outra parte notamos que os casos de sujeitos que consumiam somente álcool manifestavam uma relação com o gozo muito diferente. Desse modo ficou conformada a sigla TyA.

Hoje o TyA comemora 30 anos desde sua criação e gostaríamos de compartilhar com vocês pelo menos alguns dos conceitos que, durante esses anos, nos permitiram lançar alguma luz sobre nossa clínica.

O sintoma analítico excede qualquer nosografia. Se é caracterizado por algo, desde os questionamentos freudianos, é pelo fato de que se dirige ao Outro, é uma mensagem. Na demanda de análise está contido o Outro. Temos no sintoma a dimensão pulsional ou o núcleo de gozo; e o envelope formal que é significante inclui a materialidade significante e portanto o Outro, a verdade e o significado que possibilitam tratar o sintoma através da interpretação.

As toxicomanias nos colocam sempre a dificuldade de não ser uma formação sintomática no sentido descrito. Já que a relação do sujeito com o tóxico pode implicar, no caso das neuroses, rompimento ou desligamento do Outro.

Uma das primeiras operações foi propor esse gozo próprio do que na verdade chamaríamos de toxicomanias. Trata-se de um gozo que implica um rompimento com o falo, não passando pelo Outro, denominado por isso de gozo cínico¹. Este gozo implica um rechaço do inconsciente; o que leva a que o gozo em si mesmo se torne algo tóxico².

1 Miller, J.-A., Para uma investigação sobre o gozo autoerótico, em Pharmakon digital, <http://pharmakondigital.com/para-uma-investigacao-sobre-o-gozo-autoerotico/>.

2 Tarrab, M., La substancia, el cuerpo y el goce toxicómano, en *Más allá de las drogas*, Sillitti, D., Sinatra, E., Tarrab, M., Plural, La Paz, 2000.

O toxicômano se serve de qualquer objeto/droga que possa suturar o vazio que molda os furos do corpo; esse gozo cínico que rechaça o Outro e somente aponta para o Um, oferecendo uma paisagem grosseira ao mortífero da pulsão.

Assim como Diógenes propunha aos homens um caminho que os conduzisse à felicidade evitando as cristalizações sociais, o cinismo próprio do toxicômano, em relação a seu gozo e ao discurso capitalista que hoje o favorece, consagra de maneira vulgar o rumo solitário à felicidade da pulsão, sem passar pelo Outro. Lacan dizia que o Ser é Um sempre, porém paradoxalmente, não sabe ser como Ser; somente ex-siste enquanto girar em torno da vontade do gozo Um que se torna seu próprio suporte instantâneo. Daí que sempre requer tornar-se hábito.

Desde o início de nosso trabalho, Ernesto Sinatra falou do que denominou a “função do tóxico”³. Sua potência radica na capacidade que tem de articular o universal com o singular em cada caso. Em poucas palavras, a função traduz uma relação entre duas variáveis. Por um lado, uma variável dependente, a saber, as possibilidades universais que determinado objeto de consumo pode brindar (os efeitos de uma droga). Por outro, como variável independente, as singulares condições de satisfação, previamente constituídas, de um ser falante. Então, a função do tóxico nomeia o modo em que um objeto se insere na economia de gozo singular de um sujeito.

Um conceito que devemos destacar, no marco das novas investigações do TyA, é o de *Adições*⁴. Trata-se então da versão pós-moderna da toxicomania generalizada, já que ela destaca o caráter aditivo do gozo, deslocando assim o eixo da produção massiva de novas drogas oferecidas pelo mercado.

Neste ponto, o conceito de *Adições* – ao recuperar a lógica colocada na noção freudiana de fixação (*fixierung*) - nos brinda uma reescrita efetiva - no momento de orientar-nos em nossa prática - das adições, ao localizar a raiz do gozo – tóxico em si mesmo - que liga o sujeito a um ciclo de repetições cujas instâncias não se somam e cujas experiências não lhe ensinam nada⁵.

Qualquer ação humana pode ser tóxica pela satisfação que transporta. A letra x sinaliza a singularidade do gozo de cada indivíduo e a obscuridade que transporta para si mesmo. Este “X”, é uma função a isolar, aí onde algo no corpo se lhe apresenta como Outro para o próprio sujeito. Destacar a função do “X” enquanto *fixierung* a isolar, ressalta a responsabilidade de cada *parlêtre* em sua relação com o gozo que o habita.

A direção do tratamento, desde a orientação lacaniana, aponta a que o sujeito interrogue esse X, que concerne ao mais íntimo do *parlêtre* e que costuma ficar de lado sob a tela das ações. Será o que permite afinar o discurso do sujeito para que então o discurso analítico o leve a esse limite no qual possa jogar sua partida perante o gozo que o concerne.

Apesar da prevalência de gozo que pode apresentar o sintoma de um toxicômano, Miller afirma que a pulsão, ainda que tenha suas raízes no corpo próprio, “somente cumpre seu enlaça-

3 Sinatra, E. *¿Todo sobre las drogas?* Buenos Aires, Grama, 2010.

4 Sinatra, E. *Adiciones*. Buenos Aires, Grama, 2021. A partir da orientação de Jacques-Alain Miller, Ernesto Sinatra propõe uma versão moderna da toxicomania generalizada onde cada ação humana pode cobrar um caráter aditivo.

5 Miller, J.-A., Ler um sintoma, <https://ebp.org.br/sp/ler-um-sintoma/>

mento de gozo passando pelo Outro. (...) Para que o percurso da pulsão se cumpra, é necessário que intervenha um objeto que está no campo do Outro”⁶. Existe então uma interseção entre o Um e o Outro. Ali se localiza o desejo como função clínica.

Desse modo, apostamos em isolar esse X. Sem decifrar aquilo que leva o sujeito à fixação em determinada droga estaríamos, como em outras práticas, no terreno da psicoterapia. Decidimos, em lugar disso, apostar no real e propiciar um metabolismo desse gozo para que, conseguindo escapar dessa repetição tóxica, algo se perca e o que não se perde fique à disposição do sujeito para que decida de que modo se servir dele.

Traduzido por Pablo Sauce

**Participantes: Agustín Barandiaran, María Juliana Bottaini, Gisela Calderón, Martín Fuster, Ginesa González, Miguel López, Gustavo Mastroiacovo, Patricia Meyer, Lautaro Ranieri, Yasmina Romano, Christian Ríos, Adrián Secondo e Benjamín Silva.*

6 Miller, J.-A., *O Um sozinho*, Curso de Orientação Lacaniana, lição de 30.03.2011, inédita.

ADIXÕES ♦ TOXICOMANIAS

Nicolas Bousoño e Gloria Aksman (Buenos Aires, Argentina) *

Em um tratamento pela palavra, qualquer que seja o sofrimento que o suscite, o rechaço ou a escolha do inconsciente parte inicialmente de seu operador. É quem recebe essa palavra que decide qual resposta oferecer a essa demanda que, em última instância, é de satisfação. É sua resposta - uma presença que permite a quem consulta não dizer sempre o mesmo - o que distingue a psicanálise de outros tratamentos e o que poderia produzir um inconsciente.

É nesse sentido que ter designado o consumo de drogas como toxicomanias - tomando um significante do “Outro para dizer o que o Outro não quer ouvir”¹ - foi uma resposta ao “discurso universal”, uma interpretação que tem colaborado com a presença da psicanálise na época da generalização do consumo de drogas.

Nessa mesma orientação, o neologismo *adiXões*² aspira a incluir em nosso campo as diferentes práticas de consumo que se estendem na cultura; introduzindo um enigma que assinale a fixação do gozo singular - banalizado detrás da atribuição da causa aos objetos do mundo - e permita interrogá-lo.

Assim, *adiXões* e toxicomanias podem articular-se em uma relação de conjunção e disjunção. Entre os diferentes *gadgets* que podem funcionar como anti-amor³, que fazem primar o objeto por sobre o Ideal no funcionamento do discurso capitalista, as substâncias embriagantes podem contar como mais um e, ao mesmo tempo, seguem tendo sua tipicidade; ao instilar no corpo tóxicos que produzem fenômenos clínicos particulares.

É esse X que a presença do analista acolhe na transferência, que permite localizar a interrogação do paciente se esta se realiza; que aponta sua singularidade se é possível, e talvez também seu inconsciente se este se produz; apostas de nossa prática, que não é como as outras.

As clínicas sinalizam de que modo se tornou operativa a transferência e nos permitem abordar os interrogantes que nos propõe o argumento do colóquio.

1 Orientação de J.-A. Miller, citada por M. Tarrab em “Un aporte para acción lacaniana”, *The Wannabe*, revista virtual da NEL, nro. 11, sept. 2014, disponível em <http://thewannabe.nel-amp.org/Ediciones/011/template.php?file=Nuestras-convicciones/Un-aporte-para-accion-lacaniana.html>

2 Sinatra, E. *Adixiones*, Buenos Aires: Grama, 2020.

3 Miller, J.-A. A teoria do parceiro, texto publicado neste número de *Pharmakon digital*, p. 31.

Uma demanda silenciosa

Um jovem consulta em um centro público de atenção ambulatorial para toxicômanos a mando de sua mãe. Drogas, roubos... três intervenções destacam três tempos do caso.

1) O analista decide, a partir da escuta, deixar de lado os protocolos da instituição. A posição do analista, localizada na brecha do discurso dos “protocolos para todos”, acolhe uma demanda silenciosa. Nesse momento o sujeito declara que vem para deixar tranquilo o Outro materno. Pouco tempo depois deixa de comparecer. No entanto, esses movimentos demonstraram sua efetividade no tempo dois.

2) Um tempo depois demanda atendimento fora da instituição. Desta vez quer deixar de consumir; algo não funciona e o pensamento não para: “fazer as coisas bem ou recair”. Diz: “Eu vou te dizer como andaram minhas coisas”. O analista interroga: “Quais são suas coisas?”, busca implicar o sujeito longe do objeto droga. Sabemos que foi pai, e da problemática que isto lhe coloca, nada quer saber. Deixa de comparecer; no entanto, a aposta de localizar o X do singular de seu gozo abre para um terceiro tempo.

3) Perante a ameaça de uma separação que o afastaria de sua mulher e de seu filho, volta a demandar. Desta vez o sujeito se divide, se fazendo responsável por sua história, deixa cair a identificação ao “abuelo barrabrava” (avô torcida organizada) na qual se sustentava. Inicia a universidade, o que se transforma rapidamente em uma enorme exigência. Diz: “Não sei se aguento ter sucesso...” “Quero fazer tudo e a cabeça não para, não paro de pensar...”

O silêncio como interpretação

A demanda de um homem para deixar as drogas se precipita depois da separação de sua mulher.

As agressões constantes entre eles o deixam profundamente alterado: “se eu calasse mais minha boca as coisas iriam melhor comigo”, diz.

Não é uma frase qualquer, tem um modo de falar sem filtro nem pudor, às vezes excessivamente eloquente, que o leva a estados de agitação onde levanta a voz ou se inquieta visivelmente.

Tem conseguido inserir-se laboralmente graças à sua habilidade com a eletrônica. Este recurso o mantém à distância do outro, evitando assim o mal-entendido, o equívoco, a intensão de significação que se precipita em qualquer comunicação.

Consome de forma solitária e motivado tanto porque as coisas foram bem, como porque foram mal. Ele próprio diz que se trata de uma “bengala”, quer dizer, um apoio que permite comemorar seus triunfos assim como castigar seus erros. Com efeito, uma ortopedia sobre o corpo que, ao mesmo tempo que denota a falha da significação fálica, a supre no real.

O silêncio da analista a respeito do consumo se instala logo a seguir de iniciadas as sessões, pouco tempo depois o sujeito anuncia que trouxe um presente. Ao ver aparecer uma garrafa, com um gesto firme, a analista rechaça em silêncio sua intenção.

A seguir, o acento que o sujeito põe na queixa a respeito de seus consumos é deslocado pela analista para os desencontros que se desatam entre ele e seu entorno e que o precipitam na ira e na intoxicação. Esta manobra o leva a nomear-se como “codependente”. Significante que denota sua dependência não do semelhante, senão da fragilidade que lhe impõe sua relação à castração.

Com o tempo, surgirá uma lembrança infantil que se instala sob a modalidade do trauma, marcando na vivência do sujeito o lugar de outro abusador que o empurra a dizer sem que ele possa traduzir o efeito em seu corpo da invasão do gozo do Outro.

O tóxico provavelmente acentua em seu corpo o afeto do momento, por fora do circuito simbólico, criando a ilusão de uma regulação própria, quer dizer: a ficção de que um controle de si mesmo é possível.

Após um ano de trabalho anuncia que trouxe um presente. Tira de sua mochila uma ferramenta com uma escala que mede sua abertura. A analista, surpresa, a recebe mexendo o regulador até que o sujeito diz: “é o mais parecido ao que fazemos aqui que achei...”.

Percebe-se nas vinhetas de que modo o uso singular das palavras nesse espaço transferencial, uso marcado pelo lugar que o silêncio cobra nelas - de um modo diferente em cada um - dá lugar a uma relação em que se põe de relevo o que empurrou o sujeito ao tratamento pela droga; possibilitando outro tratamento onde a pulsão de morte é reduzida, abrindo um horizonte diferente para cada um.

Traduzido por Pablo Sauce

Participantes: Liliana Aguilar, Gloria Casado, Jorge Castillo, Ana De Andrea, Ángeles De Paoli, Melina Di Francisco, Andrea Fato, Diana Goycochea, María Pía Marchese, Matías Meichtri Quintans, Laura Mercadal, Walter Naimogin, Silvina Rago, Juan Manuel Ramírez, Gabriela Ratti, María Virginia Rebecchini, Sabina Serniotti, Valeria Vinocour.

DEVASTAÇÃO E PASSAGEM AO ATO

Maria Wilma Faria (Belo Horizonte, Brasil)*

É com a psicanálise de orientação lacaniana que podemos situar as toxicomanias no campo do mais de gozar de acordo com o modo como cada sujeito fará uso da droga em seu corpo. Nessa direção, a contemporaneidade nos convida, cada vez mais, a tomarmos uma posição ética, que não deixa de acompanhar os desafios que nos são impostos na clínica. Assim, sustentar o trabalho do inconsciente se mostra necessário, na medida em que no mundo onde vivemos, prevalece uma convocação constante de um gozo que toca os corpos, por diferentes vias, na vida social. Nesse campo, muitas pessoas se deixam bombardear por um imperativo de gozo sem limites, desde o consumo de imagens por corpos perfeitos promovidos pelos aplicativos de exercícios, até o uso de medicações e a performance do empreendedor bem sucedido do Instagram. Tais sujeitos engendrados pelo discurso capitalista tornam-se eles mesmos, objetos de consumo. A bússola, em nosso tempo, foi ocupada pelo mais de gozar, em detrimento da crença nos ideais da civilização.

A noção de toxicomania generalizada ou de adicções contemporâneas, se refere à lógica do mercado que oferece toda sorte de produtos de consumo que podem vir a tornar as pessoas “dependentes”, em uma relação excessiva, passando a ter assim o estatuto de drogas. Como podemos observar, tais objetos de consumo: internet, compras, celular, pornografia, jogos, não são substâncias tóxicas inseridas no corpo, porém, dão forma a uma lista sem fim de produtos que fazem série e obedecem ao imperativo ‘todos consumidores’ bem na lógica de todos gozam dos mesmos objetos.

Já o termo toxicomanias, no plural, faz referência à singular relação que um sujeito estabelece com uma substância a ser introduzida no corpo. Logo, consideramos que há pessoas usando a mesma droga, com frequência e quantidade iguais, mas que o modo e a função que têm na economia libidinal, serão diferentes. É inegável a pertinência e importância disso para todos do Campo Freudiano que nos dedicamos a essa investigação.

Um recorte clínico nos instiga a pensar sobre o lugar que o sujeito ocupa no movimento adicto ao trabalho, do *workaholic*, comum em nossa época, e que de algum modo, se conjuga à economia psíquica do sujeito que apresenta atos toxicômanos. A adicção instaura uma relação direta do falasser com o gozo do corpo, encarnada pela iteração de um real sem lei que compromete o corpo. Se por um lado nota-se uma “fenomenologia” da adicção, como uma *fixão*¹ através

1 Ver em Lacan, J. O aturrido, *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 484: “Do não-ensinável criei um matema para assegurá-lo pela fixão da opinião verdadeira - fixão escrita com x, mas não sem recorrer ao equívoco”.

do trabalho, por outro, vemos sinais da toxicomania no uso de uma substância para tratar algo da inquietude do corpo.

Trata-se de Y, profissional extremamente dedicada, capaz de trabalhar 36 horas sem descanso no Serviço de Atendimento Médico de Urgência, especialmente em um momento delicado como o da pandemia, quando passou, ainda mais, a ser requisitada. Incapaz de dizer não, virava noites no trabalho, até chegar a um ponto de exaustão. Tudo parecia ir bem até começar a recorrer ao uso injetável de mytedon², inicialmente para dormir, na impossibilidade de se *desligar* e depois, diariamente para *anestesiá-la* e não se deparar com o desgaste do relacionamento amoroso, com a irritação constante, com as brigas, com a tristeza. Sua relação com o trabalho chegou a um ponto tal que passava dias no serviço. É quando ocorre o *acidente*. Sob efeito da droga, Y sofre um acidente de trânsito tendo um traumatismo cranioencefálico. Após meses em recuperação, o fato de estar *parada* em casa, entregue a tratamentos de reabilitação física, lhe parece insuportável e faz com que recorra ao tratamento analítico.

J.-M. Jossou, comentador desse trabalho, destacou que *“Y é uma mulher, cuja posição como objeto do Outro não se prende em uma fantasia, mas a realiza no real. Em seu trabalho, ela é o objeto indispensável para o Outro, o objeto de que o Outro carece fundamentalmente, aquele do qual o serviço médico de emergência não pode prescindir, como indica sua extrema dedicação e sua incapacidade para dizer não.”*

Somente no tratamento pela palavra, algum contorno permitiu que uma ficção pudesse aparecer: a codeína era a droga de eleição de um companheiro com quem viveu uma posição de objeto dejetado e devastação. Rapidamente surge uma pressa, uma agitação e uma insistência de Y em retomar sua vida profissional. A aposta tem sido em fazer uma escansão no tempo.

Em relação a essa aposta, J.-M. Jossou fez o seguinte apontamento: *“trata-se de fazer uma escansão no tempo para temperar sua pressa por recuperar sua posição de objeto indispensável para o Outro, que é também o que lhe dá um lugar no mundo”*. Ele solicitou que relatássemos como foi feita esta escansão, quais foram os efeitos recolhidos e interrogou se o acidente de carro, sob efeito do mytedon, poderia ser interpretado como uma passagem ao ato.

De acordo com as indagações de J.-M. Jossou sobre o manejo clínico da escansão do tempo e se o acidente de carro sob efeito de droga teria sido uma passagem ao ato, entendemos que a analista provoca algum apaziguamento ao apontar sua tentativa de voltar a um ponto impossível, anterior à queda. Não há como voltar ao zero e seguir como se nada tivesse ocorrido. Há aí um divisor de águas, um antes e um depois! O trabalho segue na direção de acompanhar o sujeito de modo a construir uma pequena invenção que possa tanto tratar o corpo, como possibilitar um novo lugar na vida profissional, uma vez que apresenta sequelas motoras. Desde o *acidente* ela não fez mais uso da *medicação*, nome com o qual se refere ao mytedon. O corpo, antes inserido no movimento frenético e maníaco, é parado. O consumo da substância e a passagem ao ato parecem ser respostas à angústia.

² Analgésico opioide sintético, cuja substância é o cloridrato de metadona, que apresenta características analgésicas semelhantes à morfina.

Miller ressalta que a passagem ao ato traduz a inscrição temporal do ato inevitável, sob a forma da urgência³. Sinatra nos indica que “o correlato essencial do momento da passagem ao ato é o deixar cair, é o sujeito que fica reduzido ao objeto e degradado na função de dejetivo, de resto - o sujeito cai identificado com o objeto a - capturado em uma cena constrangedora, de máxima angústia, perturbado pela emoção que põe em marcha a agitação do corpo, possuído por um empuxo que o põe em movimento e o precipita para fora da cena⁴”.

Ainda com Miller,⁵ “o ato é, como tal, indiferente ao seu futuro, ele é fora de sentido, indiferente ao que virá depois. No fundo, um ato é sem depois, ele é em si. Para que haja ato, é preciso que o sujeito nele seja modificado por um franqueamento significativo”. O encontro com a analista possibilitou ao sujeito uma escansão, um tempo, ao falar foi possível fazer um contorno simbólico, criar uma distância mínima do ato. O acidente de carro possibilitou esse efeito de abertura somente porque havia ali uma analista para recolher e tentar instaurar um tempo de compreender, apontar que não tinha como voltar à vida anterior.

Esse corpo entregue a um excesso indizível dá ares de trazer consigo o desaparecimento do sujeito. Com efeito, o ato toxicômano é vazio do sujeito do inconsciente e de significação. Assim, a ausência de articulação simbólica nos permite situar a intoxicação pela substância ou pela adrenalina do trabalho como operações de suplência, um excesso *de corpo* através do qual o sujeito fixa o intolerável e produz um novo envelope corporal. Nesse enodamento não sintomático, “o excesso procura um corpo... e uma parada⁶”.

Com esse recorte, retomamos a questão do encontro da rede TyA, entre o rechaço e a escolha inconsciente. Circunscrevemos que o *modus operandi* desse sujeito, do gozo com o trabalho sem intervalos e limite, vai na direção do rechaço do inconsciente. Por outro lado, onde situaríamos a escolha? Ela seria possível, na medida em que a queda produziu um *lapsus*, instaurando para esse falasser uma abertura ao tempo de compreender: “*Por que não procurei uma analista antes?*”

*Participantes: Aléssia Fontenelle, Cláudia Reis, Marcelo Quintão, Maria Wilma Faria (relatora), Pablo Sauce, Rodrigo Abecassis, Tiago Barbosa

3 Miller, J.-A. Jacques Lacan: observações sobre o seu conceito de passagem ao ato, *Opção Lacaniana on-line*, ano 5, n.13, mar. 2014. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_13/passagem_ao_ato.pdf. Acesso em: março/2022.

4 Sinatra, E. *Adixiones*. Buenos Aires, Grama Ediciones, 2020. p.34.

5 Miller, J.-A. *Op. cit.*

6 Le Poulichet, S. *O tempo na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 116.

UMA ABERTURA AO INCONSCIENTE

Cassandra Dias (João Pessoa, Brasil)*

No seminário 11, J. Lacan formula o inconsciente como descontinuidade, propondo-o como homólogo a uma zona erógena, marcado pela hiância de uma pulsação temporal que se manifesta como vacilação, colocando em relevo os tropeços: "... o inconsciente freudiano (...) se situa nesse ponto em que, entre a causa e o que ela afeta, há sempre claudicação"¹. Depois, ele retorna sobre a referência ao umbigo dos sonhos para situar o espaço no qual é deixada a marca de que viemos de um Outro.

Portanto, desde 1964, Lacan começa a elaborar a ideia de que o inconsciente traz a dimensão da perda e da descontinuidade. Esta noção não é sem ligação com o conceito de repetição que ele eleva como um conceito fundamental ao lado daquele de inconsciente. O caráter repetição é a tentativa de recuperação do que "*perdido uma vez, dez vezes reencontrado*"².

Atentado e o sorriso do Gato de Alice

Antônio iniciou uso de crack aos 22 anos, quando já fazia uso de álcool e maconha. Na adolescência, participou de assaltos e se envolveu em furtos e delitos. Ao contar sobre sua vida diz: "eu era atentado", o corpo se agita, era "o cabeça" dos adolescentes.

Ficou em situação de rua e foi acolhido em um abrigo após incendiar a sua casa. Queria pôr fim às alucinações que o atormentavam. O ato de incendiar a casa diante do desespero trazido pelas alucinações, coloca uma delas em destaque - a visão da mãe rindo - à qual ele nada comenta ou associa. Traz à lembrança uma cena em que a mãe briga com o padrasto, quebra várias coisas e sai de casa. Ele, pequeno e desamparado, corre à sua procura.

Relata sonhos para a psicóloga, a quem precisava ver e falar um pouco todo dia. Neles, faz de tudo para conseguir o crack, mas quando está quase fumando, não consegue.

Em outro, fica angustiada quando vê um palhaço do lado de fora da casa que será atacado por cachorros. Quer avisá-lo e não consegue, até que acorda com um grito.

Em contraponto ao horror, inventa um recurso para aliviar o peso da sua consciência e do seu passado: "rir".

1 Lacan, J. O Seminário livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*; Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2008, p. 27

2 *Ibid.*, p. 34

O ensinamento da clínica

A presença dos sonhos de angústia para esse sujeito indicaria a dimensão da fenda aberta pelo inconsciente que reintroduz na cadeia a posição do desamparo frente à mãe que aparece e desaparece?

O abandono do menino no meio da noite em busca desse objeto perdido se repetiria na iteração do consumo da substância? No sonho a presença do real provoca o despertar ao esbarrar na falta de representação.

Teria restado do par presença/ausência, o traço enigmático evocado pelo sorriso da mãe, como no Gato de Cheshire, que na sua evanescência e opacidade retornaria no real do gozo do Outro de forma alucinatória?

Para esse riso não houve piada, nem significação possível, comentário ou associação. Apenas o índice de um gozo silencioso, ao qual Antônio encontra-se submetido e que o faz rir de tudo em contraponto ao horror. Sua posição de sujeito se revela como a do palhaço, cifra da sua produção inconsciente. Esse personagem que ri da própria desgraça, a exemplo do Coringa (Joker), pela estereotipia do seu sorriso, traz a marca do insensato do gozo do Outro que incide sobre sua posição melancólica.

Diante da pergunta – se na toxicomania se trata de eleição ou rechaço do inconsciente – qual interpretação seria possível, se a toxicomania “revela de maneira brutal como se faz para evitar esse encontro com o inconsciente”?³ Como fazer do rechaço uma eleição?

Jacques-Alain Miller estabelece que a iteração faz parte do gozo e a toxicomania demonstra, de forma aguda, essa dinâmica circular.

Ainda segundo Miller, a interpretação “consiste em fazer ouvir, naquilo que o sujeito disse, a outra frase”.⁴ Essa leitura pode fazer o sujeito se dar conta dos significantes que se repetem, revelando a estrutura do fantasma que daria sustentação ao edifício subjetivo, fixando uma posição de gozo que pretende funcionar à revelia do inconsciente. Ainda que este faça alguma aparição, como nos sonhos de Antônio, que supõem a hipótese de um inconsciente forjado na relação que ele mantinha com a psicóloga.

Éric Laurent nos propõe a “interpretação ruptura”⁵, que remete à opacidade do gozo, introduzindo o impossível. Assim, cabe ao analista ler o que está além do dito, que é da ordem da letra. De acordo com Lacan: “o inconsciente é o que se lê”⁶, permitindo que uma fixação de gozo possa se reorientar, favorecendo que uma nova ficção possa ser construída pelo sujeito.

3 Feldman, N. Intervenção no Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Toxicomanias do IPSMMG em 05/04/2022.

4 Vídeoconferência de Jacques-Alain Miller - “Escuta com e sem interpretação”, Conversa com os russos, 15 de maio de 2021.

5 Laurent, E. L'interprétation: de l'écoute à l'écrit. *La cause du désir* n. 108. Paris, Navarin, juillet 2021.

6 Lacan, J. O Seminário, livro 20, *Mais, ainda*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985, p. 38.

No caso de 'atentado', o sonho enquanto uma manifestação do inconsciente consegue furar o efeito alienante da substância. O trabalho acontece na contramão do sentido com esse significativo mestre, pois sua fixação como sendo a de um menino levado o coloca em situação de risco e a droga é o seu apogeu. Sob transferência, este significante pôde ser escutado de outra forma, como a de um sujeito que, tocado pela linguagem, goza com o corpo.

Dos comentários de Marie Françoise De Munck,⁷ recolhemos algumas reflexões cruciais para nossa investigação acerca das toxicomanias a partir do que esse recorte clínico nos permitiu pensar:

Sustentamos a hipótese de que a psicanálise lança luz sobre a dimensão do inconsciente real, impressão do trauma inicial, diferenciando-se do inconsciente transferencial, que já é um tratamento desse traumatismo através da linguagem.

Isso dá lugar a duas modalidades transferenciais: a primeira, dirigida a um sujeito supostamente conhecedor e outra que se dirige a um analista enquanto testemunha da iteração. Essa posição de testemunha converte o analista em intérprete ou aparece como uma espécie de prótese?

A posição do analista como leitor do que é fora de sentido para um sujeito, parece-nos ser decisiva na clínica das toxicomanias, na direção de um efeito propriamente analítico que se distingue de outras tantas abordagens que tratam das questões de álcool e outras drogas.

Não se trata, tão somente, de estar junto ao sujeito ante um enigma que não pode desdobrar-se em representações significantes; senão que esse enigma pode fazer-se suportável na reiteração do vínculo: ver a terapeuta todos os dias como no recorte que apresentamos. Falar com ela, mesmo que sem maiores possibilidades elaborativas, pareceu ter ajudado o sujeito a suportar o horror.

**Participantes: Daniela Dinardi, Giovanna Quaglia, Fernanda Turbat, Maria Célia R. Kato e Sarita Gelbert*

7 A partir dos comentários de Marie Françoise De Munck (TyA Bruxelas) no 3º Colóquio Internacional TyA.

A INTERPRETAÇÃO REALMENTE POSSÍVEL?

Pierre Sidon (Paris, França)*

A toxicomania é mais frequentemente um sintoma social que individual¹. O adicto tem frequentemente mais contato com as instituições que se ocupam dele, que um endereçamento a um analista. O que ele demanda a estas instituições? Um acolhimento e cuidados, quando ele está a um ponto de ruína para até mesmo consentir à abstinência. É assim que vem do corpo a primeira interpretação. Ela é real, como um dejetivo no qual o adicto está condenado a transformar-se. O profissional deve primeiramente consentir a esta interpretação. Ele não está certo que ele possa ser autor de uma outra e ainda menos que o paciente possa escutá-lo. Ao contrário de uma cura analítica, não é o paciente que deve acreditar no sintoma, mas o analista. Porém, se o tratamento institucional é orientado pela singularidade do caso, pode erguer-se à altura da instância deste real e fazer peso. Os efeitos analíticos encontram então um lugar por acréscimo?

Assim C., alcoólatra há dez anos, em tratamento sem efeitos há dois anos, desencadeia uma diabetes perto da idade que tinha seu irmão quando se suicidou. Ele decide então colocar em funcionamento muitos dispositivos elaborados há meses nas entrevistas: trabalho pessoal de músico, ateliê institucional, formação e um novo trabalho que o salvarão. Ao mesmo tempo que T., jovem alcoólatra, sofre de um ataque cardíaco que introduz um limite. Mas é porque ele se dá conta que seu falecido tio consumia também, que ele pode tomar uma distância decisiva de um amor paterno que o identificava a este lugar mortal.

Frequentemente tudo se passa bem, quer dizer, nada acontece até a necessária saída do sujeito do dispositivo de acolhimento. Nada pôde tratar-se para D. anteriormente, mas ele acumula lapsos e atos falhos no momento de responder a uma proposta de alojamento social e de demandar a prolongação de sua estadia. Ele pretende viver de novo no seu carro. Ele interpreta: « eu nunca vivi só, jamais vivi, simplesmente; tenho medo: eu sempre fui dependente, de minha mãe, de companheiras; aos vinte anos eu vivia já com a cara na garrafa... Para desaparecer. Pequeno eu tinha

¹ « Podemos ser o agente de um sintoma social sem verificar um sintoma subjetivo. É aí que se introduz esta dimensão do sintoma que é dita essencial por Lacan, a saber: é necessário ainda acreditar nisso, para que haja sintoma. É necessário acreditar que se trata de um fenômeno a decifrar, um fenômeno onde é questão ler alguma coisa, eventualmente uma causalidade, as origens, um sentido. Do ponto de vista social, trata-se de uma certa segregação do toxicômano deixar o sujeito sob processos terapêuticos, e é de certo modo suplementar, processos terapêuticos que podem ser da mesma ordem do que se trata de curar, a saber, com produtos químicos de substituição, como é de fato a experiência em uma larga escala hoje. É suplementar que, no fundo, a psicanálise seja a primeira a decidir a acreditar, como em um sintoma e a tomar a via do deciframento. Então coloca-se a questão do consentimento ou não do sujeito, a que se cole um sintoma em suas costas, ele já é um toxicômano, agora é necessário ainda que ele tenha um sintoma, pela culpa de vocês de uma certa maneira...», Miller J.-A., *Curso de orientação lacaniana*, Paris VIII, Inédito, 2.4.97 (Tradução livre da citação pela tradutora deste texto)

a ideia que eu não viveria além da idade em que meu pai faleceu, que eu não seria um adulto». É porque a estadia tem um real fim que o inconsciente se manifesta, que ele é sublinhado pelos profissionais e que a interpretação, do sujeito, pode acontecer. Ele não continuará nesta via, mas pode, desde então, conseguir uma formação em um domínio que o apaixona. Nós prolongamos a sua estadia, pois um futuro parece desde então possível.

Acontece também de um sujeito não aceitar nenhuma intervenção terapêutica. A. vive de roubos e de violências como seu pai, ele se apresenta paranoide, invadido, pelos olhares que tenta decifrar para evitar uma ameaça onipresente. Ele recusa todo tratamento apesar da angústia e continua a consumir cannabis que o deixa mais paranoide. Nós o ameaçamos de despejo. Depois ele se diz resignado e encontra uma inserção profissional no mundo dos dejetos : coletor de lixo, depois condutor de uma máquina na usina de reciclagem : ele se recicla também, cessará de consumir e fará uma metamorfose : « se eu fui violento, diz ele chorando, é porque eu só conheci isso».

No caso em que o sujeito pode escutar uma intervenção que faz ressoar o corpo, ele pode ter acesso à vida na qual o destino indica um impasse : B. recusava o tratamento de uma doença crônica, apesar de uma primeira manobra vivificante que consistiu em recolher e ler os escritos que ela arquivou até aqui. O analista se sobressalta assim que ela confessa pela primeira vez que sua tia morreu da mesma doença que ela recusa tratar : « Tua doença celíaca não é a doença celíaca da tua tia ! » (*¡Tu celiaquía no es la de tu tía!*), - em espanhol há uma ressonância entre doença celíaca e tia -, e o corte imediatamente posterior da sessão constituíram as intervenções naquele momento, as quais visavam desarranjar esta posição de recusa radical a deixar-se ajudar. A abertura ao tratamento médico e o acolhimento dos escritos abriram a via à confissão que estes visavam a ordenar as alucinações verbais e à aceitação de um tratamento farmacológico que se substituísse ao consumo de álcool problemático.

Mas quando o sujeito não pode escutar-se, às vezes é um dispositivo institucional que pode ajudá-lo. M. fala em geral mais do que ele escuta, que ele se escuta. Em um momento de ateliê de expressão um participante conta : « Quando eu bebia, eu me olhava no espelho e me dizia: tu não és tão feio. Isso me permitia continuar a beber ». M. acrescenta, hilário : « Eu me olhava no espelho e Oh surpresa ! : era um árabe ! » Nós fazemos valer a significação injuriosa que ele não escutava. Em seguida ele se dá conta de seu próprio racismo e em uma apresentação de pacientes conta sobre o desencadeamento de uma auto acusação nunca antes confessada, e o início de sua descida aos infernos.

Apesar da rejeição do inconsciente², um toque do inconsciente não é sempre impossível. Um sujeito pode tomar uma decisão de viver que ele não poderia esperar do discurso do mestre.

Traduzido por Fernanda Turbat

**Participantes: Camille Burais, Coralie Haslé, Jacqueline Janiaux, Éric Colas, Tomás Verger*

2 Lacan J., *Televisão. Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 524.

AS ADICÇÕES, NOVAS FORMAS DO MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO

Nelson Feldman (Genebra, Suíça)

A psicanálise está engajada na clínica de nosso tempo. A prova : nós fomos mais de trezentos colegas conectados por videoconferência para o colóquio do TyA. Depois de dois anos de Covid e de restrições dos encontros, a rede internacional do TyA foi convocada em torno do tema *Adicções : rechaço ou escolha do inconsciente ? Efeitos de interpretação nos tratamentos pela palavra dos toxicômanos.*

Os trabalhos e discussões debruçaram-se sobre os pontos seguintes :

Rechaço ou escolha do inconsciente

A questão sobre a rechaço ou a escolha do inconsciente inscreve-se em uma época que rechaça o inconsciente. Numerosos são os tratamentos propostos às toxicomanias sem levar em consideração o inconsciente : tratamentos coercitivos, métodos psico-educativos ou puramente farmacológicos.

O “rechaço” do inconsciente é um fenômeno que concerne não unicamente às toxicomanias, pois numerosos sujeitos buscam hoje uma resposta ao mal-estar ou aos sintomas sem interrogar o lugar do inconsciente no seu sofrimento. No entanto, nos sujeitos adictos, é no uso metódico da droga que se opera este rechaço. A palavra é deixada de lado durante o período de consumo, para tratar o mal-estar pelo efeito da substância, uma solução radical. É justamente pela palavra que se pode fazer surgir as noções de *achado* e de *surpresa* do inconsciente. Lacan sinalizou que « os psicanalistas fazem parte do inconsciente, posto que constituem seu destinatário».¹

Um tratamento pela palavra com a presença do analista

Na orientação lacaniana trata-se de um tratamento pela palavra sob transferência, uma transferência criada com o sujeito a partir da demanda de tratamento. A transferência, colocada em relevo por Jacques Lacan no seminário 11 como um dos conceitos fundamentais da psicanálise, é aprofundada nos diferentes casos apresentados neste colóquio.

Como indica o texto de Wilma Faria e seus colegas, a clínica das adicções inscreve-se no campo do mais-de-gozar no corpo. No caso Y a paciente é tomada em um sem-limite da adicção frenética ao trabalho, acompanhada pela ingestão de opiáceos para « anestesiar» e submeter-

¹ Lacan, J. Posição do inconsciente, *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998, p. 834.

-se a um Outro que exige sempre mais. Essa solução se revela precária e uma passagem ao ato abrirá a porta ao início de um tratamento pela palavra. O encontro com o analista permite criar uma escansão e uma distância com o ato : o tempo de ver e de compreender. Este trabalho aborda a mudança possível do sujeito em tratamento em sua relação ao Outro e a possibilidade de ocupar «um outro lugar no mundo», sem ser o objeto indispensável para o Outro.

Antônio, o caso apresentado por Cassandra Dias, marcado pela precariedade subjetiva e o desligamento, sublinha a importância da presença e disponibilidade do analista, necessários para suportar o real do horror que habita o sujeito.

As formações do inconsciente e o sonho do toxicômano

Esta presença do analista oferece uma abertura ao inconsciente e o sujeito leva seus sonhos de angústia : um palhaço atacado por cachorros, o que parece com a sua posição de sujeito que ri de suas próprias desgraças. Como indicado por J. Lacan no Seminário 11, o inconsciente se apresenta sob a forma da descontinuidade, pulsátil, sob a forma das formações do inconsciente.²

Os toxicômanos sonham? Sim, e é frequente em períodos de parada do consumo. O inconsciente surge através de sonhos contados à analista no caso de Antônio e de seu pesadelo repetitivo de tomada de crack sem sucesso. A droga no sonho não ocupa o mesmo lugar que em uma situação de consumo habitual.

Qual interpretação?

No colóquio, um outro ponto abordado foram os efeitos de interpretação que comportam diferentes modalidades possíveis. Segundo J.-A. Miller, a interpretação « porta sobre fazer escutar, no que o sujeito diz, a outra frase». ³ Os casos clínicos apresentados mostraram a extração feita pela análise com tato e fineza e Fabián Naparstek deu os detalhes em sua conclusão.

No caso descrito por Wilma Faria há uma escansão, um antes e um depois da passagem ao ato e trata-se de criar « uma pequena invenção», um novo lugar, para tratar do corpo, com um necessário ponto de suspensão.

No caso de Antônio, que adota o riso do palhaço, não há significação possível mas « vestígio de um gozo silencioso». O sujeito rememora sua infância, sua mãe em errância na noite e uma alucinação que se repetia, era justamente o riso de sua mãe. É o lugar do analista, ocupado pelo praticante, que permitiu ao sujeito trazer esses significantes.

O Outro da instituição

Em algumas situações de mais-de-gozar sem limites, o lugar da instituição permite a tomada de distância do consumo e a possibilidade de fazer um ponto de freio. Trata-se de um Outro

2 Lacan, J. O Seminário, livro 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1988, p. 23-32.

3 Miller, J.-A. A escuta com e sem interpretação, 15.05.2021, <https://www.youtube.com/watch?v=F56PprU6Jmk>

que pode conter, daí a importância de propor um dispositivo de palavra, para tratar o mal-estar.⁴ A vinheta do TyA Paris do Sr. D. mostra esta função de contenção do Centro de acolhimento para um paciente que consegue «estabilizar-se», embora, em aparência, nada se mobilize em seu modo de funcionamento. Mas no momento de postular uma mudança de residência para deixar a instituição, o sujeito vacila e aparecem lapsos e atos falhos. Isso funcionará como um ativador de novos projetos, de sair de um lugar de passividade e de tomar parte ativa nessa instituição.

Os desafios clínicos e um roteiro para o TyA

Em muitos casos apresentados a severidade acompanha esta clínica dos sujeitos desbuscados que buscam um equilíbrio precário entre a tomada de substâncias. As dificuldades nestes tratamentos pela palavra são ligadas igualmente a situações de grande fragilidade e proximidade com a morte. A prática entre-vários se revela preciosa nestas situações.

Este colóquio colocou em evidência a importância do conceito lacaniano de gozo que caracteriza esta clínica do excesso, do sem limite, sem borda.

Neste século XXI, a lógica capitalista do consumo e do sujeito consumidor favorece uma modalidade de laços sociais utilitaristas baseados na satisfação imediata das necessidades. As adições, novas formas do mal-estar contemporâneo, inscrevem-se nesta lógica.

O ensino de Jacques Lacan e de Jacques-Alain Miller nos dá uma bússola para a clínica. Os diferentes grupos e membros da rede TyA produzem há alguns anos um saber acessível através de numerosos textos e publicações.

Devemos manter o trabalho em comum da rede internacional TyA a partir do tema do próximo colóquio, tendo em conta o contexto de cada região e país.

Continuemos a estimular a participação e a integração dos colegas interessados por esta apaixonante clínica contemporânea!

Traduzido por Fernanda Turbat

4 Zenoni, A., *L'autre pratique clinique, psychanalyse et institution thérapeutique*, Ères, Toulouse, 2014.

TRÊS PERSPECTIVAS LACANIANAS SOBRE A TOXICOMANIA

Fabián Naparstek (Buenos Aires, Argentina)

O TyA tem uma marca, que é uma marca de origem, e que temos sustentado no tempo. O TyA produz uma elaboração coletiva, própria de uma comunidade de trabalho. Esta última é uma elaboração sempre muito próxima da clínica e onde se apresentam trabalhos dos diferentes grupos ao redor do mundo.

Por sua vez, temos uma orientação muito precisa. Como já assinalado por Ève Miller – Rose no início, partimos de tomar a proposta de Jacques-Alain Miller no argumento: «*Nada de escuta sem interpretação*»¹. Haveria que definir o que chamamos de interpretação em cada caso, porém hoje fica claro que em nossa orientação há uma escuta muito precisa e que tem efeitos.

Perante um gozo excessivo se isola, se localiza, se extrai, se sanciona algo. Se constata um detalhe. No trabalho dos colegas de Bruxelas, Hélène Coppens assinala que se faz existir uma dor em uma monomania de Valtran. O analista constata e certifica essa dor. Na exposição de Rennes, Éric Taillandier sublinha como se localiza um insuportável. Vai-se da névoa para o véu. Localiza-se que há um consumo que antecede cada relação sexual. Na apresentação da Suíça, Nelson Feldman localiza uma fantasia de submissão ante o excesso de pornografia. Em uma das apresentações da Argentina, Nicolas Bousoño sublinha o “andar com o que é meu” e a “chave francesa”, extraíndo um “uso singular da palavra”. Assim como, em um dos trabalhos do Brasil, Maria Wilma Faria destaca que um acidente funciona como um antes e um depois em um tempo que não tinha cortes nem fissuras. Por sua vez, no outro texto do Brasil, Cassandra Dias indica que o significante “atentado” é extraído e se abre assim uma brecha para o inconsciente. Na apresentação que nos trazem os colegas de Paris, Eric Colas localiza os eventos corporais e é assinalada a doença celíaca - “não como a da tia” - como um “toque do inconsciente”. Desde Barcelona, por seu turno, Juan Manuel Alvarez extrai em um dos casos o significante “Saltinbanqui” ante um consumo de tudo, de tudo o que há.

Temos uma clínica dos desorientados – *desbussolados* - pelo excesso; dos deslocados e a análise empurra para uma clínica localizada. Localiza-se algo, se constata um evento, se sublinha um significante, se faz aparecer o corpo, etc. Ante um consumo generalizado e excessivo, se localiza algo singular.

Isto segue a proposta do trabalho lido por Luis Salamone – o outro trabalho apresentado pelo TyA da Argentina - onde se ressalta o aspecto do singular e o que se repete do lado do excesso.

1 Miller, J.-A. Pas d'écoute sans interprétation, *La cause du désir* n. 108. Paris, Navarin, juillet 2021.

O que itera. Aí onde itera algo, por sua vez, aninha o que Ernesto Sinatra tem trabalhado com o termo de *adixão* com X, como algo singular.

Contudo, esta clínica da orientação lacaniana tem suas chaves de acesso. Como o paciente que encontrou *sua chave francesa* na análise. Nós temos nossas chaves: nossas chaves para localizar estes elementos na clínica. Que também é ajustável para cada caso.

Ao meu gosto, Jacques-Alain Miller localiza três chaves ou referências diferentes em três momentos diferentes de seu curso da *Orientação Lacaniana*. De fato, as três referências têm sido usadas – de uma ou outra maneira - ao longo do colóquio.

Refiro-me, em primeiro lugar, à toxicomania e o falo. O que usualmente chamamos a clínica da ruptura com o falo, apresentada por Jacques-Alain Miller em um texto central para nossos trabalhos. Refiro-me ao texto chamado, “Para uma investigação sobre o gozo autoerótico”, de 1989². Em segundo lugar o que poderíamos chamar a clínica das toxicomanias e o *objeto pequeno a*. Neste caso temos a proposta de Jacques-Alain Miller da “toxicomania como um anti-amor”; remeto-me à “Teoria do parceiro” dos anos 1996 e 1997³. Em terceiro lugar, podemos retomar a relação entre a adicção e o sintoma. Nesse momento Jacques-Alain Miller parte de sua colocação sobre a iteração. Encontramos essa referência, fundamentalmente, no Curso “O ser e o Um”⁴ do ano 2011. Nas duas primeiras, se fala de toxicomania e somente em 2011 Jacques-Alain Miller fala de adicção. Dali surge o trabalho de Ernesto Sinatra da *adixão* com X.

Desde minha perspectiva as três versões são muito atuais para abordar nossa clínica e não incompatíveis entre si. De fato, em 2019 Jacques-Alain Miller retorna na conversação clínica de Uforca à clínica do *objeto pequeno a* com um caso de Sonia Chiriaco – “Sobre a linha”⁵ – dizendo que ultimamente temos abandonado um pouco a referência ao *objeto pequeno a*.

Pois bem, abre-se para nós uma investigação clínica em torno destas três chaves ou ferramentas ou referências em nosso campo – que nos propõe Miller. Investigação que também tem no horizonte o tema do singular e do geral a partir do tema de nosso próximo Congresso da AMP: “Todo mundo é louco”. Para lá vamos!!!

Só me resta agradecer à comissão de organização do colóquio: Nadine Page e Nelson Feldman, com David Briard, Cassandra Dias, Darío Galante, Pierre Sidon, e o apoio de Ève Miller-Rose e Anne Ganivet-Poumellec pela Fundação do Campo Freudiano.

Traduzido por Paulo Sauce

2 Miller, J.-A., Para uma investigação sobre o gozo autoerótico, em *Pharmakon digital*, <http://pharmakondigital.com/para-uma-investigacao-sobre-o-gozo-autoerotico/>.

3 Miller, J.-A. A teoria do parceiro, texto publicado neste número de *Pharmakon digital*. Cf. p. 44.

4 Miller, J.-A.: “El ser y el Uno”, Curso de la Orientación Lacaniana III. Algumas das aulas do curso se encontram editadas na Revista Freudiana, Barcelona, Espanha.

5 “Sobre la línea” em *La Conversación clínica ; Uforca*. Pela Universidad Popular J. Lacan, sob a direção de J.-A. Miller. Buenos Aires, Grama, 2021, p. 117-118.



Autumn, Balthasar Permoser, v. 1685-1690.

ORIENTAÇÃO

A TEORIA DO PARCEIRO

Jacques-Alain Miller

Introdução

A questão do real foi a questão do século XX uma vez que o discurso da ciência, de modo particular, assenhorou-se da linguagem própria à retórica, e também confrontou a linguagem não com o verdadeiro, mas sim com o real. Concernindo ao nome próprio e avaliando até que ponto este nomearia o que verdadeiramente é, ou seja, o que é real, a famosa teoria das descrições definidas de Bertrand Russell (1905), rebento da empreitada de Gottlob Frege, é o anúncio dessa questão desde o começo do século.

A reflexão filosófica que provém dessa tradição tem como cerne a teoria da referência. Até que ponto a linguagem pode ou não tocar o real? Como a linguagem e o real se enlaçam, dado que a linguagem é potência de semblante e tem o poder de fazer ex-sistir ficções? Daí a idéia de que do ponto de vista do real a linguagem esteja doente, doente da retórica da qual ela está empapuçada, e que seria necessário curá-la por meio de uma terapêutica apropriada, para que ela verdadeiramente se torne conforme o real.

A grande ambição de Wittgenstein e de seus herdeiros é realizar uma terapêutica da linguagem, chegando a considerar a própria filosofia como uma doença que testemunha a infecção veiculada pela linguagem como potência das ficções. Não se trata de resolver as questões filosóficas, mas sim de mostrar que elas não se apresentam se nos curamos da linguagem, se a submetemos ao real.

É isso o que leva Lacan a passar do Nome-do-Pai ao Pai-do-Nome. Isso não é vã retórica. A nomeação – dar nomes às coisas, o viés por meio do qual Frege e Russell realizaram o questionamento da linguagem comum – não é a comunicação, não é a conversa fiada. A nomeação é a questão de saber como a conversa fiada pode se ligar a alguma coisa de real.

Em nosso vocabulário, é a função do pai que permite dar nome às coisas, ou seja, passar do simbólico ao real. Pode-se dispensar o Nome-do-Pai – Lacan o disse certa vez e Éric Laurent o fez passar ao uso corrente – sob a condição de dele se servir. Poder dispensá-lo significa dizer que o Nome-do-Pai, derivado do conceito de Édipo, não é da ordem do real. De fato, o Nome-do-Pai é um semblante relativo que tenta se fazer passar como sendo da ordem do real. Dito de outro modo, o Nome-do-Pai não é da ordem do que não cessa de se escrever. Eis por que Lacan elevou o sintoma, e não o Nome-do-Pai, como o que, na dimensão própria à psicanálise, não cessa de se escrever, ou seja, como o equivalente de um saber no real. Quando há o Nome-do-Pai, ele o é como uma espécie de sintoma, nada mais.

O sintoma é uma lei? Se ele o é, ele é uma lei particular a um sujeito, e podemos perguntar em que condições é concebível que haja sintoma para um sujeito. Se ele é da ordem do real, trata-se de um real bem particular, já que seria real para Um, e portanto não para o Outro. Como se sabe, é próprio ao real que só se o aborde um a um, e dessa constatação decorrem inúmeras conseqüências. Dito de outro modo, isso põe em questão o que é o real para a espécie humana.

Considerar que há sintoma para cada um dos que falam significa dizer que, no nível da espécie humana, há um saber que não se inscreve no real. No nível da espécie que fala, não há inscrição no real de um saber que diga respeito à sexualidade, ou seja, não há nesse nível o que chamamos de “instinto”, que leva, de forma invariável e típica para uma espécie, rumo ao parceiro.

O desejo não pode absolutamente servir-se disso uma vez que o desejo é uma questão. Isso causa perplexidade. A pulsão tampouco pode servir-se do instinto, já que ela nada assegura no nível do sexual em relação a esse Outro. Dito de outro modo, naquilo que o estimula a uma competição, a uma referência com a ciência, a existência do sintoma exige a modificação do conceito de saber no real que temos. Se há sintoma, então não há saber no real sobre a sexualidade. Se há sintoma como o que não cessa de se escrever para um sujeito, então há, de maneira correlata, um saber que não cessa de não se escrever, um saber especial. Não é o saber no real dado que ele não cessa de se escrever. Se há sintoma, é porque deve haver, para a espécie humana, um saber que não cessa de não se escrever. Esta é a demonstração que Lacan tenta fazer brotar da experiência psicanalítica. Se há sintoma, então não há relação sexual, há não-relação sexual, há uma ausência de saber no real que diga respeito à sexualidade.

É muito difícil demonstrar uma ausência de saber no real. O que, na experiência analítica, nos situa diante desta ausência?

O que a experiência nos ensina em cada caso que se submete à experiência analítica – Lacan nos fez perceber o seu valor e foi necessário que o formulasse para que isso se tornasse evidente – é a função determinante, em cada caso, de um encontro, um aleatório, um certo acaso, um certo “não estava escrito”.

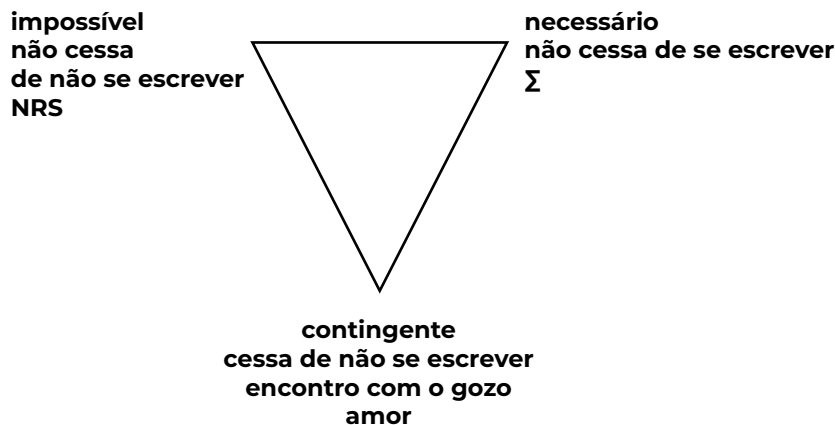
Isto se expõe, se evidencia com bastante clareza, no relato que um sujeito pode fazer da gênese de sua homossexualidade, ou o mau encontro, instância que de alguma forma irrompe e à qual o sujeito atribui de bom grado tanto sua orientação sexual quanto o encontro com certas palavras que decidirão para ele os investimentos fundamentais que condicionarão em seguida o modo pelo qual ele se remeterá à sexualidade. Além disso, sabe-se que em todos os casos o gozo sexual se apresenta sob a forma do traumatismo, ou seja, como não preparado por um saber, desarmônico ao que já estava lá.

Dito de outro modo, a constância específica que pode ser balizada na experiência analítica é exatamente a contingência, ou seja, é a própria variabilidade o que localizamos como uma constante. E a variabilidade quer dizer que não há um saber pré-inscrito no real. Tal contingência decide o modo de gozo do sujeito, e é nisso que ela torna evidente a ausência de saber no real no que diz respeito ao gozo e à sexualidade: um certo “não está escrito”. Isso se encontra, e

a partir daí o que funciona como real de referência não é mais o “não cessa de se escrever”, mas sim o “não cessa de não se escrever”, ou seja, a relação sexual como impossível.

Lacan procurou investigar, de uma forma que eu ousaria dizer torturante, a possibilidade de demonstrá-lo. O real de que se trata aqui é absolutamente diferente do real da ciência. Como demonstrar uma ausência de saber? Ele de bom grado permaneceu reservado quanto ao termo demonstração. Eis por que pôde dizer: “A experiência analítica atesta um real, testemunha um real”, como se, em nosso campo, a contingência regular, encontrada em todos os casos, atestasse o impossível. De alguma forma, trata-se de uma demonstração do impossível pela contingência.

É possível escrevê-lo no triângulo abaixo. O impossível, o “não cessa de não se escrever” é o nome da não-relação sexual (NRS); o necessário para cada um é o que “não cessa de se escrever” do sintoma. E se constatamos o particular do sintoma, ele a cada vez nos remete à NRS. O contingente do “cessa de não se escrever” o prova de algum modo, aparecendo sob duas formas essenciais: o encontro com o gozo e com o Outro, que podemos abreviar sob o termo amor.



Neste contexto, o amor quer dizer que a relação com o Outro não é estabelecida por qualquer instinto. Ele não é direto, e sim mediado pelo sintoma. Eis por que Lacan podia definir o amor como o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo o que nele e em cada um marca o rastro de seu exílio da relação sexual.

É evidente que o parceiro fundamental do sujeito jamais é o Outro. Não é o Outro nem como pessoa, nem como lugar da verdade. Ao contrário, o parceiro do sujeito, o que psicanálise sempre percebeu, é algo dele próprio: sua imagem – a teoria do narcisismo retomada por Lacan em “O Estádio do espelho” –, seu objeto a , seu mais-de-gozar e fundamentalmente o sintoma.

Eis esboçada a teoria do parceiro.

Um complemento à teoria do sujeito

Há muito tempo, quando era filósofo, extraí do ensino de Lacan o que chamei de a teoria do sujeito. Reunindo certo número de considerações sob a rubrica “teoria do sujeito”, respondi a um convite do próprio Lacan, que por diversas vezes referira o sujeito do inconsciente freudiano ao cogito cartesiano alterado, modificado, reescrito por ele. A teoria do sujeito foi estabelecida para permitir a comunicação entre o ensino de Lacan e as filosofias, em particular, a filosofia cartesia-

na, os filósofos pós-cartesianos, em especial a filosofia crítica de Kant, de Fichte e a fenomenologia de Husserl.

Esta tentativa, obviamente datada, de minha parte não provoca qualquer repúdio, mas sim um complemento. A teoria do parceiro é o complemento à teoria do sujeito.

O parceiro-Deus, bifronte

Aliás, o próprio cogito cartesiano “Penso, logo sou” possui um parceiro. Isto não é absolutamente um solipsismo. Há um parceiro no jogo da verdade.

Que parceiro é esse? Em primeiro lugar, muito simplesmente, seus próprios pensamentos, ou seja, o seu primeiro parceiro é seu próprio “eu penso”. Mas dizê-lo, todavia, já é dizer demasiado porque ele não pode isolar o seu “eu penso” de seus pensamentos, a não ser que ele cesse de se confundir com seus pensamentos, cessando pura e simplesmente de pensar os pensamentos que ele tem.

E quando ele cessa de se confundir com os pensamentos que tem? Quando ele se interroga a respeito de seus pensamentos. É evidente que quando ele o faz, ele deles se distingue. Ele se interroga – que idéia! – a ponto de saber se eles são verdadeiros, e até mesmo de saber como saber se eles são verdadeiros ou não. Isso basta para pôr minhocas em sua cabeça, em seus pensamentos. A questão da verdade introduz as minhocas – questão da verdade que, em Descartes, não se distingue da questão da referência, já que se trata de saber se o pensamento, em nossos termos, toca ou não o real.

Logo, logo a questão da verdade faz surgir a instância da mentira sob as formas de um Outro que engana. Eis o parceiro que então surge para Descartes: um outro imaginário, fictício, um Outro que engana, que lhe põe essas minhocas na cabeça. É com esse Outro que ele joga sua partida. *Meditações*, de Descartes, é o nome da partida jogada com o Outro que engana, o Outro cujos pensamentos de Descartes seriam apenas produções ilusórias, que ele emite para desviá-lo.

De saída, a partida jogada com o Outro enganador parece perdida, necessariamente perdida, já que o sujeito concede onipotência ao Outro– “você pode tudo” – portanto a potência de enganá-lo em todos os seus pensamentos, mesmo os que lhe parecem os mais seguros. A partida desigual, radicalmente desigual. O Outro enganador logo o despoja, recolhe todas as fichas, que são os pensamentos postos em jogo pelo sujeito cartesiano: quanto eles valem? E o Outro que ele imagina limpa a mesa. Todos os pensamentos podem ser enganadores, não valer nada. Nenhum deles traz em si a marca da verdade. Nada lhe resta. “Tudo perdido, pela honra”, acrescentou um rei da França.

O que torna o conto cartesiano encantador é o fato de o sujeito encontrar o móbil de seu triunfo em sua ruína. Nessa renúncia radical, nessa máxima pobreza, despojado de tudo pelo Outro, que tudo pode, exatamente aí, ele encontra o seu ser. Ele o encontra em um puro “eu penso”, seccionado de qualquer complemento de objeto, um “eu penso” absoluto, no sentido literal, etimológico, ou seja, um “eu penso” seccionado, cortado.

O real e o pensamento coincidem quase por milagre. Uma vez usando este pequeno resto que lhe fica como resíduo uma vez salvo do Outro-que-tudo-pode, a partida está ganha. Um

novo império está ganho, pois paulatinamente o sujeito do cogito recupera seu verdadeiro parceiro, isto é, o Outro que não engana, esvaziando portanto a ficção do Outro que engana.

É completamente diferente continuar a partida com o Outro que não engana. Sem dúvida onipotente, porém veraz, pois a onipotência – este é o axioma de Descartes – se amesquinha pela mentira. A mentira sempre testemunharia um ser diminuído. Onipotente, portanto confiável. Um parceiro confiável, ainda que onipotente, é impotente, ele te deixa em paz. Descartes conquista em *Meditações* um Outro que o deixa na santa paz de Deus.

A vantagem do Deus de Descartes – continuamos vivendo às custas dos juros ganhos por ele – é que não precisamos nos inquietar com ele. Ele não te trairá, nem te pregará peças. Não forjará tocaias, tampouco surpresas. Não exigirá sacrifícios. O maravilhoso é que esse Outro onipotente se mantém bem tranqüilo. Ele representa tudo aquilo que estabeleceu de uma vez por todas. Podemos ocupar-nos de coisas sérias, pois ele é confiável e não nos incomodará.

Para Descartes, isso que é sério consiste em tornar-se senhor e possuidor da natureza. O Outro lá de cima não mete o bedelho nas coisas daqui de baixo. Aliás, ele não tem nada a dizer sobre nada. Onipotente! Onipotente, a ponto de não poder mentir. Tal é o giro extraordinário de Descartes: o Outro é tão potente, ele pode tanto, que não pode mentir, pois isso o diminuiria, não é digno dele, não está de acordo com a sua definição lógica. É o silêncio divino! Esse silêncio, é divino! Aliás, é o que nos permite, fora disso, ficar bestando por aí, pois estamos à espera de que ele faça vista grossa.

Devemos a Descartes o Deus dos filósofos. Foi ele que o pôs no mundo, ajudado pela teologia, que muito fez para calar a boca de Deus. Isso, porém, só se realizou plenamente com Descartes. O Deus para a ciência. O Deus deduzido, logicamente deduzido.

Este Deus, o parceiro-Deus, nada tem a ver com o Deus do texto, o Deus escrutado pelo significante bíblico. O Deus do texto bíblico é um Deus atormentado, mentiroso e atormentador, caprichoso e furibundo, irritado, que prega peças incríveis à humanidade, como a invenção de delegar seu filho para saber o que se fará dele, e como ele próprio aguentará o tranco. Pascal e Kierkegaard se relacionavam com o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, e isso era completamente diferente. Ter um parceiro como esse para jogar a partida não traz de forma alguma quietude, mas sobretudo temor e tremor.

Há uma diferença entre esses dois Deuses-parceiros: esse último deseja, o Deus da ciência não.

O primeiro capítulo da teoria do parceiro concerne ao parceiro-Deus, bifacial.

O parceiro-psicanalista desejo

O segundo capítulo poderia ser a psicanálise, dado que o sujeito nela busca e – espera-se – nela encontra um novo parceiro, o psicanalista. Com quem se parece o parceiro-psicanalista, o parceiro-Deus ciência ou o parceiro-Deus desejo? Com os dois. De um lado. há o analista-ciência. Procura-se o analista medalhão, bastante confiável, nada caprichoso, inalterável, ou ao menos que não se mexa muito. Lacan chegava a imajar essa parceria comparando o analista com o morto na partida de bridge, o que convidaria, portanto, o analista a sustentar uma posição cada-

verizada, reduzindo sua presença a uma função do jogo e tendendo a confundir-se com o sujeito suposto saber.

Na outra face, porém, há o analista-desejo. Mesmo se o seu silêncio é divino, sua função comporta que ele fale ao menos de vez em quando, o que chamamos de interpretação. Isso conduz o sujeito a interpretar os ditos do analista. Desde o momento que o analista fala e se o interpreta, seu desejo entra no jogo. E não se recuou de fazer do desejo do analista uma função da partida jogada na análise.

Assim, se nos fizermos a questão de saber se o analista lembra o parceiro-Deus ciência ou o parceiro-Deus desejo, somos forçados a concluir que ele lembra os dois.

O que nos obriga a compará-lo com o parceiro divino? Sem dúvida é mais razoável compará-lo com o parceiro na vida, o parceiro vital. Observa-se com freqüência que se recorre ao parceiro-analista quando algo não vai bem com o seu parceiro na vida. Em uma análise, isso se revela às vezes desde o início, outras no decorrer da análise.

Queixamo-nos de nosso parceiro vital ao parceiro-analista de várias maneiras. Fenomenologicamente, isso ocupa parte considerável do tempo das sessões. Com freqüência, vamos ao encontro do parceiro-analista para perguntar o que devemos fazer com o parceiro vital, por exemplo, como pudemos ter sonhado em se juntar com semelhante praga. Ou ainda, para suportá-lo, para decifrá-lo, quando, por exemplo, não conseguimos entender o que diz, os sinais que emite, as mensagens ambíguas, equívocas, até mesmo maldosas, como se ele falasse por enigmas, e também por que nos ferimos com isso que ele nos diz. Em suma, tratamos a questão do desejo do parceiro junto ao parceiro-analista.

De maneira geral, uma mulher não consegue digerir o que diz seu homem, tampouco o que diz sua mãe. Isso vai longe, e toda regra tem sua exceção. Do lado do homem, freqüentemente o problema consiste em não conseguir escolher um parceiro, não estar certo de qual seria o melhor, caso tenha vários, ou se ele é bom, caso tenha um. Quando não o temos, e quando pensamos no fato de não tê-los, nos perguntamos por quê. O que impede de tê-lo? Em todos os casos, recorrer à análise implica introduzir um parceiro suplementar na partida jogada pelo sujeito com um parceiro eventualmente imaginário.

A clínica, é o parceiro

Já podemos dizer que o que chamamos de clínica é o parceiro. Na análise, o parceiro é o real como impossível de suportar. Às vezes, o verdadeiro parceiro são os pensamentos, como para Descartes, no começo. É possível que o sujeito não consiga suportar os pensamentos que lhe ocorrem e sejam estes que o persigam. Como conseguir não pensá-los, como conseguir pensar em outra coisa? Em seguida, lá está ele recapturado por seus pensamentos. Ele se esforça em anular seu próprio "eu penso", por exemplo, intoxicá-lo ou anestesiá-lo. É na trama com seus pensamentos que se joga a partida. É nela também que, em determinada forma clínica, pode ocorrer a idéia de suicídio, entendido aqui como uma forma radical de se divorciar de seus pensamentos.

Às vezes o parceiro essencial é o corpo, exatamente aquele que se tem na cabeça, o que

encontramos tanto na histeria de conversão — menos freqüente hoje em dia, menos popular — como na clínica psicossomática.

Por fim, recorrer à análise é sempre substituir um casal pelo outro, ou minimamente sobrepor um ao outro. Aliás, o cônjuge, quando ele existe, nem sempre lida muito bem com isso; ele se opõe, tolera e, eventualmente, procura um analista. Como pude dizer certa vez, o cônjuge nem sempre é o sujeito com o qual estamos casados, tampouco aquele com quem dividimos a cama, o concubino.

À ocorrência de o parceiro cônjuge ser o pai chamou-se histeria feminina, e disso fez-se uma categoria clínica à parte. É claro que o parceiro cônjuge pode ser a mãe. O que nomeamos como o obsessivo? O sujeito cujo parceiro é o pensamento. No caso do Homem dos Ratos, fala-se sobre a dama de seus pensamentos. Trata-se antes, contudo, de seus pensamentos sobre a dama. Ele goza precisamente com seu pensamento. E o paranóico? O paranóico é aquele cujo parceiro é o que dizem os outros e que o visam de maneira maldosa.

O parceiro tem várias caras. Em uma palavra, o parceiro é multifacetado. Muita variedade, muita diversidade, mas não deixem de procurar o parceiro. Não se deixar hipnotizar com a posição do sujeito sem se perguntar: com quem ele joga a partida?

Na psicanálise, o parceiro é uma instância com a qual o sujeito está ligado de forma essencial, uma instância que lhe causa problemas e que eventualmente é enigmática.

As versões lacanianas do parceiro subjetivo

Como circunscrever o parceiro tomado nesse sentido? Em primeiro lugar, o sujeito não consegue suportá-lo, ou seja, ele não consegue mantê-lo homeostático. Nos primórdios da psicanálise, foi como se considerou o traumatismo.

Em segundo lugar, o sujeito goza repetidamente disso, como na análise. De modo geral, isso se evidencia. Isto significa dizer que o parceiro tem status de sintoma. Sem dúvida o parceiro sintoma é a fórmula mais geral para recobrir o parceiro multifacetado.

Façamos um pequeno retorno a Lacan, que de fato procurou saber quem é o parceiro fundamental do sujeito. A primeira resposta foi dada a partir de 1953: “um outro sujeito”. Trata-se de uma concepção dialética da psicanálise, a introdução de Hegel na psicanálise, tida como bizarra e apresentada por Lacan como um retorno a Freud. Nessa noção, há sintoma quando o Outro sujeito que é o seu parceiro fundamental não reconhece o seu desejo. Daí, o retorno ao analista como o sujeito capaz de reconhecer os desejos que não foram reconhecidos como deveriam ter sido no devido tempo pelo parceiro-sujeito.

Pois bem, esse retorno a Freud era uma simples roupagem? Um simples travestismo? Não se pode dizê-lo, primeiro porque Lacan foi aos textos de Freud, fez renascer a leitura de seus textos, na verdade um primeiro nascimento, pois eles até então nunca tinham sido trabalhados desta forma.

Contudo, havia uma necessidade profunda para que a introdução de Hegel na psicanálise

se traduzisse como um retorno a Freud. Por quê? A dialética implica que o Outro sujeito, simetricamente, se institua na relação intersubjetiva. Se o paciente era reconhecido como o sujeito que devia se realizar na operação analítica, seu interlocutor, o parceiro, devia, ele também, ser um sujeito realizando-se na mesma operação. Disso decorre a necessidade lógica de valorizar o sujeito Freud, que fundou a psicanálise na própria operação analítica. Neste sentido, era necessário que tal introdução de Hegel se apresentasse como um retorno ao sujeito Freud, que inventara a psicanálise pela mediação dialética de seus pacientes. Por extensão, isso valeria para o próprio Lacan, reinventor da psicanálise no rastro de Freud.

Nessa primeira visão, a partida era concebida como sendo sempre jogada com um outro sujeito, até mesmo outros, conforme o momento da sua história, este ou estes outros não o reconhecendo como sujeito e o analista substituindo o Outro sujeito histórico reticente.

Ora, Lacan partiu daí, mas não parou, a problemática do parceiro permanecendo como eixo de toda a sua pesquisa. Ela implica – é o que falta à teoria do sujeito - que o sujeito como tal é incompleto, e que necessita de um parceiro, a questão sendo a de saber até que ponto ele o necessita. De fato, o primeiro parceiro inventado por Lacan, na via de Freud e de “Introdução ao narcisismo”, foi o parceiro-imagem ou, mais precisamente, o parceiro narcísico. “O estádio do espelho” narra que o parceiro essencial do sujeito é a sua imagem, e isso em razão de uma incompletude orgânica de nascimento, chamada de prematuração.

Foi daí que Lacan inventou o parceiro fascinante, porque não especular, o parceiro abstrato e essencial, cujo lugar encontramos na meditação filosófica: o parceiro simbólico.

A série dos parceiros

Prossigo declinando as versões lacanianas do parceiro subjetivo.

O primeiro dos parceiros é o parceiro-imagem e o segundo, o parceiro-símbolo. Uma série assim se esboça, cujos termos podem ser enumerados. Não é inútil interrogar-se antes dessa enumeração sobre o fim da série. E qual ele é? Situemo-lo imediatamente. O fim da série dos parceiros é o parceiro-sintoma.

imagem
símbolo

sintoma

Jogar sua partida

Um parceiro é simplesmente aquele com quem jogamos a partida. Podemos nos referir à etimologia no que ela comporta de aleatório ou de contingente, sendo o contingente a própria marca do significante. A palavra parceiro provém de *partner*, palavra inglesa, importada pela língua francesa na segunda metade do século XVIII, o século francês no mundo em que era o francês a língua globalizada.

Por sua vez, o termo inglês *partner* foi tomado do francês antigo, curiosamente do termo

parçonier, que significava “associado”¹. Poderíamos traduzir parceiro (*partenaire*) com o termo associado. O parceiro é tanto o sócio com quem dançamos quanto aquele ao lado do qual exercemos uma profissão, ou partilhemos uma disciplina ou um esporte. É também aquele com quem conversamos ou transamos. Com o parceiro, somos parte interessada “em uma partida”.

A própria palavra partida (*partie*) mereceria que nela nos detivéssemos, destacássemos os paradoxos que chegam àqueles do objeto parcial, como se diz na psicanálise, e a partir do qual Lacan forjou o objeto *a*. A palavra partida designa o elemento do todo. Esta é a primeira definição do dicionário *Robert*. Na seqüência das definições, das traduções semânticas propostas pelo dicionário, descobrimos, de forma sempre ambígua, equívoca, que a palavra partida também designa o próprio todo, já que ela comporta as partes interessadas nesse todo. É por aí que a palavra partida está ligada ao jogo (*jeu*). Ela designa não só a convenção inicial dos jogadores, como também a própria duração do jogo, “no final do qual são designados ganhadores e perdedores”, diz o *Robert*.

Se esboço uma teoria do parceiro, é porque o sujeito lacaniano, aquele a quem nos remetemos, está essencialmente engajado em uma partida. Ele tem de maneira essencial, não contingente, mas sim necessária, de estrutura, um parceiro. O sujeito lacaniano é impensável sem um parceiro.

Afirmá-lo é aperceber-se do que há de essencial para o sujeito no que chamamos, desde Lacan, a experiência analítica, que não é nada mais do que uma partida, uma partida jogada com um parceiro. Trata-se de saber como compreender o que a partida de psicanálise pode ter de essencial para um sujeito, no sentido em que dizemos “a partida de cartas”. Como justificar o valor que pode tomar a partida de psicanálise para um sujeito senão postulando que existe fundamentalmente, e inclusive fora desse engajamento, quer este ocorra ou não, uma partida psíquica inconsciente?

O sujeito como tal está sempre engajado, quer o saiba ou não, em uma partida, o que supõe a existência da psicanálise, e que a partir desse fato, tentamos imaginar seus fundamentos, o que, por sua vez, conduz à hipótese de uma partida inconsciente. Se uma partida inconsciente é jogada para o sujeito, é porque ele é fundamentalmente incompleto.

A incompletude do sujeito foi ilustrada inicialmente por Lacan no estádio do espelho. Nos termos de nossa discussão, o estádio do espelho é uma partida jogada pelo sujeito com sua imagem. Ao considerarmos essa construção de Lacan, tendo como pano de fundo a elaboração psicanalítica, somos levados a dizer que “O estádio do espelho” é a versão lacaniana do narcisismo freudiano, do que Freud postulou em “Introdução ao Narcisismo” (1914). O narcisismo freudiano parecia propício para fundar uma autarcia do sujeito. Ele foi lido assim. Há um nível ou um momento em que o sujeito não precisa de ninguém, encontrando nele próprio o seu objeto. Fez-se do narcisismo freudiano a ausência de partida, e daí se suspeitou que seriam ilusórias as partidas

1 N. do T. O termo *parçonier*, que literalmente significa “o que divide”, provém da raiz *per*, que nesta variante tem a idéia geral de “procurar”, “encontrar”, “ocasionar” e “acarretar”. De seus três troncos, as idéias de “pôr no mundo”, de “preparar” e de “parte”, este último formou no latim, entre outras, as palavras *pars*, *partis* (algo acordado com alguém), *partitio* (partilha) e *participis* (que toma parte em); no francês antigo, *parçon*, *parçonier* e *partance*; no inglês, *partner*; e no francês, *part*, *partiel*, *partenaire*, *partage* e *participer*. Cf. Grandsaignes d'Hauterive, R. *Dictionnaire des racines des langues européennes*, Paris: Librairie Larousse, 1948.

que o sujeito poderia jogar em relação ao narcisismo. O estádio do espelho inverte essa leitura uma vez que ele introduz a alteridade no cerne da identidade-a-si, definindo desse modo um status paradoxal da imagem. A imagem de que se trata no estádio do espelho é ao mesmo tempo a imagem-de-si e uma imagem outra.

A partida imaginária do narcisismo, $a-a'$, foi descrita por Lacan como um impasse, tanto na vertente histérica quanto na vertente obsessiva da neurose. Dessa partida o sujeito sempre sai perdedor. Ele só sai às próprias custas.

Em seguida, como afirmamos acima, Lacan introduziu um outro parceiro que não a imagem, o parceiro simbólico, a partir da idéia de que a clínica como patologia se enraíza nos impasses da partida imaginária, impasses que necessitam de análise como partida simbólica. Supõe-se que essa partida simbólica ocasione o passe, isto é, uma saída exitosa para o sujeito.

A conversão de agalma em palea

Na perspectiva que tomo sobre a elaboração de Lacan a partir dos termos partida e parceiro, a análise deveria ser uma partida exitosa para o sujeito, o meio de ganhar a partida que ele perde no imaginário, e que constitui precisamente sua clínica. Daí o paradoxo da posição do analista como parceiro que, no sentido que Lacan lhe dá, é suposto jogar a partida simbólica para perdê-la. Como analista, ele só pode ganhar a partida sob a condição de perdê-la e de fazer o parceiro-sujeito ganhá-la. Sem dúvida a posição do analista comporta uma dimensão de abnegação. O que Lacan chama de “a formação do analista” se enraíza neste ponto: aprender a perder a partida que joga com o sujeito, de modo que o ganho seja do sujeito.

Talvez seja possível evocar, tal como presenciei, um fim de análise em sua rusticidade, sua ingenuidade, sua brutalidade, como diz Lacan, que valoriza o que isso comporta de ganho para o sujeito e de um certo desarvoramento correlato para o analista. Eis que ao fim de uma longa trajetória analítica o sujeito sonha que algo que só pode ser designado como *porcaria* sai de sua perna, de cor negra, a cor própria, dizem as associações, a um objeto do consultório do analista. Algum tempo depois, eis o sujeito que enuncia, com temor e tremor, que “ele é um porco”. Desse modo, ele faz recair sobre o analista a máscara do lobo que de fato se saciara com esse porco – ele próprio muito ativo do ponto de vista oral – durante anos. Algum tempo depois, esse sujeito, até então dócil, respeitoso, admirador do analista, termina por lhe dar uma flechada de Parthe²: “Você é um pentelho”. E isto é o fim. É o adeus, o golpe de misericórdia: “Estou vingado” – são esses os meios: a porcaria preta, o “sou porco” e o “você é um pentelho”.

Essa série constitui um fim de análise absolutamente sustentável. E eis o analista, lugar de verdade, reduzido à sua essência de merda. Como dizer de outro modo isso que para o sujeito desperta a sensação de um maravilhoso alívio na pesquisa da verdade e que não culmina na visão da essência divina? A elaboração verídica e os sentimentos que a acompanham, isso não passa de merda para o sujeito. Trata-se de uma verdade um pouco curta, mas isso pode, a meu

² N. do T. *Flèche du Parthe*, expressão erudita de meados do século XIX que evoca a astúcia guerreira dos Pártias, que simulavam fugir para surpreender o inimigo com flechadas atiradas de costas por sobre os próprios ombros; por extensão, expressão usada para designar ataque ou ironia dirigida a alguém no final da conversa ou do encontro.

ver, representar validamente um fim de análise, e não uma interrupção.

Nos três tempos que detalhei, percebemos uma envolvente, uma brutal – para o próprio sujeito – conversão do *agalma* em *palea*. A formação do analista situa-se exatamente no ponto de assumir a conversão do *agalma* em *palea*, e mais do que isso, de querê-la, mesmo que o sujeito seja a esse respeito ainda cego, que para ele isso seja impensável, inclusive doloroso pensá-lo.

O parceiro-símbolo

Falei sobre como Lacan descreveu as estruturas clínicas como impasses, não como impasses ilusórios, mas sim imaginários, no sentido de que a verdade tem estrutura de ficção. Com isso, procurava enfatizar que há tantos modos de tapeação, quanto de mentira, o passe sempre devendo ser buscado, desde o início de seu ensino, do lado do que não engana. Eis por que ele acreditou, a princípio, encontrar uma saída do lado do Outro, como Outro da boa fé, aquele que não engana.

Dessa forma ele distinguiu o outro imagem do Outro símbolo, afirmando que este último, por excelência, não engana. Como formula na página 455 de *Escritos*: “a solução dos impasses imaginários deve ser buscada do lado do Outro, distinguido por um A maiúsculo, sob cujo nome designamos um lugar essencial à estrutura do simbólico. [...] o garante da Boa-Fé necessariamente evocada pelo pacto da fala”. Enfatizo aqui o termo ‘necessariamente’. Para o primeiro Lacan, havia algo “que não cessa de se escrever quando se fala”. É a referência ao Outro que não engana.

Isso não significa que, nos próprios termos de Lacan (:458), nos confins da análise, na zona que diz respeito ao chamado fim de análise e que também é a expulsão do sujeito para fora do seu impasse, deve-se restituir na experiência uma cadeia significativa? Se opomos o parceiro-imagem e o parceiro-símbolo, o fim de análise é a restituição da cadeia significativa.

A esse respeito Lacan considerava três dimensões. Uma dimensão referida ao significado, a da história de uma vida vivida como história, e isso supõe então a epopéia narrada pelo sujeito, a narrativa contínua de sua existência; uma dimensão significativa, a percepção de sua sujeição às leis da linguagem; e o acesso à intersubjetividade, ao “eu” (*je*) intersubjetivo, por meio do qual a verdade entra no real. As três dimensões da cadeia significativa última valem antes de mais nada pela ausência que irrompe, a saber, pela ausência de qualquer referência ao desejo e ao gozo. É isto o que idéia de uma partida jogada com o parceiro-símbolo essencialmente comporta. A partida e sua saída exitosa deixam de lado tudo o que concerne ao desejo e ao gozo.

A fenomenologia da experiência analítica segue essa direção, pois nela abrimos mão de qualquer gozo assimilável ao que se obtém, de maneira mais ou menos satisfatória, com o parceiro sexual. A fenomenologia da experiência analítica parece pôr em evidência que o parceiro essencial do sujeito é o Outro do sentido. Como se diz, enfim pode-se falar na experiência analítica. Enfim é possível apor palavras sobre aquilo de que se trata, oportunidade que os acasos da existência não facilitariam ao sujeito. Dito de outro modo, parece que a análise funda, com seu método, com os meios empregados, o privilégio do semântico sobre o sexual.

Nesta perspectiva, a operação analítica pode ser definida como a substituição de todo par-

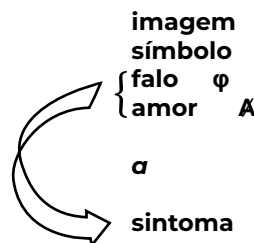
ceiro-imagem pelo parceiro-símbolo. É aí, restituindo essa dimensão, que torna-se possível apreender a primazia, retomada por Lacan em um segundo momento, do falo freudiano como significante.

Tal como o mostro, percebe-se que isso comporta uma modificação do conceito de Outro. O Outro por mim evocado era o Outro da boa fé, o Deus dos filósofos. Considerar o falo como significante significa degradá-lo, afirmar que nele há desejo, motivo pelo qual Lacan considerou o falo como o parceiro-símbolo. Ele assim arranca o desejo do imaginário, atribuindo-o ao parceiro-Outro.

O falo é um significante. A inovação, que fez tremer a prática analítica em suas bases, quer dizer que o Outro não é apenas o Outro do pacto da fala, mas também o Outro do desejo.

Por essa razão, o parceiro-símbolo é mais complexo do que se pode pensar à primeira vista, o que levou Lacan a reler e reescrever a teoria freudiana da vida amorosa em que o parceiro-símbolo aparece, de um lado, como parceiro-falo e, de outro, como parceiro-amor, ou seja, não somente como o parceiro da boa fé em relação às tapeações imaginárias, mas também como um parceiro complexo que se apresenta com uma dialética diversificada segundo os sexos. É disso que trata “A significação do falo”, texto várias vezes comentado por mim.

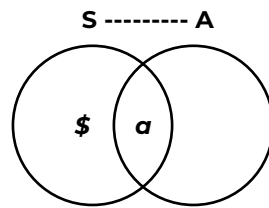
Acrescentemos a nossa série o parceiro-falo e o parceiro-amor, apondo-lhes os pequenos significantes φ e \mathcal{A} .



O parceiro a

Acrescentemos imediatamente o parceiro apresentado ao sujeito por Lacan: o parceiro pequeno a , parceiro essencial revelado por ele a partir da estrutura da fantasia. Não é o Outro sujeito, nem a imagem, nem o falo, mas um objeto extraído do corpo do sujeito. A partir daí Lacan elaborou o parceiro essencial, que o conduziu ao parceiro-sintoma, que é de maneiras diversas, o parceiro-gozo do sujeito.

Em “Posição do inconsciente”, Lacan institui de modo definitivo o campo do Outro face ao espaço do sujeito, representado por um conjunto. Encontramos aí de certa forma essa parceria fundamental entre o sujeito e o Outro, para mostrar que a sua raiz é o objeto a , e que o sujeito tem essencialmente como parceiro no Outro o objeto a . No interior do campo simbólico, no interior da verdade como ficção, ele tem de se haver, ele se relaciona e se associa, essencialmente na fantasia, com o objeto a . Este é de algum modo a substância não apenas da imagem do outro, como também do Outro.



O que é a sexualidade? O que é o Outro sexual, se o parceiro essencial do sujeito é o objeto a , isto é, algo de seu gozo? Na época em que Lacan nos apresentava o esquema, ele dizia que “a sexualidade é representada no inconsciente pela pulsão”. Algum tempo se fez necessário para que ele percebesse que a pulsão não representa a sexualidade. Ela não a representa como relação com o Outro sexual. Ao contrário, ela a reduz à relação com objeto a . Que conseqüências podem ser extraídas dessa frase de Lacan? Ora, se a sexualidade só é representada no inconsciente pela pulsão, isto quer dizer que ela não é representada. Ela é representada por outra coisa, ela é uma representação não representativa.

Lacan formulou de modo fulgurante a conseqüência dessa não representação com o “não há relação sexual”, o que significa dizer que o parceiro essencial do sujeito é o objeto a , alguma coisa de seu gozo, seu mais-de-gozar. Dito de outro modo, a invenção lacaniana do objeto a quer dizer que não há relação sexual.

O parceiro do sujeito não é o Outro sexual. A relação sexual não está escrita. O que isso quer dizer, essa fórmula é verdadeira ou falsa? Não se trata de dizer que ela é falsa, mas sim que ela não está no real. Ela está ausente, o que justifica, dá lugar à contingência, ou seja, demonstra a necessidade da contingência no que poderíamos chamar de “a história sexual do sujeito”, a narração de seus encontros. Em uma palavra, isso explica que só há encontros, o que Lacan descobrira ao isolar a função do significante.

Como a mais simples etimologia o mostra, o significante porta consigo o arbitrário. A derivação do sentido das palavras que utilizamos não está escrita como necessária em nenhum lugar. São sempre de encontros, cada palavra é um encontro, a incidência de cada uma delas no desenvolvimento erótico do sujeito está marcada por essa contingência, o que representamos sob a forma do traumatismo, sempre um encontro, sempre uma má surpresa. A história vivida como história é aquela das más surpresas que tivemos. Como Lacan o disse, muito antes de chegar à não-relação sexual: “[...] é pela marca de arbitrariedade própria da letra que se explica a extraordinária contingência dos acidentes que dão ao inconsciente sua verdadeira aparência” (Lacan, “A psicanálise e seu ensino”).

Uma análise só faz valorizar, destacar essa extraordinária contingência. Chamamos de “o inconsciente” as conseqüências dessa extraordinária contingência, ou seja, é a própria contingência que a instância do significante como tal imprime no inconsciente.

Como dizia, foram precisos dez anos para Lacan explicar a razão dessa contingência pela não-relação sexual. Se há essa contingência, é porque de maneira correlata algo não está necessariamente inscrito. O parceiro, na condição de parceiro sexual, jamais está prescrito, ou seja, programado. Nesse sentido, o Outro sexual não existe em relação ao mais-de-gozar, vale dizer, o parceiro verdadeiro essencial é o parceiro de gozo, o próprio mais-de-gozar.

Daí a interrogação sobre a escolha de cada um de seu parceiro sexual. Pois bem, o parceiro sexual sempre seduz pela forma como ele se acomoda à não-relação sexual, ou seja, só seduzimos por meio de nosso sintoma.

Eis por que Lacan dizia em *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-3) que é o “encontro, no parceiro, dos sintomas e dos afetos de tudo que marca em cada um o rastro de seu exílio da relação sexual” o que provoca o amor, o que permite vestir o mais-de-gozar com uma pessoa.

Trata-se de uma nova doutrina do amor em que este não passa apenas pelo narcisismo. O amor passa pela existência do inconsciente, o que supõe que o sujeito perceba no parceiro o tipo de saber que nele responde à não-relação sexual, ou seja, supõe a percepção, no parceiro, do sintoma que ele elaborou em razão da não-relação sexual. É precisamente sob essa perspectiva que Lacan elaborou, nesse mesmo Seminário, que o parceiro do sujeito não é o Outro, mas sim o que vem substituí-lo sob a forma da causa do desejo. Eis aí a concepção radical do parceiro que faz da sexualidade uma vestimenta do mais-de-gozar.

Quais as vantagens dessa perspectiva? Por exemplo, ela permite abordar as toxicomanias. A toxicomania segue as linhas da estrutura, ela é um anti-amor, pois prescinde do parceiro sexual e se concentra, se dedica ao parceiro (a)-sexuado do mais-de-gozar. Ela sacrifica o imaginário em nome do real do mais-de-gozar. Além disso, a toxicomania é atual, ela pertence a uma época que prefere o objeto a em detrimento do Ideal, uma época em que I vale menos que a

$I < a$

Se nos interessamos hoje pela toxicomania, que existe desde sempre, é porque ela traduz maravilhosamente a solidão de cada um com seu parceiro-mais-de-gozar. A toxicomania pertence ao liberalismo, à época em que nos lixamos com os ideais, em que não nos ocupamos de construir o Outro, em que os valores ideais do Outro empalidecem, desagregam-se frente à globalização de que ninguém está a cargo, enfim, uma globalização que prescinde do Ideal.

O sintoma é metáfora da não-relação sexual

O que o inconsciente interpreta? Façamo-nos a questão. O inconsciente interpreta precisamente a não-relação sexual, e ao interpretá-la, cifra a não-relação sexual, ou seja, a cifração da não-relação sexual é correlata ao sentido que ela assume para um sujeito. É o sintoma o que inicialmente libera a cifração da não-relação sexual, e nisso ele vai mais longe que o inconsciente, uma vez que é suscetível de se encarnar no que de melhor conhecemos, a saber, o parceiro sexual.

Fixarei assim essa fórmula ponto de basta, tentativa de problemas-soluções, que estabelece uma conexão entre dois termos do sintoma: Σ , na definição desenvolvida por Lacan e utilizada na última parte de seu ensino, e o símbolo do conjunto vazio, que escrevo abaixo por comodidade, para abreviar o que Lacan designou como a não-relação sexual.

$$\frac{\Sigma}{\emptyset}$$

Sem irmos mais longe, tomei o símbolo do conjunto vazio, certamente infringindo o fato de que essa relação não pode se escrever na definição lacaniana. Lacan jamais a escreveu, jamais

procurou um matema da não-relação sexual, para exemplificar a impossibilidade de escrevê-la. O mérito de tal fórmula foi o de resumir o que pude desenvolver e estabelecer acerca da correlação entre os termos sintoma e não-relação sexual, escrevendo-a sob a forma de uma substituição, de uma metáfora. O sintoma vem no lugar, é metáfora da não-relação sexual.

A fórmula se completa com a modalidade destinada a cada um desses dois termos, uma vez que a não-relação sexual não cessa de não se escrever, de não comparecer ao lugar onde, por motivos certamente equívocos, nos a esperaríamos, enquanto o sintoma não cessa de se escrever, ao menos para o sujeito. A fórmula lembra assim que a necessidade do sintoma responde à impossibilidade da relação sexual. A não-relação sexual é uma qualificação de espécie, da espécie do ser vivo, que chamamos de espécie humana, e à qual, nessa dimensão, não podemos deixar de fazer referência. Tal fórmula quer dizer que não há ser proveniente dessa espécie que não tenha sintoma, ou seja, não há homem, no sentido genérico, sem sintoma.

A fórmula permite ver de forma elementar que o sintoma se inscreve no lugar do que se apresenta como falha, falha do parceiro sexual “natural”. Na espécie, o sexo como tal não indica o parceiro de nenhum indivíduo proveniente da dita espécie, e não basta, como Lacan o enfatiza, para tornar parceiros aqueles que têm relações. Isto é o que permite definir a palavra parceiro como o que se põe como termo da relação que não há.

Se há relação, quando se estabelece o que parece ser uma relação, é sempre uma relação sintomática. Na espécie humana, a necessidade, o “não cessa de se escrever” se escreve sob a forma do sintoma. Não há relação suscetível de ser estabelecida entre dois indivíduos da espécie que não passe pela via do sintoma.

Mais que obstáculo, o sintoma aqui é mediação. Em certo momento conduziu Lacan a identificar o parceiro e o sintoma. Poder-se-ia pensar que o parceiro é sintoma quando ele não é o bom. Pois bem, essa construção implica o contrário. O parceiro *sintomatificado* é o melhor, aquele com o qual estamos o mais perto possível da relação.

Assim, na experiência analítica, quando um sujeito testemunha que tem um parceiro insuportável, do qual se queixa, o bê-á-bá é de dizer-lhe que não é por acaso que se juntou a ele, e que tal parceiro lhe propicia o mais-de-gozar que lhe convém. É no nível do mais-de-gozar, caso se queira operar, que devemos operar. São casos como este que chamarei de união sintomática, e que tocam mais de perto a existência da relação sexual.

O conceito atual de sintoma

Pretendo avançar no conceito do sintoma em suas relações duplas com a pulsão e com o que chamamos, desde Lacan, de Outro, quase-matema que não possui apenas uma significação nem apenas um uso. Tento esclarecer e precisar este nome cifrado a que nos referimos, o objeto *a*.

Um modo-de-gozar sem o Outro

Gostaria de evocar a toxicomania no fio que começa a ser tecido a partir da dimensão autística do sintoma. Por que nosso interesse? A toxicomania é um modo-de-gozar em que aparentemente se prescinde do outro, que existiria para que se dispense o Outro, e no qual se goza a

sós. Ponhamos de lado, sem esquecer-lo, que num certo sentido o próprio corpo é o Outro. Creio ser possível transmitir algo se simplesmente digo, se repito que é um modo-de-gozar em que se dispensa o Outro, e que por isso o gozo toxicômano tornou-se emblemático do autismo contemporâneo do gozo.

Tentei resumi-lo com o pequeno matema $I < a$. O que isso quer dizer? O I é válido, está em pleno exercício quando o circuito do modo de gozo deve passar pelo Outro social e o faz de forma evidente, enquanto hoje, como dizia Lacan, nosso modo de gozo, de agora em diante, situa-se apenas no mais-de-gozar. É isto o que constitui sua precariedade, porque ele não é mais solidificado, não está mais garantido pela coletivização do modo-de-gozar, ou seja, ele está particularizado pelo mais-de-gozar. De modo breve, ele não está mais engastado, organizado e solidificado pelo Ideal, sendo sua forma contemporânea funcionalmente atraída por seu status autístico. Como consequência, surge o problema de fazer entrar aí $S(A)$, de forçar o sintoma em seu status “autístico” a se reconhecer como significado do Outro. Esta não é uma operação anti-natureza.

Pensemos no ópio. O gozo do ópio é um sintoma que os ingleses, os imperialistas ingleses, os vitorianos propuseram intencionalmente aos chineses na bela época do Império. Certamente havia ali uma disposição, um pequeno fundo tradicional de gosto pelo ópio, mas este sintoma lhes foi sistematicamente proposto, e eles o adotaram. Esse sintoma convinha às finalidades de dominação e o Partido Comunista chinês, ao tomar o poder em 1951 – como já acontecia nas zonas que se tinham liberado do imperialismo – começou a erradicação política desse sintoma.

A fábula política e sua moral

Façamos um excursão e refletamos a respeito de tal dominação pelo sintoma. Não há melhor forma de dominar, do ponto de vista do mestre, do que inspirar, propagar, promover um sintoma, ainda que isso pregue peças.

Quando os castelhanos derrotaram os catalães, só lhes deixaram uma saída sintomática: trabalhar. Os catalães começaram a trabalhar enquanto os castelhanos, os senhores, nada faziam. Após algum tempo o trabalho tornou-se evidentemente uma segunda natureza para os catalães. Hoje quando já não mais estão dominados do mesmo modo, continuam a trabalhar.

Pensemos também no que aconteceu aos tchecos, quando, na batalha da Montanha Branca, a Boêmia foi derrotada pelos imperiais. Os tchecos começaram a trabalhar e continuam... Os austríacos, durante muito tempo, pararam. Hoje, tendo perdido o seu império, foram de algum modo forçados a trabalhar. É óbvio que simplifico uma história complexa.

Podemos observar o sintoma tornar-se uma segunda natureza, no sentido em que Freud explica a metapsicologia a propósito da neurose obsessiva em “Inibição, sintoma e angústia” (1926). Há um momento em que o sujeito adota o sintoma, o integra à sua personalidade, e cessa de se queixar. Isso é formidável. Nem os catalães, nem os tchecos se queixam de trabalhar, antes são os outros que se queixam do excesso de trabalho deles.

Há, contudo, uma moral da fábula política. Nossa tendência espontânea é considerar o sintoma como uma disfunção. Dizemos sintoma quando algo claudica, porém a disfunção sintomáti-

ca só se localiza em relação ao Ideal. Quando cessamos de localizá-la em relação ao Ideal, ela vira funcionamento. A disfunção é um funcionamento, é assim que as coisas funcionam.

É preciso reconhecer o quanto a psicanálise contribuiu para a precariedade do modo de gozo contemporâneo. Ela realmente fez muito para que a relação entre o Ideal e o objeto *a* tendesse para este último.

Quando recebemos um sujeito homossexual, vemos que parte da chamada técnica analítica consiste em não visar de modo algum o abandono da homossexualidade, salvo quando possível, ou quando desejado pelo sujeito. Ela visa essencialmente obter do Ideal que ele cesse de impedir o sujeito de praticar seu modo de gozo nas condições mais convenientes. A operação analítica visa aliviar o sujeito de um Ideal que eventualmente o oprime, e de colocá-lo em condições de manter com seu mais-de-gozar – o mais-de-gozar de que é capaz, o seu – uma relação mais confortável. A pressão da psicanálise certamente contribuiu para esta sensacional e contemporânea inversão dos fatores do modo-de-gozar.

O mestre também tem sintomas. Na história, foi a preguiça que permaneceu sob a imagem magnífica do Grande de Espanha, para quem de fato era degradante fazer o que quer que fosse. Ele estava congelado em uma preguiça divina, que, aliás, atingiu toda a Europa clássica. De certa forma, não mais nobre que o Espanhol, simplesmente porque ele não mexe uma palha. Prosseguindo na psicologia dos povos, na Inglaterra ocorreu exatamente o contrário, onde para uma aristocracia trabalhadora entregar-se ao trabalho não era decadente, o que lhe valeu resultados sensacionais durante um período de dominação do mundo.

É mais complicado situar a França. No século XVIII, brincava-se de trabalhar. Maria Antonieta e os carneirinhos são seus símbolos. Não a preguiça, mas sim a homenagem prestada ao trabalho das massas trabalhadoras. Isto mudou. A aristocracia francesa foi impedida de trabalhar. Quando o burguês gentil-homem se toma por um gentil-homem e diz: “Sim, o único dissabor que tenho é que meu pai vendia lençóis”, se lhe responde: “Nada disso, tratava-se de um gentil-homem que brincava com seus amigos de passar lençóis”. A nobreza de toga complicou o panorama, porém o que fundamentalmente mudou as coisas foi a ideologia do serviço público, a sensacional solução encontrada por Napoleão para mandar ao trabalho inclusive a aristocracia, para desse modo fabricar uma nova. Ele conseguiu que a nobreza não somente brigasse entre si – era este o sintoma essencial da nobreza francesa – como também que trabalhasse. Para tanto, inventou grandes concursos, as grandes Escolas, a meritocracia francesa e a produção de uma elite da suposta nação; uma aristocracia do mérito que hoje, de algum modo, fraqueja em seu funcionamento. O sintoma não funciona mais. O amor ao serviço público como sintoma cai em desuso. Até mesmo os assuntos de corrupção, com os quais nos encantamos todos os dias, testemunham o enfraquecimento do antigo sintoma que fora inculcado pelo mestre.

A esse respeito, é válido um comentário sobre os Estados Unidos, cuja vantagem foi a de não terem tido nobreza... Eles acabaram por ter uma, essencialmente a nobreza do dinheiro. A princípio ganha-se dinheiro de todos os meios e, em seguida, enobrece-se com a filantropia. Há os grandes museus americanos, as grandes coleções, todas procedentes de trabalhadores enriquecidos.

Fiz esse pequeno excursão para ampliar um pouco o conceito de sintoma. Sem ele, estaríamos de saia justa, tendo somente os sintomas da psicopatologia da vida cotidiana.

Os sintomas da moda

É preciso distinguir as drogas. O gozo da maconha é um sintoma que não rompe necessariamente com o social. Ao contrário, ele com frequência é considerado como um adjuvante à relação social, ou mesmo à relação sexual. Eis por que o presidente Clinton e outros podem confessar terem tocado tal gozo sem por isso serem desconsiderados. Reencontramos aqui o critério lacaniano essencial a respeito do gozo toxicômano, verdadeiramente patológico quando preferido ao pipizinho, ou seja, quando longe de ser um reforço, ele, ao contrário, é preferido à relação sexual, a ponto de este gozo obter um tal valor para o sujeito, que ele o prefere a tudo, tendo ou não que praticar crimes para alcançá-lo.

Lacan foi obrigado a recorrer às ficções kantianas para explicar o gozo perverso. Kant considerava líquido e certo o seguinte: se disserem a você que o cadafalso o aguarda ao término de uma noite de amor com uma mulher, você renuncia à mulher. Lacan, por sua vez, diz que não se recua forçosamente, sobretudo se aí estiver em causa um gozo que vai além do amor à vida. É o critério propriamente lacaniano do gozo toxicômano como patologia.

A tolerância que se tem à maconha provém do fato de que ela de modo algum se inscreve nessa dinâmica de excesso, em relação a que pensaríamos evidentemente em opô-la à heroína, que, contrariamente, responde perfeitamente ao critério lacaniano. A fim de não deixar de particularizar as drogas, é preciso ainda opor a heroína à cocaína. A heroína está na vertente da separação. Ela conduz ao status de dejetivo, até mesmo quando o dejetivo é estilizado ou valorizado como acontece no mundo da moda, em que, durante anos, se fez uso para a admiração de modelos drogados, cuja postura e estado físico aludiam à heroína. Já a cocaína está na vertente da alienação. Assim como a heroína tem um efeito separador em relação aos significantes do Outro, a cocaína é utilizada como facilitador da inscrição no redemoinho do Outro contemporâneo.

Sirvo-me da alienação e da separação – dois movimentos, dois batimentos isolados por Lacan e encontrados em “Posição do Inconsciente” e em *O Seminário, livro 11* – para ordenar o que me parecem ser as doenças mentais da moda. Há sintomas da moda, e não estamos ampliando excessivamente nosso conceito de sintoma ao admitirmos e conceitualizarmos o fato de que há sintomas da moda. A depressão, por exemplo. Criticamos o conceito de depressão, consideramos que ele é mal formulado, que difere de uma estrutura para outra. Começamos por não desprezar o significante depressão. É um bom significante, relativamente novo, e dele nos servimos. Nós que nos cansamos em produzir significantes novos, em esperá-los, saudamos um significante novo que funciona! A depressão é um significante formidável. Ele com certeza é clinicamente ambíguo. Mas talvez tenhamos algo melhor a fazer do que brincar de médicos de Molière, vindo com toda nossa erudição, por mais justificada que ela seja, criticar um significante que atualmente diz algo a todos. Eu só o tomo neste nível e nada tenho contra a investigação clínica que pode ser feita a esse respeito. Não é anódino, porém que hoje em dia isso diga algo a todo mundo, que seja uma boa metáfora e, dado o caso, um ponto fixo, um ponto de basta que ordena a queixa do sujeito.

A própria depressão faz dupla. Ela está claramente na vertente da separação, e representa uma identificação com o objeto a como dejetos, como restos. São os fenômenos temporais que mostram bem a separação da cadeia significativa e que na depressão podem ser acentuados como o fechamento definitivo do horizonte temporal. A depressão faz dupla com o estresse, este um sintoma da alienação. É o sintoma que afeta o sujeito tragado pelo funcionamento da cadeia significativa e por sua aceleração, daí sua aliança com o sintoma da cocaína.

Anorexia e bulimia são outros dois sintomas na moda. Sem dúvida a anorexia está do lado do sujeito barrado, do lado da separação. É a estrutura de qualquer desejo; a rejeição da mãe nutridora e, mais amplamente, a rejeição do Outro é o que nela está em primeiro plano. Já a bulimia, em razão de pôr em primeiro plano a função do objeto, está do lado da alienação. É preciso levar em conta o que Appolinaire salienta e Lacan enfatiza: “Aquele que come nunca está só”. De fato, a bulimia afasta bem menos o sujeito das relações sociais do que a anorexia levada ao extremo.

Portanto, nessa rápida ordenação, eu tenderia a situar a bulimia do lado da alienação e a anorexia do lado da separação. O que percebemos nos dois casos? É fundamentalmente nesses sintomas que aparece sua verdade, sua equivalência ao objeto a . Em outras palavras, o status de objeto a se evidencia tanto na anorexia quanto na bulimia.

A= a

Tomei como referência, por exemplo, a anorexia que está na moda, a dos manequins como modelo físico. O manequim anoréxico é a evidência do desejo, a evidência de que nada pode satisfazer e preencher. Há uma afinidade entre o manequim e a anorexia: nada de saciedade, pois a saciedade é o gozo. Nesse sentido, a anorexia é a evidência do desejo e, por isso mesmo, conduz a uma falicização do corpo que está fundamentalmente ligada à magreza. Em “A direção do tratamento”, Lacan o evoca ao abordar o sonho da Bela Açougueira, que se conclui pela análise do sujeito identificado à fatia de salmão: “ser o falo, nem que seja um falo meio magrelo”. Há uma afinidade entre a feminidade falicizada e a magreza, assim como há entre a primeira e a pobreza. Não o considero como clínica definitiva e *ne varietur*. Tento apenas animar um pouco a paisagem. Não nos detivemos apenas no sintoma obsessivo bem situado, enquadrado, que afeta o Homem dos ratos, tampouco apenas no sintoma histérico. Hoje fazemos uso do termo sintoma de um modo mais amplo e diversificado.

Uma economia sintomal

Desenvolverei um pouco mais o conceito de sintoma. Lerei algumas frases escritas para a segunda reunião regional da Escola do Campo Freudiano de Caracas e as desenvolverei em seguida.

“No sintoma, há o que muda e o que não muda. O que não muda faz do sintoma um rebento da pulsão. De fato, não há pulsões novas. Em contrapartida, há novos sintomas, os que se renovam. É o envelope formal do núcleo, *Kern*, de gozo (o objeto a). [...]”

O Outro cujo sintoma é mensagem inclui o campo da cultura. É isto o que faz

a historicidade do sintoma. O sintoma depende de quem escuta e de quem fala.

Vejam o *Shabbath* magistralmente decifrado por Karl Grinburg. Vejam a epidemia contemporânea das personalidades múltiplas nos Estados Unidos, estudada por Yan Hacking e mencionada por Éric Laurent.

Há sintomas da moda e há sintomas que saem de moda.

Há países exportadores de sintomas. Hoje em dia, são os Estados Unidos. O sintoma soviético desapareceu. Há países que exportam meios de satisfazer os sintomas dos outros, por exemplo, a Colômbia.

Em suma, há toda uma economia sintomal ainda não conceituada. Isto diz respeito à clínica, pois esta é não somente da Coisa, mas também do Outro”.

Nesses brevíssimos comentários, eu opus uma parte constante do sintoma e uma parte variável. A primeira é o apego pulsional do sintoma; a segunda, sua inscrição no campo do Outro. No que concerne ao sintoma, considero que devemos nos orientar sobre esta disjunção e ao mesmo tempo trabalhá-la. Qual é essa disjunção? É a disjunção entre as pulsões, de um lado, e o Outro sexual, de outro.

Ao postular a existência da pulsão genital, Freud negava tal disjunção, ou seja, ele afirmava uma pulsão que comporta nela própria a relação com o Outro sexual, que se satisfaz na relação sexual com o Outro, portanto uma comunicação entre o registro das pulsões e o registro do Outro sexual. Para Freud, aliás, isso às vezes expressava uma continuidade. A princípio, apaixona-se pelo seio da mãe e em seguida é a mãe quem se ama. Em outras palavras, há aí uma espécie de continuidade pulsional, o que permite a Freud, em certos parágrafos, apressar-se para nos mostrar o desenvolvimento sexual.

Lacan intervém neste ponto ao formular: “Não há pulsão genital”. A pulsão genital é uma ficção freudiana – como são as pulsões em geral – que não funciona, não corresponde. Pois bem, aqui se impõe o ponto de vista segundo o qual há disjunção entre pulsão e Outro. Essa disjunção evidencia tanto o que há de auto-erótico na pulsão como o status auto-erótico da mesma, razão pela qual as pulsões afetam o corpo próprio e se satisfazem no corpo próprio. Em outras palavras, a satisfação da pulsão é a satisfação do corpo próprio, o nosso próprio materialismo. O lugar desse gozo é o corpo do Um.

Esse fato torna sempre problemático o status do gozo do Outro e do gozo do corpo do Outro. Falar do gozo do corpo do Outro aparentemente é uma metáfora em relação ao que é do real, a saber, o gozo do corpo do Um. Sempre é possível acrescentar: o corpo do Um é de fato marcado pelo Outro, ele é significantizado etc. Do ponto de vista do gozo, o lugar próprio do gozo é todavia o corpo do Outro. Quando se é verdadeiramente gozado pelo corpo do Outro, há para isso um nome clínico preciso.

Esse ponto de vista tem um embasamento muito sólido. Por exemplo, isso é o que fundamenta Lacan ao lembrar que o sexo não basta para constituir parceiros. Se tomamos o gozo fálico como gozo do órgão, podemos até dizer que trata-se de um gozo que não é verdadeiramente

do corpo do Um, que está fora do corpo, que é complementar etc. Isso não impede que seu lugar não seja o corpo do Outro. Há uma dimensão do gozo fálico que está amarrado ao corpo do Um. Mesmo quando Lacan fala do gozo feminino, que não é aquele do órgão em que a alteridade está presente, ocorre-lhe formular que no gozo, mesmo o gozo sexual, a mulher é parceira de sua solidão, e que o homem não chega a alcançá-la.

Surge nas fórmulas o cada-um-por-si pulsional e a horrível solidão do gozo, que é particularmente evidenciada na dimensão autística do sintoma. Há algo do gozo que se afasta do campo do Outro. Aliás, é este o fundamento de todo cinismo.

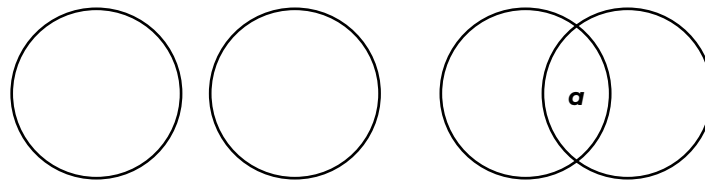
O sintoma aparelha o mais-de-gozar

O que acontece do lado do campo do Outro? É nele que se organiza, disjunta, a relação com o Outro sexual, organização que depende da cultura, de certas invenções da civilização. Aqui a monogamia, assentada no adultério, lá a poligamia, assentada na força d'alma etc. As diversas invenções da civilização conhecem sucessos ou decadências, mas sempre constituem cenários da relação sexual disponíveis, tal como semblantes, que não substituem o real que falha, o da relação sexual no sentido de Lacan, mas que simulam essa relação. Elas não substituem o real, mas simulam o real, o que de alguma forma qualifica nossa espécie.

A disjunção entre as pulsões e o Outro é a não-relação sexual como tal. Isso afirma que a pulsão é programada, enquanto a relação sexual não o é. De outro modo, essa disjunção é coerente com o fato de essa espécie falar, isto é, a linguagem se estabelece nessa própria hiância. Isso explica por que a língua que falamos é instável, está sempre em evolução e é tecida de mal-entendidos; ela nunca se adere ao fato sexual, jamais se adere ao fato da não-relação sexual. Certamente esta é a diferença com as bactérias que se comunicam de maneira impecável, mas que mantêm a sua comunicação no nível do sinal, da informação.

Ora, é por isso que o homem neuronal nos fascina, o homem-bactéria, o homem considerado como uma colônia de bactérias em que as diferentes partes enviam umas às outras sinais, informações,. Isso funciona muito bem, entende-se. Assim, o essencial no homem neuronal é que ele seja considerado sozinho, sozinho como bactéria múltipla.

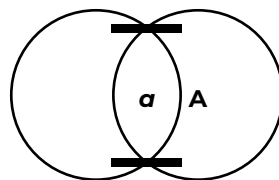
Será que o homem pulsional é autístico? Até onde podemos levar a perspectiva que adoto para o autismo do sintoma e o auto-erotismo da pulsão? É neste ponto que devemos constatar como isso se engancha no Outro. Mesmo que não haja pulsão genital, devemos supor um gozo que não é auto-erótico uma vez que nele incide o que acontece no campo do Outro. Não podemos nos contentar com a disjunção total porque o que acontece no campo do Outro incide sobre nossas convicções de gozo pulsional. Dito de outro modo, não podemos contentar-nos com um esquema de pura disjunção entre os dois campos; é necessária uma interseção.



Essa é a interseção descrita por Lacan ao situar o objeto α nessa área. Quando falamos do desejo, da pulsão, nós o fazemos enganchando-os ao objeto perdido, ou seja, não podemos usar os conceitos sem, de uma forma ou de outra, fazer deslizar o objeto perdido. O objeto perdido deve ser buscado no Outro. Eis a dupla face do objeto α , seu caráter janusiano³. O objeto α é ao mesmo tempo o que a pulsão necessita em sua condição auto-erótica e também o que se deve buscar no Outro.

Se consideramos a criança pequena começando a falar, de fato são as palavras do Outro que ela capta e distorce à sua maneira; em seguida, lhe será dito que tal coisa não se diz, que tal coisa não se faz, advindo então a regularidade. Para explicar o desenvolvimento neuronal, as neurociências são obrigadas a estabelecer uma função para o olhar do Outro, pois não é a mesma coisa receber a linguagem de uma máquina ou de um ser humano que olha. É preciso que haja um certo “fazer-se ver” do sujeito para que isso funcione.

O que isso quer dizer? Que há uma parte do gozo do Um, o gozo autístico, que está agarrado no Outro e é capturado pela língua e pela cultura, tornando-se em razão disso manipulável. Por exemplo, pela publicidade, que de fato é uma arte de fazer desejar. Hoje em dia propõe-se o consumo como saída do impasse, ou mesmo um certo número de engrenagens para fazer gozar, modos-de-gozar que podem ser francamente bizarros, mas nem por isso menos sociais.



Do lado do Outro, há como mandíbulas que captam uma parte do gozo autístico; é a significação da castração. A verdade da castração é que precisamos passar pelo Outro para gozar e deixar de gozar com o Outro.

É aqui que o Outro lhes indica os modos de formar um par. Por exemplo, o casamento monogâmico; amanhã, quem sabe, ele indicará que talvez seja possível estender o conceito de casamento até o casamento homossexual, o que apenas o revelará em seu semblante, como uma montagem de semblantes. Podemos dizer que isso será bizarro, porém não há nada mais bizarro do que a norma. O espírito das Luzes foi precisamente o de aperceber-se do semblante da norma, e de que bizarra era a norma da sua própria cultura.

O que é o objeto α ? É a parte do gozo, o mais-de-gozar que está enganchado nos artifícios sociais, portanto na língua. São artifícios por vezes muito resistentes, mas que também podem

³ N.T. Janus, um dos antigos deuses de Roma, guardião dos portos, cujas entrada e saída vigiava, razão pela qual era representado com dois rostos.

conhecer o desgaste. Quando o semblante social não basta, quando os sintomas como modos de gozar oferecidos pela cultura não bastam, então, em seus interstícios, há lugar para os sintomas individuais. Estes, porém, não têm uma essência diferente da essência dos sintomas sociais. Em ambos os casos, os sintomas são aparelhos para envolver e situar o mais-de-gozar, isto é, o sintoma é o que aparelha o mais-de-gozar.

Uma pulsão sempre ativa

Gostaria agora de esclarecer o que me parece não ter sido visto até hoje na fórmula da pulsão proposta por Lacan a partir do “fazer-se”. Ele decifrou a pulsão em seu *O Seminário, livro 11* em termos de “fazer-se ver” para a pulsão escópica, “fazer-se ouvir”, “fazer-se sugar ou comer” etc. A que responde essa fórmula por vezes repetida, mas não explicada e que, aliás, não foi bastante desenvolvida por Lacan?

Tal como descritas por Freud, as pulsões respondem a uma lógica ou a uma gramática: atividade/passividade, ver/ser visto, espancar/ser espancado. Freud situa, ordena, classifica as pulsões conforme uma lógica de tipo $\alpha\text{-}\alpha'$, simétrico, em espelho. Ele as estruturou a partir de uma relação de inversão escópica. Em outras palavras, foi uma gramática em espelho que o levou a pensar que sadismo e masoquismo, assim como voyeurismo e exibicionismo, eram simétricos e inversos.

Lacan procurou corrigi-lo para mostrar que o campo pulsional responde a uma lógica inteiramente diferente da lógica do espelho. Em vez da inversão em espelho, ele postulou o movimento circular da pulsão. Desenhado por Lacan em *O Seminário, livro 11*, O movimento circular da pulsão responde à noção de que o corpo próprio está no início e no fim do circuito pulsional. As zonas erógenas do corpo próprio constituem a fonte da pulsão, sendo o corpo próprio o lugar onde se consuma a satisfação, lugar do gozo fundamental, auto-erótico da pulsão.

O que, porém, muda com o “fazer-se” introduzido por Lacan, e com o circuito propriamente circular? A pulsão é apresentada como sendo sempre ativa e, contrariamente a Freud, sua forma passiva é ilusória. Eis aí o verdadeiro valor do “fazer-se”. Fazer-se espancar quer dizer que a verdadeira atividade é a minha, e que eu instrumentalizo o espancar do outro. Tal é a posição do masoquismo fundamental. Dito de outro modo, Lacan enfatiza que a fase passiva da pulsão de fato é sempre a continuação de sua fase ativa: “Recebo golpes porque eu quero”, ou como fórmula Clausewitz, “a passividade é a continuação da atividade por outros meios”.

Na dissimetria da pulsão operada por Lacan, o decisivo é o fato de que o Outro em questão não é meu duplo, mas sim o Outro como tal. Parece-me que isso é o que há de inacreditável no que Lacan diz a esse respeito: o sujeito alcança a dimensão do Outro no movimento circular da pulsão.

Não sei se vocês captam a grandiosidade da coisa, pois trata-se verdadeiramente de estabelecer, fundar o laço, a interseção entre o campo pulsional e o campo do Outro. Portanto, a contribuição essencial de *O Seminário, livro 11* é mostrar que não é no nível do espelho que se alcança o Outro, mas sim no próprio nível da pulsão, ainda que não haja pulsão genital.

Lacan fala da pulsão escópica na terceira parte do capítulo XV desse Seminário, para estendê-la às outras pulsões. Assim considerada, a pulsão é um movimento de apelo a algo que está no Outro, o que Lacan chamou de objeto a . Deu-lhe tal nome por ter reduzido a libido à função de objeto perdido. A pulsão busca algo no Outro e o reconduz ao campo do sujeito ou, ao menos, ao campo que, no final desse percurso, torna-se do sujeito. A pulsão busca o objeto no Outro porque este objeto dele foi separado.

Lacan o demonstra a partir do seio que não pertence ao Outro materno como tal. É o seio do desmame que pertencia ao corpo próprio do bebê que será retomado como seu bem. Para Lacan, o seio ou as fezes não constituem o objeto a . São apenas seus representantes. Não se deve acreditar que, quando se põe as mãos na merda, se está de fato pondo as mãos na própria matéria do objeto a . Absolutamente. A merda também é um semblante. Isso significa dizer que a satisfação de que se trata está no fechamento da pulsão.

Qual é o exemplo de pulsão oral dado por Freud e enfatizado por Lacan? Não é a boca que baba, mas a boca que beija a si própria. É sobretudo a contração muscular da boca, uma auto-sucção. Contudo, para realizar o beijar-se, é preciso que a boca passe por um objeto cuja natureza seja indiferente. Eis por que há na pulsão oral tanto o fumar quanto o comer. A pulsão oral não é o comestível, mas sim o objeto que permite à boca gozar de si mesma, ou seja, para esse auto-goço, é preciso um hetero-objeto. Dito de outro modo, o objeto oral é apenas o meio de se obter o efeito de auto-sucção, o paradoxo fundamental da pulsão. Se o reconstituo exatamente é por natureza um circuito auto-erótico que só se fecha através do objeto e do Outro. Vale dizer, dependendo da face, auto-erotismo ou heteroerotismo.

Nesse sentido, o que é o objeto propriamente dito? O objeto propriamente dito, o objeto a , é um oco, um vazio, somente o necessário para que o anel se feche. Eis por que Lacan recorreu à topologia para apreender o valor estruturante do objeto. O objeto a não é uma substância, mas sim um vazio topológico, podendo ser representado, encarnado, por substâncias e por objetos. Quando materializado, porém, ele não passa de semblante em relação ao que é o objeto a propriamente dito.

Em outras palavras, o objeto real não é a merda. E quando Lacan diz que “o analista é semblante de objeto”, pois bem, nesse sentido a merda também é semblante de objeto a . O analista representa o objeto a e, a esse título, é um semblante tal como toda representação material do objeto a . O bebê quer o seio, dão-lhe a chupeta. Dá no mesmo. Mais tarde, ele preferirá a chupeta. No nível da pulsão ao menos, no nível de que se trata, o nível da satisfação auto-erótica da pulsão, o seio e a chupeta são da mesma ordem.

Portanto, para tornar mais clara a compreensão, distingo o real do objeto a , que é o vazio topológico, do semblante do objeto a , os equivalentes, as materializações dessa função topológica que se apresentam. Aliás, pode-se dizer que todas as pulsões são mitos e que somente o gozo neuronal é real. Neste sentido, a heroína ou a sublimação são apenas meios do gozo neuronal. Quando se leva a sério o real, todos são semblantes em relação ao real. Todavia, mesmo no nível neuronal, isso faz diferença conforme seja dito por uma máquina ou, como se expressam os americanos, por um ser humano atento.

Resumo. Nessa perspectiva, é a própria pulsão que leva ao campo do Outro, porque é lá que ela encontra os semblantes necessários à manutenção de seu auto-erotismo. O campo do Outro se estende ao campo da cultura, como espaço onde se inventam os semblantes, os modos-de-gozar, enfim, os modos de satisfazer a pulsão através dos semblantes. Como indiquei, esses modos são móveis, e isto introduz um certo relativismo. No nível de um sujeito, eles são marcados por uma certa inércia. Eis por que admitimos inscrever o sintoma de um sujeito no registro do real. Social ou “individual”, o sintoma é um recurso para saber o que fazer com o outro sexo, já que não há fórmula programada da relação entre os sexos.

A pulsão, fundamento da relação com o outro

Enfatizei que o sintoma é constituído de duas partes: seu núcleo de gozo, que dizemos pulsional e que mergulha suas raízes no corpo próprio, e seu envelope formal, por meio do qual ele depende do campo do Outro, que abarca a dimensão dita de civilização. Logo corrigi este esboço uma vez que a pulsão só conclui seu arco de gozo passando pelo Outro, já que é no Outro que reside o que aproximamos com a expressão de objeto perdido. É preciso que a pulsão gire em torno desse objeto para fechar seu percurso, a castração sendo a encenação dessa necessidade em que o objeto perdido aparece como o objeto que pode ser capturado.

Pensemos, por exemplo, na corrida de bigas do circo romano e na baliza que era necessário atingir para poder retornar. O que materializa essa baliza tem pouca importância. Indiferença do objeto da pulsão! Para que esse percurso da pulsão, de certa forma auto-erótico, se realize, é preciso a intervenção de um objeto que está no campo do Outro. Dito de outra forma, não há o Um disjunto do Outro.

Esse esquema implica uma interseção. Conhecemos, de forma evidente, essa interseção no nível do significante em que o Um é o sujeito, e em que aprendemos a repetir, com Lacan, que o significante é aquele do Outro, reconhecido como o lugar dos códigos ou o tesouro dos significantes. É a interseção significativa, a nós enfaticamente apresentada no famoso grafo de Lacan, o que ficou gravado em nossas mentes.

Aliás, o Outro em questão não é apenas o do significante, mas também o do significado. Dado que este esquema indica que o Outro decide quanto à verdade da mensagem, por sua pontuação, ele também decide quanto ao significado. Eis por que tal interseção no nível do significante apresentou-se inicialmente no ensino de Lacan como comunicação.

A função clínica aqui evidenciada é a que Lacan chamou de “o desejo”, como vetor que parte do Outro. A fórmula do desejo é uma encarnação clínica da interseção entre o Um e o Outro. A segunda interseção, a libidinal, no nível do gozo, escapa mais ainda.

Anunciamos a interseção significativa a partir do esquema lacaniano da comunicação, porém a interseção no nível do gozo é mais secreta ainda. O próprio Lacan opôs desejo e gozo, afirmando: “o desejo é do Outro, mas o gozo é da Coisa”, como se de fato o gozo permanecesse do lado do Um e se baseasse na evidência de que o lugar do gozo é o corpo próprio.

Centro o foco sobre a interseção do Um e do Outro no nível do gozo. Em que sentido o gozo é também do Outro?

Segundo Freud, a libido circula, presa no que podemos chamar de uma comunicação. A libido, essa invenção conceitual de Freud, transvasa. Ela tem um aparelho freudiano, ela é aparelhada com vasos comunicantes. Particularmente, a libido freudiana é transfundida de seu lugar próprio, que seria o narcisismo individual, rumo aos objetos do mundo que se encontram então investidos: objetos imaginários... Isso faz parte de nosso vocabulário e retórica mais natural e próxima da experiência: investimento de tal objeto, desinvestimento, há aí toda uma rede de comunicação libidinal.

O fenômeno de enamoramento descrito por Freud é prenhe de conseqüências, isto é, o momento em que se constitui o casal libidinal, ao menos do lado daquele que se apaixona. O “apaixonar-se” evidencia o laço estabelecido com o Outro. Ainda que ele esteja presente apenas de um lado, de algum modo ele constitui o nascimento do casal. Botticelli pintou o nascimento de Vênus saindo sozinha das ondas. Freud, por sua vez, pintou o espectador que se enamora no estado amoroso. Ele traduziu o surgimento do amor de um por outro em termos de empobrecimento imediato da libido narcísica. A libido se transfunde rumo ao objeto, e o sujeito sente-se como um pobre rapaz. Aliás, esta parece ser a posição do próprio Freud maravilhado por sua Martha.

É de algum modo a fórmula nativa do casal do ponto de vista da libido, e do ponto de vista do amante, que logo, logo se vê marcado com um menos – ele se ama menos – e do amado, que, ao contrário, se vê marcado por um mais.

amante amado
 - +

Lacan desenvolveu essa fórmula como dialética do desejo. A posição desejante é fundamentalmente aquela própria à mulher, já que ela é marcada com o menos, que ela não tem, enquanto, para surpresa geral, é o homem o desejável. Nessa perspectiva, a mulher como tal é a pobre. Do mesmo modo, isso relaciona a posição passiva ao masculino, uma vez que aqui a posição feminina é ativa. Ela busca quem tem, e daí, como indicamos, a afinidade entre feminilidade e pobreza.

Já pude enfatizar a referência de Lacan ao livro de Léon Bloy *La femme pauvre*. A posição de ser pobre fundamentalmente é a posição do escravo, que aliás tem sido atribuída com freqüência, no transcurso da história, à mulher.

São os pobres que ao mesmo tempo amam e trabalham, não os ricos. Os ideais de amor universal são encampados sobretudo pelos pobres, não pelos ricos. Lacan não só enfatizou a particular dificuldade de amar do rico, como também, em outros momentos, a dificuldade de os ricos se analisarem, visto que, para fazê-lo, entra em jogo a famosa capacidade de amar.

Há um certo número de conseqüências que não desenvolverei detalhadamente aqui. Por exemplo, o parentesco entre a feminilidade e a anorexia, convidando a situar a bulimia como forma derivada da anorexia. Em segundo lugar, a profunda afinidade entre a feminilidade e a propriedade. É precisamente o menos que alimenta na mulher a vocação de cofre-forte, conforme

a figuração do continente, freqüentemente assinalada na experiência analítica. Lacan lembra a posição da burguesa no casal, uma designação familiar, popular, operária, da esposa. É isso o que dá também à mulher rica um caráter especial de devoração, uma vez que nada do ter pode estancar sua pobreza fundamental. Nunca há o bastante, o que revela o impasse do lado do ter.

Poderíamos acrescentar, a título de conseqüência, o problema masculino com a mulher rica, mais rica que ele, que por vezes leva ao protesto viril, para retomarmos o termo de Adler, ou ainda à aceitação de sua posição de desejável, e eventualmente, no homem, ao consentimento de ser fetiche da mulher mais rica.

Outra conseqüência é conforme o axioma de Proudhon: “a propriedade é o roubo”. Surge de imediato uma grande figura feminina: a ladra, a ladra com plenos direitos, pois o menos que marca sua posição dá direito ao roubo. A clínica parece indicar que a cleptomania é uma aflição essencialmente feminina. Esta conseqüência certamente concerne à vontade da mulher de ser amada, isto é, de obter uma conversão de sua falta fundamental. Com efeito, amar uma mulher consiste em redimir sua falta, resgatar sua dívida.

Compreendemos a partir disso que, para o homem, amar o outro no casal sempre implica uma fase agressiva, precisamente porque isso o empobrece, dado que não se pode amar sem o menos que Freud tanto valorizou.

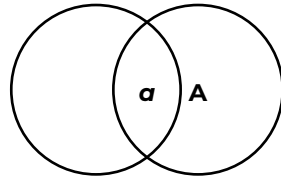
Há uma solução narcísica indicada por Freud: amar a si-mesmo no outro, sendo a solução anaclítica a de fazer funcionar o outro que tem, desde que ele dê. O sujeito se apresenta então como o amado. Em determinado momento, Lacan favoreceu a solução narcísica, mais aberta do que a solução anaclítica, esta a de ser amado, desembocando não no trabalho, mas sim no amor.

Talvez possamos corrigir certas indicações de Lacan por outras posteriores. Se examinamos o amor em sua face de pulsão, o “ser amado” pode se revelar em seu valor de “fazer-se amar”. E para fazer-se amar, é preciso eventualmente se esforçar. Se “ser amado” aparentemente é uma posição passiva, “fazer-se amar” revela a atividade subjacente a essa posição. Nada impede que essa fórmula indique que a posição desejante é, em sua essência, feminina, e é sob a condição de alcançá-la, aceitá-la, de assumir algo da feminidade, que o próprio homem é desejante, aceitando dessa forma algo da castração. O que chamamos de sabedoria através dos séculos é algo essencialmente masculino, a disciplina dos sábios sempre consistiu em dizer: “Escutem, rapazes, não se deve desejar demais”, E mesmo: “Se forem realmente perfeitos, não desejem absolutamente nada”. A Sabedoria está em recusar a posição desejante, exatamente como feminina. Aliás, são estes os livros que as mulheres particularmente não apreciam.

Tal ponto de vista freudiano comporta que inicialmente a libido é narcísica. O ponto de partida de Freud é o gozo do Um, mesmo que isso resulte em transvasamentos. Para Freud, a libido apenas secundariamente se transvasa rumo ao gozo do Outro.

Lacan sempre criticou essa posição freudiana dizendo que, quando consideramos que o objeto está incluído primordialmente na esfera narcísica, tem-se uma mônada primitiva do gozo, expressão que figura em *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. A mônada é uma unidade fechada, separada do Outro. Se partimos de uma mônada de gozo, uma mônada de Eros, somos obrigados

a introduzir Tanatos para dar conta de que podemos amar outra coisa que não nós próprios. Nesta perspectiva, a escolha de objeto está sempre ligada à pulsão de morte. É o tema: “amar é morrer um pouco”. Conhecemos bem as afinidades do amor e da morte no imaginário. Já relembrei a noção da interseção libidinal fundamental, posição contrária à noção de mônada primitiva do gozo.



A noção de interseção libidinal exprime que, no nível radical, o campo do Outro se reduz ao objeto. No lugar da mônada primitiva do gozo, há sem dúvida uma relação com o Outro, reduzida porém a um objeto necessário para que a pulsão faça seu circuito. Essa é uma posição em que o Outro não existe, mas o objeto σ consiste. Essa perspectiva foi anunciada por Lacan em seu “O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro”, o Outro sendo considerado aqui como um Outro, porque ali é variável, enquanto o artigo definido é atribuído ao objeto. Esse parceiro, o objeto σ , sempre é para vocês o (*le*). Há sempre um deles.

Que parceiro revestirá esse objeto? Aqui é um outro, ou ainda outro. Isso não merece a mesma singularidade que o objeto. Dito de outro modo, o que completa nosso Outro que não existe é exatamente o fato de que o Outro consiste quando está em estado de objeto. O que consiste propriamente falando é o objeto pulsional, mas em sua condição de oco, vazio, dobra ou borda.

A pulsão, o gozo, o Outro reduzido à consistência do objeto σ como consistência lógico-topológica, tal é o fundamento da relação com o Outro.

O parceiro-sintoma

Já afirmei que o sexo não é exitoso em tornar os seres humanos, os *parlêtres*, parceiros. Desenvolverei que apenas o sintoma é bem-sucedido quanto a isso. O verdadeiro fundamento do casal é o sintoma. Se consideramos o casamento como um contrato legal que liga as vontades, abordarei o casal como, se assim posso dizê-lo, um contrato ilegal de sintomas.

Em que um e outro estão de acordo, no sentido mesmo da harmonia? A experiência analítica mostra que é o sintoma de um que entra em consonância com o sintoma do outro. A expressão “parceiro-sintoma” não era usual até este momento. Convém então fundá-la.

Indo direto ao assunto, lembrarei o que Lacan desenvolveu a respeito do que podemos chamar de o parceiro-falo, a redução do parceiro ao status fálico.

O parceiro-falo

É nessa perspectiva que se insere “A significação do falo” (1958) e a releitura dos textos de Freud sobre a vida amorosa.

Lacan distingue e articula três modalidades de casal, três casais, se excluirmos da série o casal da necessidade. Este é composto por aquele que experimenta a necessidade, aquele que está privado, e por aquele que tem como responder a isso. Eis o grau zero do casal, fundado na dependência da necessidade. Digo grau zero porque observamos esse tipo de casal já no reino animal. Eventualmente, tentamos estender este modelo ao casal humano. Foi a tentativa de Bowlby, por exemplo, com seu conceito de apego.

Eis então os três casais propriamente humanos. Em primeiro lugar, o casal da demanda, que decalca o primeiro e o transpõe para a ordem simbólica, dado ser este o comutador lacaniano que permite passar de um nível para outro, pois a necessidade é articulada na demanda. O casal da demanda liga aquele que demanda àquele que responde, resposta que consiste em dar o que foi demandado. Esse casal já é significativo, pois de fato supõe que haja emissão de um significativo dotado de significado ou que desperte uma significação, e nele o dom tem valor de resposta. Ao mesmo tempo, se seguimos essa decomposição conceitual do casal, o que aí se veicula, o que amarra um ao outro permanece um objeto material.

Um degrau suplementar e passamos para o nível do casal do amor, em que também há aquele que demanda e aquele que responde, salvo que este que demanda o faz sem demandar nada além da resposta. Nesse nível esvaece a materialidade do objeto que circulava no casal precedente, ou seja, não há demanda do objeto e resposta pelo dom do objeto, mas puramente demanda da resposta como tal, e aqui o dom nada mais é que o dom da resposta, um dom significativo. A esse respeito o casal do amor é, de parte a parte, um casal significativo.

À luz das articulações anteriores de Lacan, é no nível do casal do amor que se deveria situar o desejo de reconhecimento, com sua satisfação exclusivamente significativa. O desejo de reconhecimento se consuma, se satisfaz, como o nome indica, por um reconhecimento significativo vindo do Outro, por um dom significativo, o dom de nenhum ter material.

Desse fato decorre a definição de Lacan do amor como “dar o que não se tem”, o que supõe, paradoxalmente, que a demanda de amor de um dirige-se ao “não ter” do outro. A demanda “me ame” não se dirige a nada do que o outro poderia ter. Ela se dirige ao outro em seu despojamento e requer do outro a assunção deste despojamento.

O terceiro casal, o casal do desejo, só se forma, só se constitui com a condição de que cada um seja para o outro a causa do desejo. Uma tensão aqui se introduz, uma oposição, uma dialética entre o casal do amor e o do desejo, exatamente aquela desenvolvida por Lacan. Com efeito, as duas modalidades do casal introduzem uma dupla definição do parceiro, paradoxal e até mesmo inconsistente. Há o parceiro a quem se dirige a demanda de amor, a quem se endereça o “me ame”. No que se refere a esse status, este é o parceiro desprovido, o que não tem. A demanda de amor se endereça, no parceiro, àquilo que lhe falta. Esse status do parceiro distingue-se do que é requerido ao parceiro que causa o desejo, o detentor dessa causa. Opõem-se assim o duplo status do parceiro desprovido e do parceiro provido.

Tal paradoxo beneficia o homem. O homem, o macho, é dotado, se assim posso dizer, de um objeto-eclipse⁴. Conforme o momento, ele é provido ou desprovido, satisfazendo de certa forma a esse paradoxo: os dois em um. Daí o grande interesse comumente despertado, na relação de casal, por aquilo que se passa depois, quando ele está desprovido. A questão é saber se ele fica ou vai embora. Sua permanência é uma prova de amor. Há algo além da satisfação fálica que o retém.

Esta é uma grande questão que alvoroçou os teóricos, por exemplo, na ficção de Rousseau, em seu *Discurso sobre a desigualdade entre os homens*: saber se o homem permanece com a mulher para torná-la companheira – o que já forma o *nucleus* da ordem social a partir da família – ou se, tendo obtido o que queria, ele se vai. Sou eu que traduzo dessa forma o que diz Rousseau.

A desvantagem da mulher é a de não ter esse maravilhoso órgão-eclipse. Na articulação proposta por Lacan, é isto o que leva um homem a desdobrar sua parceira em a mulher parceira do amor e a mulher parceira do desejo.

A proeza de “A significação do falo” está em cifrar ao mesmo tempo o parceiro do amor e o parceiro do desejo pelo falo, e em definir essencialmente o parceiro do casal como o parceiro-falo. Se ele é o parceiro do amor, é cifrado (-φ), uma negação incidindo sobre o significante imaginário do falo. Se é o parceiro do desejo, é cifrado (φ). Do lado masculino, é possível uma oscilação entre (-φ) e (φ), enquanto do lado feminino, é ou um ou outro, e isto tende a ser um ou outro.

Amor (-φ)

Desejo (φ)

Macho (-φ) ◇ (φ)

Fêmea (-φ) // (φ)

De um lado, uma oscilação, e de outro, uma intimação fálica unilateral. Isso se presta em seguida a todas as aplicações particulares, às variações, aos desvios dessas fórmulas, mas constitui a fórmula fundamental da parceria fálica.

O que torna os sujeitos parceiros

Aqui se inscreve a proporção sexual em sua diferença com a relação sexual. A proporção sexual propriamente dita constitui um laço estabelecido no nível do desejo que supõe, portanto, que o parceiro tenha uma significação fálica positiva. Nesse laço, a significação do falo é o mediador. Há a proporção sexual que se estabelece sob o significante do falo, fazendo de cada parceiro a causa do desejo do Outro. Eles se tornam, nesse nível, parceiros por meio da cópula fálica. A relação sexual, diferentemente da proporção sexual, constitui o laço que se estabeleceria no nível do gozo. É bem isso o que interrogamos, saber o que estabeleceria um laço de parceria no nível do gozo.

O que torna parceiros os sujeitos? Em primeiro lugar, eles se tornam parceiros pela fala, não fosse pelo fato de se dirigirem ao Outro e este lhes responder, reconhecendo-os ou não, identifi-

4 N. do T. No original, “objet à éclipse”, uso da expressão à *eclipse*, que significa o que aparece e desaparece alternativamente. Cf. Le Robert, *Dictionnaire des expressions et locutions*.

cando-os. O fundamento do casal significativo é um “tu és”, “tu és isso”. Em um dado momento, Lacan de fato fazia do significativo o fundamento ideal do casal.

Para Freud, os sujeitos se tornam parceiros essencialmente pela identificação com o mesmo. A identificação é o núcleo do casal significativo, este par podendo se estender até abranger uma coletividade. Para ele, os sujeitos também se tornam parceiros pela libido, o que Lacan traduziu em um primeiro momento de seu ensino pelo casal imaginário α - α' , com uma libido circulando entre os dois termos. Com ele, tornou-se comum opor o casal significativo simbólico ao casal imaginário, este mais duvidoso, mais instável, porque ligado aos avatares da libido.

Podemos acrescentar que os sujeitos tornam-se parceiros pelo desejo, tradução lacaniana da libido, e parceiros precisamente pela mediação do falo. O falo é de algum modo uma instância bifacial, entre fala e libido, já que Lacan faz dele, no auge de sua elaboração a respeito do termo, o significativo do gozo. Ligar fala e libido é o que a expressão ‘significativo do gozo’ já faz.

Todavia as diferentes formas de parceria, quer sejam elas pela fala, pela libido, ou ainda pelo desejo, não resolvem a questão de saber se os sujeitos tornam-se parceiros pelo gozo. Somos inclinados a pensar que pelo gozo eles se tornam solitários. É o status auto-erótico, até mesmo autístico do gozo.

Mesmo considerando separadamente os sujeitos de cada sexo, a mulher vai alhures, sozinha, enquanto o homem é presa do gozo de um órgão destacado em seu corpo próprio, e que, se o quisermos, lhe faz companhia. O gozo, à diferença da fala, torna solitário.

Há esta esperança que chamamos de castração, esperança de que uma parte de gozo autístico esteja perdido e que se o reencontre no Outro sob a forma de objeto perdido. Em outras palavras, a castração é a esperança de que o gozo torne-se parceiro, porque ela exigiria que se encontrasse o complemento de gozo necessário no Outro.

Para Lacan, o tema do parceiro-falo traduz a face positiva da castração: ela é o sexo tornando os sujeitos parceiros. Sob outro ângulo, isso faz do Outro apenas um meio de gozo, e não é evidente que isso desqualifique ou anule o cada-um-por-si do gozo e sua idiotia.

Em *O Seminário, livro 20: mais, ainda*, Lacan evoca a masturbação como o gozo do idiota. Digamos que a idiotia do gozo evidentemente não é desqualificada pela ficção consoladora da castração. É bem essa a diferença que se demarca se opomos a construção de Lacan em “A significação do falo” àquela que aparece em “L’Étourdit”. Em “A significação do falo”, temos de haver-nos com o parceiro falicizado, na tentativa de demonstrar em que o falo torna parceiro. Reencontramos tal falo na construção de “L’Étourdit”, mas ela não incide sobre o parceiro, e sim no próprio sujeito, inscrito na função fálica. Nesse nível, longe de incidir sobre o parceiro, de qualificar o parceiro, a função fálica qualifica o próprio sujeito, mostrando-o parceiro da função fálica. Dessa maneira, nas entrelinhas, pode-se ler que, por esse viés, não são parceiros, ou seja, um e o outro não são parceiros pelo viés da função fálica, que, contrariamente, qualifica a relação do próprio sujeito com essa função. E desse modo, o parceiro só aparece em seu status minorado, degradado, o de ser meio de gozo.

Na verdade, o parceiro meio de gozo é o que aparece na fantasia. A teoria da fantasia sustenta que o parceiro essencial é o parceiro fantasístico, este que é escrito por Lacan em sua fórmula da fantasia no lugar do objeto a . O status essencial do parceiro no nível do gozo é ser o objeto a da fantasia.

Certamente quando Lacan forja tal fórmula a partir de “Uma criança é espancada”, de Freud, o pequeno a é um termo imaginário, e sem dúvida ele distingue o invólucro formal da fantasia, ou seja, a imagem e a frase na fantasia, do núcleo de gozo como sendo propriamente o “fazer-se espancar”. Nesse contexto, a fantasia se opõe ao sintoma, primeiro porque a fantasia é gozo agradável enquanto o sintoma é dor. Nesse ponto Lacan insiste no status de mensagem do sintoma, portanto seu status de verdade, ao mesmo tempo que prevê, em seu grafo, uma incidência da fantasia no sintoma.

Sintoma e fantasia, contudo, tão essenciais que devem ser distinguidos, reencontram-se, conjugam-se no final do ensino de Lacan. Em primeiro lugar, porque se tomamos a fantasia em seu status fundamental, não se trata mais de imaginário ou simbólico, mas sim do real do gozo. A fantasia se conjuga desse modo ao sintoma porque ela não é apenas mensagem, mas também gozo.

O que portanto parece fundamental, tanto na fantasia quanto no sintoma, é o núcleo de gozo, do qual ambos são como modalidades, invólucros. O modelo do sintoma de que se trata aqui não é o da histérica, que fascinou Freud por ser decifrável. Trata-se mais propriamente do sintoma obsessivo tal como Freud destacou seu status em “Inibição, sintoma e angústia”, o sintoma obsessivo que o eu adota, tornando-se parte da personalidade, e que, longe de se destacar, torna-se fonte de satisfação agradável, sem discordância.

Aqui estamos no nível em que o sujeito é feliz, tanto na fantasia como no sintoma. É nessa perspectiva que falo do parceiro-sintoma. O parceiro é suscetível, se ele está ligado ao sujeito de modo essencial, de encarnar, propriamente falando, o seu sintoma.

Fundamento sintomático do casal

Talvez seja preciso dar aqui algum exemplo que mostre que o verdadeiro fundamento do casal é sintomático.

Uma mulher é abandonada pelo pai – figura sublime! – no nascimento, e até mesmo antes do nascimento, já que falamos do caso do cara que se escafedeu tão logo deu aquela gozada.

Ela não se torna psicótica em função de uma substituição ocorrida e que lhe permite arranjar-se com o significante e o significado. Alguém ocupa o lugar de pai, mas não a ponto de impedir uma divisão precoce: “Ninguém pagará por mim”, decisão que faz dos males um bem por assumir o desamparo em que foi largada. “Necessidade de ninguém”, eis como ela se sai. Isso a lança em uma certa errância. Ocorre-me a imagem da tartaruga que passeia com a casa nas costas. Ela encontra um homem, se apega a ele, constituem casal e prole.

Qual o homem que ela encontra? Exatamente um que não quer pagar para uma mulher. Evidentemente isso lhe convém, um homem que não quer pagar sua cota à mulher. E, entre

todos, é com esse que ela se junta. É um homossexual. *Nobody is perfect*. Eles se amam, se entendem. Um não pagará pelo outro, eis o lema do casal.

A má sorte faz com que ela entre em análise. Sabe-se – não por acaso – que a análise é de bom grado causa de divórcio. E na análise nasce o desejo de que o Outro pague por ela.

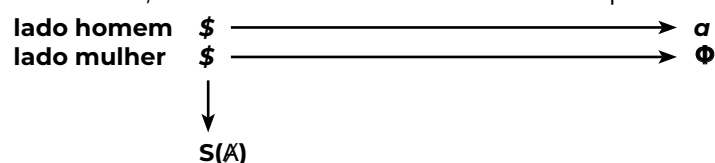
Um sonho retorna: uma boutique da infância conduz à associação de que, quando ia comprar alguma coisa embaixo do prédio onde morava, ela dizia: “Papai vai pagar”. Papai era o substituto. E ei-la que se põe a desejar que o homem, o pai de seus filhos, pague sua parte. Ela não quer mais ser tartaruga.

O cara, fiel ao contrato sintomático inicial, não quer largá-los. E ela passa a detestá-lo, sonha em deixá-lo, prepara sua partida. Ele não se mexe. O cofre está fechado. Eis que logicamente ela lhe apresenta contas. E um dia ela lhe apresenta uma conta a mais – de gás e eletricidade. Eis que isso se revela insuportável para ele, pega suas tralhas, vinte anos depois, e pede enraivecido o divórcio, logo após advertir a companhia de gás francesa para não mais lhe cobrar débitos porque ele não os pagaria. Esse divórcio é doloroso para ela, que descobre que não o queria, apesar de cozinhá-lo em banho-maria durante anos. Ao contrário, ela desejava um casal verdadeiro, no seu conceito.

Pode-se dizer que a análise atingiu a base sintomática do casal. E por que não considerar isso como uma travessia da fantasia, da fantasia “necessidade de ninguém”? Constatamos, em todo caso, que essa fantasia passou para a vida. Tendo atravessado a fantasia, divorciada, ela se reencontra na situação em que certamente ele não mais pagará para ela. Nesse momento tão doloroso de ruptura do casal, descobre-se o que era a base do casal, que cada um casara com seu sintoma.

É preciso levar em conta a dissimetria de cada sexo na relação com o Outro. Aqui Lacan nos serve de guia. O que o sujeito homem busca no campo do Outro? Ele busca essencialmente o que é o objeto a , objeto que responde tão bem à estrutura da fantasia. Ele se relaciona apenas com esse pequeno a . Isso pode assumir a forma grosseira que evoquei com “aquela gozada”.

Não é fundamentalmente diferente do lado mulher. Escrevo aqui $\$$. Lacan apõe à ponta da flecha um Φ , resto da elaboração de “A significação do falo”. Ele apõe o Φ , e não o falo imaginário, para indicar que há objetos que podem tomar esse valor. O falo é certamente o mais querido, mas a criança pode adquirir valor fálico. Eventualmente, podemos nos relacionar com o Outro sexo para roubar dele essa criança com valor fálico. Mas não é fundamentalmente diferente no nível em que cada um degrada o Outro. Cada um visa o Outro para dele extrair seu mais-de-gozar. É aí que Lacan acrescenta um elemento do lado mulher: além disso, em seu próprio campo, o sujeito feminino tem relação com o que ele escreve como $S(A)$. Tal é a diferença. O sujeito mulher se relaciona com a falta do Outro, e disso decorre um desvario especial.



Isso pode ser traduzido em diversas pantomimas. Para começar, a de bancar a louca. Esta é sempre uma possibilidade. Por exemplo, é o sintoma de personalidades múltiplas. Menos sofisticado, o distúrbio da identidade deve ser igualmente inscrito nesse registro, além de todos os distúrbios afetando a presença no mundo até os fenômenos do tipo oniróide, que foram, de longa data, referidos à histeria. Há uma outra pantomima que escrevemos em série: fazer do homem um deus, ou deixá-lo louco. O sujeito feminino dirige-se ao Outro para nele encontrar a consistência, mas oferece ao sujeito masculino a oportunidade de aí encontrar a inconsistência, a que inscreve satisfatoriamente o \mathcal{A} .

Aliás, é o que o infeliz, de quem evoquei o destino, encontra. O que o deixa enraivecido e motiva o divórcio é ela não mais jogar o jogo. É também desse lado que se inscreve a possibilidade, para o sujeito feminino, de se fazer o Outro do homem, ou seja, se dedicar a ser o seu supereu, em suas duas faces: de sanção, e também de empuxo-ao-trabalho, ou seja, de empuxo-ao-gozo. Freud o assinala quando atribui à mulher o privilégio que ela daria aos interesses eróticos. O sujeito feminino é apropriado para encarnar o imperativo “Goza”, assim como o “Vai, trabalha e traz o suficiente para o feijão”. O imperativo cai como uma luva: “Goza, mas só comigo”, daí a paixão de ser única. O homem também pode se alojar para a mulher nesse lugar de $S(\mathcal{A})$. É aí que a dissimetria é mais probatória.

Se seguirmos Lacan, a mulher é sempre objeto a para um homem, motivo pelo qual ela não é mais que parceiro-sintoma. O núcleo de gozo, é esse objeto a , o parceiro sendo aqui o invólucro de a , exatamente como o sintoma o é. O parceiro como pessoa é o invólucro formal do núcleo de gozo, enquanto, para a mulher, se o homem se aloja em $S(\mathcal{A})$, não é somente um sintoma circunscrito, porque esse lugar implica o ilimitado. É um lugar não cerceado, um lugar em que não há limite. O homem é então o parceiro-devastação. Dito de outro modo, a devastação comporta o ilimitado do sintoma. Em um determinado sentido, para cada sexo, o parceiro é o parceiro-sintoma, mas para a mulher, em particular, um homem pode ter a função de parceiro-devastação.

Parceiro-devastação

Talvez eu possa dar um exemplo, o de uma jovem mulher que se casa com um homem que ela fisgou. Em algum lugar, Lacan fala do bando de rapazes se empurrando, se dando bordoadas e das meninas que os cercam, até que uma descola um deles do bando, e ele então acena para os amigos: “Até mais, a gente se fala”. Ops... Ela o arrasta.

Ela ultrapassou as reticências do rapaz, suas inibições, sua extrema má vontade. Ele queria permanecer casado com seu pensamento, seus maus pensamentos. Ela forçou um pouco a barra para agarrá-lo, e não outro, embora fosse uma mulher a quem não faltassem pretendentes.

Eis o resultado: ele não deixa passar um dia sem cobrá-la pela constituição desse casal sob a forma de observações depreciativas. Isso é clássico! Freud o assinalou: o homem despreza a mulher por causa da castração feminina, observações depreciativas que chegam à injúria quotidiana, sob formas particularmente cruéis. O ódio da feminilidade se expõe do modo o mais evidente possível.

As pessoas comentam, os amigos dizem: “Larga dele”. Surge a famosa questão: “o que ela viu nele?”, reveladora da dimensão do parceiro-sintoma. A pressão acaba por levá-la a um analista.

Em análise, descobre que, finalmente, ela vai muito bem. Prospera. Goza na cama. Após a injúria, transam. Ela engravida. Ela trabalha. E toda a dor concentra-se no parceiro injurioso que aparece sob a forma, assinalada por Lacan, de devastação. Isso a devasta. Ela chega à análise devastada pelos dizeres do parceiro.

O que se descobre em análise? Descobre-se – com a ajuda dessa perspectiva que se abre, quando partimos do princípio, tão salubre, de que o sujeito é feliz inclusive na sua dor – que a palavra de injúria é exatamente o próprio núcleo de seu gozo, que ela tem da injúria gozo da palavra. A injúria, aliás, é a última palavra, esta em que o *Sinn* engancha a *Bedeutung* de forma direta.

Ela descobre que precisa ser estigmatizada para ser. O estigma é a cicatriz da chaga, o corpo que porta as cicatrizes. Não se pode escrever o estigma de maneira melhor do que S(~~A~~). Aliás, era no estigma que eventualmente se reconhecia a marca de Deus.

Se foi esse o homem que ela quis arranjar e ficar com ele, é na exata medida que ele lhe diz injúrias.

Certamente ele a degrada. Por que ela precisa disso? Por que ela só é mulher sob a condição de ser assim designada.

Chegamos ao termo último, ao *terminus*, que é o pai. A única relação sexual que faz sentido é a incestuosa. Ocorre que o pai nutria um desprezo profundo pela feminidade, um desprezo de origem religiosa. Foi na relação com seu Deus que nele se desenvolvera uma desconfiança, um ódio pela feminidade, do qual a filha não escapou. O casal infernal comemorava o sintoma do pai. O sujeito gozava da estigmatização paterna por meio de seu parceiro.

Vê-se aqui que o Outro da fala está preocupado. Com certeza! Preocupado pelo gozo, pois aí é essencial que o parceiro fale. Aqui, porém, não é o Outro da verdade que funciona, nem o Outro da boa fé, mas sim o Outro da injúria. O sujeito se encontra ajustado com o Outro pelo que é o sintoma do Outro. Ela satisfaz aí seu próprio sintoma. Se há relação, ela se estabelece aqui no nível sintomático. E, nesse casal, cada um toma parte como sintoma.

Um bom uso do sintoma

A abordagem do sintoma que empreendo por meio de alguns exemplos e de um rápido percurso na obra de Lacan evidentemente se liga à idéia que podemos ter do fim da análise.

Há vários anos conceituamos o fim da análise a partir da travessia da fantasia. A fantasia concebida como véu a levantar, rasgar ou atravessar para atingir o real, na época escrito objeto *a*. Esse encontro teria o valor de despertar e, certamente, reordenar *a posteriori*, de forma definitiva, as ocorrências da vida do sujeito, fazendo aparecer seus tormentos anteriores como mais ou menos ilusórios.

Nessa perspectiva, somos conduzidos a opor a suspensão do sintoma, de ordem terapêutica, à travessia da fantasia, que abre um mais-além, permitindo um acesso ao real; o que verdadeiramente se qualifica de passe, com uma mudança de nível. Creio ter revelado a temática em toda sua intensidade, temática que está em Lacan e indiscutivelmente o inspirou.

O tema do sujeito iludido que tem, a partir de uma experiência fundamental, um acesso diferente à verdade, ao real etc., num afeto de despertar é também um tema clássico. O despertar é um termo encontrado nas culturas orientais. Descobre-se que se vive na ilusão, sob o véu de Maya, e que se pode atravessá-lo rumo ao despertar. Na temática da travessia da fantasia, tem-se todas as harmônicas dessa tradição, presente igualmente em Pitágoras, Platão e talvez Spinoza. Porém, do ponto de vista do sintoma, ou *sinthoma*, como diz Lacan, não se trata de ilusão, nem de despertar para o real ou para a verdade do real. Do ponto de vista do sintoma, o sujeito é feliz. Ele é feliz tanto na dor quanto no prazer; tanto na ilusão quanto na verdade. A pulsão desconhece essas histórias. Quanto ao sujeito, como diz Lacan, “toda sorte lhe é boa” (*tout heur lui est bon*) para o que o mantém, ou seja, para que ele se repita.

Dito de outro modo, o que não muda é a pulsão. Não há travessia da pulsão, não há mais-além da pulsão. Eu já disse antes que não há travessia da transferência. Certamente, há o estabelecimento de outra relação subjetiva com a pulsão e com a transferência, por exemplo, uma relação limpa do Ideal. Se nos fiarmos à oposição entre o I e o α do gozo, o sujeito no fim da análise se encontrará mais próximo da pulsão. É o que Lacan chama de saldo cínico da análise – cinismo aqui entendido em seu valor de anti-sublimação.

Essa perspectiva não abre para uma travessia, porém, mais modestamente para o que o próprio Lacan chama, na última parte de seu ensino, de “saber haver-se aí (*savoir y faire*) com o seu sintoma”. Não é se curar. Não é deixá-lo para trás. Ao contrário, é estar enroscado e saber haver-se aí.

O que se desloca entre a temática da travessia da fantasia e a do saber haver-se aí com o sintoma? Em todo caso, isso indica que nesse nível isso não muda. Não despertamos. Conseguimos apenas manejar de outro modo aquilo que não muda.

O saber haver-se aí remete ao que o sujeito é capaz, dado o caso, na ordem imaginária. Sabemos mais ou menos haver-nos com nossa imagem. Trabalhamos nossa imagem. Vestimos nosso corpo. Maquiamo-nos. Arrumamo-nos. Fazemos dietas. Produzimo-nos. Tomamos sol, e antes protegíamo-nos dele. Em suma, cuidamos de nossa imagem.

Pois bem, a questão seria de saber haver-se aí com seu sintoma tendo o mesmo cuidado dispensado à imagem. A perspectiva é aquela de um bom uso do sintoma, e isto é muito diferente da travessia da fantasia.

A travessia da fantasia não deixa de ser uma experiência de verdade. É a noção de que as escamas, em determinado momento, caem dos olhos, e que a existência se reordena a partir de uma visão *a posteriori*.

O bom uso do sintoma não é uma experiência de verdade, trata-se antes da ordem, se ousar dizer, de ter prazer com seu gozo, estar em sintonia com seu gozo. Muito inquietante, certamente! Esboça-se aqui algo da ordem do sem-escrúpulo. O escrúpulo, no sentido etimológico, é uma pedrinha que incomoda. No sapato, por exemplo. A consciência é da ordem dessa pedrinha, e o bom uso do sintoma deixa de lado a famosa pedrinha.

Neste sentido, o fim da análise não é deixar de ter sintoma – esta seria a perspectiva terapêutica – mas sim, ao contrário, amar o sintoma como se ama a própria imagem, e até mesmo amá-lo em vez de sua imagem.

O saber haver-se aí com seu sintoma

Enfatizei de outro modo o fim de análise. Não o fiz sem hesitação, nem sem prudência.

Aggiornamento de nosso olhar clínico

É preciso reconhecer que o aqui enunciado tem incidências sobre a prática analítica, sobretudo em certa área dessa prática. Não estamos aqui apenas para comentarmos a prática que existe; as ênfases postas, e até mesmo as inovações que se esboçam, têm conseqüências sobre a prática analítica. Isso está na medida para evitar tocar em tal questão, e isso para não dizer tudo.

Após enfatizar o parceiro-sintoma, a relação do sujeito no casal, o casal que ele forma com outro, sou forçado a constatar isso de que me falam sobremaneira. Logicamente já me falavam antes, razão da ênfase ter se imposto. Porém tomar conhecimento, promovê-la, tem como efeito reforçá-la, até o ponto de não se poder desconhecer o lugar que a relação com o parceiro tem na prática e na clínica, na qual essa relação não é um complemento, nem enfeite, aparecendo sobretudo como pivô. Não é exato afirmar que na análise se fala somente de papai e de mamãe, da família de nascimento e do ambiente da infância. É fato que falamos, de modo premente e mesmo proeminente, da relação com o cônjuge ou com a ausência de cônjuge, o que, para o que nos interessa, dá no mesmo. Faz parte do *aggiornamento* de nosso olhar clínico passar à perspectiva que se impõe em primeiro plano.

Há para isso razões de civilização que exploramos às apalpadelas. É um fato da época em que o Outro não existe. Não existindo o Outro, recuperamo-nos com o parceiro, que, este, existe; de vários modos possíveis nós o fazemos existir.

A ruína do Ideal e a prevalência do objeto mais-de-gozar tendem, no modo de gozo contemporâneo, ao fenômeno abordado de modos distintos por outras perspectivas que não a nossa: a dissolução de comunidades, da família ampliada, das solidariedades profissionais, e até mesmo, para empregar uma gloriosa palavra popular, nos introduz em um fenômeno cada vez mais generalizado de desenraizamento.

Ao mesmo tempo, observamos o surgimento de comunidades recompostas sobre novas bases que o atual regime do Outro impõe, comunidades recompostas por novas famílias, seitas, pertinências associativas, cuja importância na existência é bem maior do que no passado; e um tecido que se trama, de forma nova, de múltiplas solidariedades que, aliás, os estados tentam explorar, e em relação às quais devem situar-se. Os estados são progressivamente postos sob suspeita de nada serem além de uma comunidade como qualquer outra nas mãos do que chamamos, tanto nos Estados Unidos quanto na França, de a classe política, na qual finalmente apenas se vê uma comunidade especial com interesses particulares.

Nessa recomposição comunitária, exigida pelo desenraizamento dominante, sem dúvida o casal é a comunidade fundamental. Ao menos, a forma do casal é subjetivamente essencial.

Essa forma do casal é evidenciada na psicanálise. O analisante vem fazer par, por meio de um diálogo especial, com o analista. Constatamos que o discurso psicanalítico passa pela formação de um casal artificial. A própria expressão casal artificial só valeria verdadeiramente se tivéssemos a noção de um casal natural, que não fosse artificial. É exatamente o que está em questão. Freud chamou o liame desse casal de transferência.

Certamente o casal analítico é dissimétrico. Seus elementos não são equivalentes, ainda que o fato de serem um casal conduza ao querer que a contra-transferência, sob certas perspectivas, responda à transferência. O casal dissimétrico pode ser concebido como libidinal, quando vemos no analista um objeto investido, atraindo para si a libido.

Sabemos que Lacan se recusou a conceber o casal analítico como libidinal. Recusou-se por preconceito, indo buscar a justificativa em Freud de que a libido seria uma função essencialmente narcísica, ilustrada pelo casal especular α - α' . Ele considerou que tal conteúdo da forma casal não convinha ao casal analítico, opondo-lhe o casal intersubjetivo fundamentado na comunicação.

$$\alpha - \alpha'$$

$$\$ \diamond A$$

Um casal pivotante na dita função do grande Outro como auditor, mas também, por uma inversão do emissor, em todos os casos, como intérprete, senhor da verdade; e o laço entre os dois é a mensagem, o endereçamento. O Outro é ao mesmo tempo senhor da verdade e senhor de reconhecimento do sujeito. Pois bem, foi a partir daí que Lacan tentou retornar ao casal libidinal.

O casal intersubjetivo, no qual trata-se de comunicar, de dizer a verdade do que o sujeito enuncia, é um casal muito intelectual, um casal apaixonado pela verdade, pela pesquisa da verdade a respeito do que é o sujeito. Ele se diferencia, com efeito, do que é o casal libidinal. Uma vez separados os dois registros, a questão para Lacan se tornou: como explicar o casal libidinal a partir do casal subjetivo? Como explicar o amor e o desejo a partir da comunicação? Ele não deu apenas uma resposta, porém todas elas precisaram da introdução do que chamarei de termos Janus.

Inicialmente, ele respondeu à questão: “como explicar o amor e o desejo a partir do casal intersubjetivo?” em termos significantes. É a doutrina do falo, na qual a libido é reduzida aos fenômenos de significante e significado e o parceiro do amor e do desejo é o falo. O falo é um termo Janus por pertencer, por um lado, ao simbólico e, por outro, ao registro libidinal. É então a resposta em termos de parceiro fálico.

$$(\$ \diamond \Phi)$$

Mais tarde, às vezes simultaneamente, deu outra resposta ajudado por outro termo Janus, o objeto α , que sem dúvida, não sendo um significante, está mais próximo do registro libidinal que o falo. Mesmo não sendo um significante, Lacan o faz funcionar em sua circulação como um significante, por exemplo, no esquema dos quatro discursos, a letra α não é um significante, mas gira tanto como os significantes, como com a falta de significante. O objeto α é, tal como o falo, um termo Janus.

É o casal fantasístico em que o parceiro do amor e do desejo aparece reduzido essencialmente ao status de objeto. Para Lacan, é a fantasia o que de algum modo constitui o casal fundamental do sujeito, a ponto de, para situar o lugar do analista, ter-lhe sido preciso definir o lugar balizado com o termo objeto α .

A doutrina lacaniana clássica do fim de análise se concentrou nesse casal. Foi essencialmente o que Lacan aparelhou sob a forma do passe. Quando ele conseguiu extrair a função do casal fantasístico, pensou que poderia colocá-lo no aparelho destinado a captar, a organizar o fim de análise.

Tal doutrina tornou-se clássica – sejamos exatos – porque eu o enfatizei. No momento em que Lacan parou de ensinar e em que sua Escola não somente foi dissolvida, mas voou pelos ares, o passe já havia sido descartado pelos alunos mais importantes. A prova disso é que naquele momento nenhum grupo lacaniano, salvo aquele do qual eu fazia parte, retomou às suas custas a prática do passe, considerando que o fracasso se consolidara. Aliás, nem tão enganosamente, pois o ensino de Lacan parecia ter feito o luto do passe, tendo-o, em todo caso, minorado.

É bem verdade que em 1981-2 fiz todo o necessário para restabelecer o passe como doutrina e funcionamento, pensando que a instituição a ser reconstituída sobre novas bases exigia tal aparelho do passe. Dou essas especificações porque, hoje em dia, quando quero dar uma ênfase diferente, vejo retornar a gritaria de alguns: “O passe, o passe!” “Tenham calma”. A história é mais complexa. Lacan propôs o aparelho do passe em 1967. Ensinou até 1980. Deu, à sua trajetória, inflexões que valem a pena seguir.

Para Lacan, antes da doutrina do passe, o fim de análise estava situado, antes de mais nada, em um mais-além do imaginário, e portanto entre dois termos pertencentes ao registro simbólico, dois termos que foram a morte e o falo, sucessivamente.

Foi a contragosto que Lacan situou o fim de análise em relação a esses dois termos do simbólico. Para o primeiro, o fim da análise situara-se em termos de assunção; para o segundo, em termos de desidentificação. Tanto em um caso como em outro, a localização essencial, o lugar do fim da análise, situava-se no simbólico, mais-além do imaginário.

De fato, com a doutrina do passe, esboça-se o lugar do final de análise mais-além do simbólico, em uma atualização do parceiro objeto α . Certa vez Lacan chamou essa relação, não muito mais que uma vez, de a travessia da fantasia, da qual fiz um tipo de *schibboleth*, *leitmotiv*, opondo-a à suspensão do sintoma e situando-a na grande oposição existente entre sintoma e fantasia. Tive tamanho êxito que, quando quero retocar, mesmo com a mais leve mão, vira insurreição: “Miller tocou na travessia da fantasia!” Exigem-me a estagnação, sobretudo não querem que eu me mova. Querem o pai morto. Querem o pai, e sobretudo o pai morto.

Observo, contudo, que a travessia da fantasia enfatiza a função da verdade, mesmo quando parece falar do real. Em todo caso, ela acentua um certo mais-além do saber sob forma de verdade e se inscreve em uma dialética do véu e da verdade, sendo a fantasia considerada como esse véu que se trata de erguer ou atravessar para atingir uma certa verdade do real. A travessia da fantasia implica algo como um despertar para o real. Não é falso, mas podemos questionar o que aí se anuncia gloriosamente como descontinuidade, a saber como definitivo, em vista dos resultados.

Os que estão *passados* estarão acordados? Parecem tão bem instalados com certo conforto, conforto sem escrúpulos. Eis porque apesar de Lacan tê-lo dito apenas uma vez, creio valer a pena deslocar a ênfase.

Esta palavra travessia atravessa a Ponte de Arcole⁵. Há heroísmo na travessia. Houve a travessia do Atlântico por Lindberg, a dos 10 mil, a longa marcha chinesa. A travessia mobiliza uma figuração de heroísmo. Não poderíamos, vendo os resultados, simplesmente acrescentar, pôr ao lado da travessia da fantasia o que Lacan chama, de forma deliciosa, modesta, de o saber haver-se aí com o sintoma, cuja ênfase é inteiramente diferente? Isso não postula em primeiro plano a descontinuidade entre o antes e o depois.

O saber haver-se aí com o sintoma é uma questão de mais ou menos. Nele entra o ambíguo, o vago – *fuzzy* – tal como chamávamos certas “lógicas ambíguas”. Ele não representa necessariamente o oposto da travessia da fantasia. Poder-se-ia mesmo dizer: após a travessia da fantasia, o saber haver-se aí com o sintoma, se assim quisermos introduzir transições, sem desaprumarmos a população.

Savoir-faire e saber haver-se aí

Eu enfatizaria aqui também a diferença delicada, proposta mas não desenvolvida por Lacan, entre *savoir-faire* e saber haver-se aí (*savoir y faire*). Ele o afirma uma vez em um seminário dos últimos anos.

Aqui, necessitamos construí-la, visto que ele não diz o porquê da oposição. Eis o que invento a esse respeito.

O *savoir-faire* é uma técnica. Há *savoir-faire* quando conhecemos aquilo de que se trata, quando temos experiência. Aliás, o *savoir-faire*, sem ser elevado ao nível teórico, se ensina. Nos Estados Unidos, encontramos na livraria manuais de *How to? Como fazer com...?* O *savoir-faire* com... tudo. Como dirigir o carro, o casamento, como fazer ginástica, como fazer a cozinha francesa etc. O *savoir-faire* é uma técnica para a qual há lugar quando se conhece a coisa de que se trata e pode-se definir as regras reproduzíveis, por isso mesmo ensináveis.

Já o saber haver-se aí ocorre quando a coisa em questão escapa, quando conserva sempre algo de imprevisível. Tudo que se pode fazer é lisonjeá-la, permanecendo atento. No *savoir-faire*, a coisa é domesticada, submissa, enquanto no saber haver-se aí, permanece selvagem, indomável. Eis por que há o universal do lado do *savoir-faire*. Mas quando há o singular, só há saber haver-se aí. No *savoir-faire*, conhecemos a coisa. Nada de surpresas! No saber haver-se aí, contudo, admitimos saber encarar a coisa, mas com precaução. Nós a desconhecemos, e sempre estamos esperando o pior.

Retomo aqui um pequeno trecho de Lacan: no saber haver-se aí, não tomamos a coisa em termos de conceito. Essa indicação mínima parece-me congruente com o que desenvolvi: no *savoir-faire*, domesticamos a coisa por um conceito, enquanto no saber haver-se aí, a coisa permanece exterior a toda captura conceitual possível. Nesse mesmo sentido, não somente não

5 N. do T. Batalha de Arcole, vitória de Bonaparte sobre os austríacos, próximo de Verona, 1796.

estamos na teoria, como também não estamos verdadeiramente no saber. O saber haver-se aí não é um saber, no sentido de um saber articulado. É um conhecer, no sentido de saber se virar com. É uma noção que, em seu sentido ambíguo e aproximado, parece essencial no último Lacan: saber se virar com.

Aqui estamos no nível do uso, do *us* – velha palavra francesa que vocês encontram na expressão “*les us et coutumes*”, nos usos e costumes, que provém diretamente do latim *usus* e de *uti*, servir-se de.

Para o último Lacan, o nível do uso é um nível essencial. Nós já o abordamos, ainda que o tenhamos feito por meio da disjunção do significante e do significado. Com efeito, o último ensino de Lacan enfatiza, contrariamente à “Instância da letra”, a não vinculação entre significante e significado, havendo entre eles apenas um depósito, uma cristalização, decorrente do uso que se faz das palavras. A única coisa necessária para haver uma língua é que a palavra tenha um uso, diz ele, cristalizado pela fusão.

Esse uso é o uso feito por um certo número de pessoas que dela se utilizam, “não se sabe muito bem por quê”, diz Lacan. Eles a utilizam e, pouco a pouco, a palavra é determinada pelo uso que dela é feito.

O conceito de uso é essencial no último ensino de Lacan, exatamente por ser distinto do nível do sistema, o nível saussureano do sistema que o inspirara no início. Ao sistema opõe-se o uso, à lei diacrítica do sistema fixado no corte sincrônico que fazemos, para determiná-lo, opõem-se os mais ou menos, as conveniências, os sabichões e os desvios da palavra, do uso da palavra, da prática. Há aqui, com efeito, uma disjunção essencial entre a teoria e a prática. Essa disjunção já se esboça por meio do *savoir-faire* – o *savoir-faire* já é uma prática codificada distinta da teoria – e explode no saber haver-se aí. Neste não há teoria, mas sim uma prática que segue seu caminho sozinha, como o gato de Kipling.

Enquanto havia o Outro, tesouro do significantes, não tínhamos necessidade do uso, e podíamos afirmar que nos referíamos ao Outro para saber o que as palavras queriam dizer. E depois, quando as palavras funcionavam e que evidentemente não eram como no dicionário, recorria-se ao mestre da verdade, àquele que dizia, pontuava e escolhia o que aquilo queria dizer.

Mas quando o Outro não existe, quando não elevamos a contingência do dicionário ao status de norma absoluta, quando vocês acreditam mais ou menos no mestre da verdade, sobretudo menos que mais, quando se é mais do tipo “ele diz isso e eu digo outra coisa”, quando o Outro não existe, então só há o uso. O conceito de uso se impõe precisamente a partir do fato de que o Outro não existe. A promoção do uso acontece onde o saber falta, onde o espírito de sistema é impotente, e ali onde a verdade, com seu cortejo de mestres mais ou menos faltantes, não se encontra.

Eis bem por que há uma correlação essencial entre o conceito de uso e o real, em sua definição radical proposta por Lacan: “Talvez seja meu próprio sintoma”. O real em sua definição radical não tem lei, não tem sentido, aparece apenas em pedaços, o que significa dizer totalmente rebelde à própria noção de sistema. Eis por que a relação com o real, até mesmo a boa relação com o real, está marcada, qualificada pelo termo de uso.

A melhor prova disso – Lacan não parou de falar a esse respeito em seu último ensino – é que sempre nos enrolamos (*on s'embroullie*). Põe-se sempre de lado. O homem se enrola com o real. É por aqui que nos aproximamos da definição mais probatória. Ele se enrola também com o simbólico. É porque o homem se enrola com o simbólico que há algo de real no simbólico. Quando não conseguimos mais dominar o simbólico, e então tateamos, tentamos fazer algo, é exatamente isso o que marca que há real no simbólico.

O homem se enrola também com o imaginário, e é isso a marca de haver real no imaginário, razão pela qual Lacan qualifica a posição nativa do homem como sendo a de debilidade mental. Isso é coerente com o conjunto de termos: o uso, o real, o enrolar-se, e o status de debilidade mental, que tem a ver com o que o sujeito de saída tem de fundamentalmente desarmonioso.

Daí a questão ser a de se desenrolar (*débrouiller*), conseguir se livrar, porém aqui no espírito mais empírico que sistemático. É aí que Lacan se refere ao bem-dizer. O bem-dizer não é a demonstração. O bem-dizer é o contrário do matema, ele quer dizer que o sujeito consegue finalmente se desenrolar do real com o significante. Nada além que se desenrolar, a ponto de Lacan, numa definição estrondosa, ter proposto que o real se encontra nas enrolações da verdade.

É disso que se trata, de rolo, de desenrolações do tipo Bibi Fricotin, arrolamentos, *imbroglios*, do modo com que caímos na rede (*emmêler*) que enredamos (*mêler*). O objeto que faz sentir que o essencial da condição humana é a enrolação é o nó, o objeto que Lacan pôs no quadro negro durante anos.

A referência de Lacan era a ciência, isto é, de modo algum o bem-dizer, mas sim a demonstração, a redução do real pelo significante. Em seguida, durante o seu último ensino, foi a arte, à diferença da ciência, a arte de saber haver-se aí, até mesmo *savoir-faire*, contudo mais-além das prescrições do simbólico.

Nessa perspectiva, o sintoma é antes de tudo um fato de enrolação. Há sintoma quando o nó perfeito rateia, quando o nó se enrola, quando há, como dizia Lacan, lapso do nó. Ao mesmo tempo, porém, esse sintoma feito de enrolação é também o ponto de basta e, em particular, o ponto de basta do casal. Assim, é também o sintoma um termo Janus. O sintoma, em uma de suas faces, é o que não vai bem, e na outra, a que Lacan, recorrendo à etimologia, denominou de *sinthoma*, o único lugar onde, para o homem que se enrola, finalmente isso rola.

Esse texto retoma uma ampla parte do seminário proferido, em colaboração com Éric Laurent, no quadro da Seção Clínica de Paris VIII, intitulado O Outro que não existe e seus comitês de ética (1996-97), dias 12, 19 e 26 de março, 23 de abril, 21 e 28 de maio, 4 e 11 de junho de 1997. Texto estabelecido por Catherine Bonningue.

Traduzido ao português por Angelina Harari e originalmente publicado no livro Os circuitos do desejo na vida e na análise, Rio de Janeiro, Escola Brasileira de Psicanálise (orgs.), Contra Capa Livraria, 2000, p. 153-207..

Publicado aqui com a amável autorização de Jacques-Alain Miller.



Winter, Balthasar Permoser, v. 1685-1690.

ESTÉTICA DO CONSUMO

“

“Para Freud, como ele partia do sentido, isso se apresentava como um resto, mas de fato esse resto é o que está nas origens do sujeito, é de certo modo o acontecimento originário e ao mesmo tempo permanente, isto é, ele reitera sem cessar. É o que se descobre, é o que se desnuda na adicção, em “um copo a mais” do qual ouvimos falar há pouco. A adicção é a raiz do sintoma que é feito da reiteração inestinguível do mesmo Um. É o mesmo, isto é, precisamente, isto não se adiciona. Não se tem nunca o “já bebi três copos, então basta”, bebe-se sempre o mesmo copo uma vez mais. É isto a raiz do sintoma. É nesse sentido que Lacan pôde dizer que um sintoma é um etcoetera. Isto é, o retorno do mesmo acontecimento”.

MILLER, J.-A. “Ler um sintoma”, *Opção Lacaniana* n. 70. São Paulo: Eolia, junho de 2015, p. 21.

”

MILES DAVIS BLUE FLAME

Music is wide open for anything (Miles Davis)

Sérgio de Mattos (Belo Horizonte, Brasil)

Blue flame

Em sua autobiografia¹, lemos nas primeiras frases acontecimentos que não chamaram a atenção dos produtores de *The birth of the cool* – Netflix. Desde o princípio, a fala de Miles nos entrega uma lógica de sua vida, determinada por eventos e significantes que conduzem a uma formalização que impressiona pela clareza e rigor, e na qual vemos se instaurar uma escritura “selvagem do gozo” na raiz da iteração e do seu “destino”. Distribuirei esses parágrafos iniciais ao longo desse texto.

A coisa mais antiga que me lembro em minha primeira infância é de uma chama, uma chama azul pulando de um fogão de gás que alguém acendeu. Me lembro de ter ficado chocado com o whoosh² da chama azul pulando pra fora da trempe, rápida e súbita. Isso é o mais longe que me lembro; mais para trás do que isso é apenas neblina, mistério. Mas aquela chama do fogareiro é tão clara quanto música em minha mente. Eu tinha três anos de idade.³

Chama azul / *whoosh*. Vemos aí a matéria prima da repetição, da adicção enquanto iteração, choque, significantes e matéria sonora. Continuo:

Eu vi aquela chama e senti o calor dela próxima ao meu rosto. Senti medo, medo real, pela primeira vez em minha vida. Mas eu me lembro disso também como um tipo de aventura, algum tipo de alegria estranha. Acho que essa experiência me levou a algum lugar na minha cabeça, onde eu nunca tinha ido. A alguma fronteira, borda, talvez, de tudo que é possível.

O sujeito se experimenta aí em uma borda diante de algo que sugere um infinito ilimitado - tudo que é possível -, em um gozo sentido como medo real e alegria estranha, aventura, borda de dupla face torcida como uma banda de *Moebius*, entre atração e repulsão.

1 Davis, M. *The Autobiography*/Miles Davis with Quincy Troup. 1st Touchstone ed. NY, 1989.

2 No Oxford Dictionary: movimento de urgência, mover rápido ou de repente com um som. Exclamação usada para imitar um movimento repentino acompanhado de um *rushing sound*. Onomatopeia de um som sibilante, sussurro, sopro.

3 Todas as traduções à autobiografia foram feitas pelo autor desse texto.

Impulsão com exigência de infinitude

O medo que senti era quase como um convite, um desafio para ir adiante e imergir em algo do qual eu não sabia nada. É daí que acho que minha filosofia de vida pessoal e meu compromisso com tudo que acredito começaram. Eu sempre acreditei e pensei desde então que meu movimento tinha que ser para frente, longe do calor daquela chama.

Miles Dewey Davis III é um dos mais influentes músicos do século XX. Esteve na vanguarda dos desenvolvimentos do jazz, reiteradamente mudando a si mesmo e sua música, mudando para sempre o cenário musical da música contemporânea. O documentário mostra sua busca incessante do novo, de um encontro constante com o instável e o instante e um desinteresse pelo passado. Erin Davis, seu sobrinho, lembra que Miles nunca falava dos discos que havia gravado, não tinha nenhum deles em casa, e só se interessava pelo que trabalhava naquele momento. Miles se empenhou em um modo de vida onde a instabilidade e o excesso eram essenciais para engendrar sua capacidade de criar, como um ímpeto a se tornar outro, *ekstasis*⁴.

Entretanto sua música é reconhecível desde a primeira nota de seu trompete: um som puro, elegante, cheio de bravura, caloroso, tocando de leve nas ondas do som, em uma palavra, *cool*. Sua vida foi uma aventura e um desafio comprometidos totalmente com a mudança para criar. Absorvia o que estava acontecendo “agora”, buscando novas formas de abordar a música.

Como podemos ler essa exigência de mudança contínua? O que o impulsiona?

Na experiência analítica temos a noção de algo que nos impulsiona. Sobre ela a psicanálise produz ficções, que constituem artifícios para se captar algo dessa experiência.

Em Baltimore Lacan sugere a presença de uma impulsão que mesmo enraizada na linguagem, em sua deriva, explode as defesas do princípio do prazer e visa aproximar-se do gozo como o que pode dar sentido a uma vida.

Nós seríamos tão tranquilos como as ostras se não fosse essa organização curiosa que nos força a fazer voar em pedaços a barreira do prazer, ou talvez nos faça somente sonhar em fazê-la voar em pedaços ... mas ... tudo que é elaborado pela construção subjetiva na escala do significante e sua relação com o Outro, e que é enraizado na linguagem, não existe senão para permitir ao desejo sob todas as formas de se aproximar, de testar esse tipo de gozo interdito que é o único sentido válido oferecido à nossa vida⁵.

Se nessa passagem de 1966 esse impulso liga-se ao desejo, no último ensino, ele é isolado como não simbolizável, infinito, heterogêneo à máquina sim-não do significante e passa a ser entendido como o regime primário do gozo como tal. Miller dá como exemplo um sonho, que

4 Aristóteles, *L'homme de génie et la mélancolie*. Paris. Éditions Rivages, 1988. Vol. 1. No problema XXX, Aristóteles propõe uma reflexão essencial sobre a ocasião “káiros” de sair de si “ekstasis” em um encontro do instável e do instante.

5 Lacan, J. De la structure comme immixtion d'une alterité préalable à un sujet quelconque. Conférence à Baltimore, 1966. *La cause du désir* n. 94. Paris: Navarin, 2016.

lhe havia sido contado: “*um gêiser turbilhonante, efervescente de uma vida inesgotável que lhe apareceu como o que ela havia sempre buscado, ao qual ela sempre havia buscado se igualar*”⁶.

No Seminário 20, Lacan conecta esse gozo ao significante Um sozinho, dando-nos a trilha por onde as adicções se infinitizam. “E é aí que está o estranho, o fascinante, é o caso de se dizer – essa exigência do Um, como já o Parmênides nos podia fazer prever, é do Outro que ela sai. Aonde está o ser há exigência de infinitude”⁷.

A existência dessa meta interna que sempre se satisfaz, que não cessa de se escrever, como uma necessidade – não do organismo biológico – mas como fruto do encontro traumático do significante com o corpo, está no princípio da iteração.

Um outro exemplo, da relação entre significante, impulso e adicção, é o que ocorre no “vício” do jogo: “estamos totalmente presentes e ausentes, como se o um se aproximasse do zero, onde toda a vida está em jogo naquele instante”⁸. Aí verifica-se, como mostra Dostoiévski no livro *O Jogador*, um gozo que se obtém ao escapar da prisão do significante. Ali revela-se que se em um primeiro tempo o jogador está movido pelo amor romântico, pela honra, pelo amor próprio, ou seja, por uma lógica fálica, a seguir nada disso está mais em jogo.

*Lembro-me nitidamente que de súbito, sem ser de modo algum espicaçado pelo amor próprio, fui possuído por uma sede de risco. Talvez que depois de ter passado por tão grande número de sensações, a alma não possa saciar-se, mas só irritar-se e exija sensações novas, mais e mais violentas, até o esgotamento total. ... Realmente experimenta-se uma sensação especial quando, sozinho, num país estrangeiro, longe da pátria, dos amigos, não sabendo o que se vai comer nesse mesmo dia, se arrisca o último florim, o último, o último!*⁹

Junkie profissional

Para Miles, convergindo com seu modo iterativo de criar e recriar; sua entrada na toxicomania advém de uma outra experiência traumática. Como nos explica, o uso das drogas se inicia com seu retorno aos Estados Unidos após uma transformadora estadia em Paris.

Eu nunca havia me sentido daquele jeito. Era a liberdade de estar na França e ser tratado como um ser humano, como alguém importante, e a música que eu tocava soava melhor lá. Até os odores eram diferentes. Tudo parece ter mudado para mim quando estive em Paris. Encontrei Juliette Gréco e ela me ensinou o que era amar algo além da música... Eu estava apaixonado... Juliette

6 Miller, J.-A. *O Um sozinho*, lição de 02.03.2011, inédito.

7 Lacan, J. O Seminário, livro 20, *Mais, ainda*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 19.

8 Como me contou um analisante sobre a experiência do jogo e de todos os âmbitos de sua vida.

9 Dostoiévski, F. *O jogador*. Centaur Editions, 2013. Arquivo da Internet.

me pediu para ficar. Até Sartre disse: “por que você e Juliette não se casam?” Mas eu não o fiz.. Quando voltei para meu país, no avião, estava tão deprimido que não consegui dizer nada na volta. Eu não sabia que aquilo ia me abater daquele jeito. Eu estava tão deprimido quando eu voltei, e soube isso só depois, que foi por isso que entrei na heroína por anos. O que me colocou preso nas drogas foi a depressão que senti quando voltei para a América. E a saudade de Juliette.

Ao tornar-se em suas palavras um “Junkie profissional”, Miles parece buscar tratar o trauma atual do retorno aos USA, que se amalgama com o acontecimento de corpo do passado. Droga e trauma são como um casamento consumado. Há uma correspondência estrutural entre eles. Ambos mergulham o sujeito em algo de estranho, em um excesso de gozo sem nome, e junto a isso um sentimento de que tudo mudou depois que “aquilo aconteceu”, a partir do que, a pessoa não se sente mais a mesma.

Ao retornar ao seu país, e reencontrar sua antiga vida, Miles vive um episódio melancólico e parece reduzido a seu corpo como algo heterogêneo.

Medo do corpo

O corpo *almado*, digamos assim, parece sempre vulnerável aos impactos do real e desse funcionamento exigido: goza! Mas disso também é preciso se defender.

Do que é que temos medo? Lacan afirma que é de sermos reduzidos ao nosso corpo quando o sujeito é afetado pela transformação direta da libido, lá onde o significante falha na sua inscrição. Medo, no momento em que o corpo é afetado, por um real do gozo, perturbando sua organização, no momento que esse se manifesta totalmente heterogêneo ao meio ambiente que o rodeia¹⁰.

Proponho aqui a hipótese de que, junto ao uso das substâncias, seu movimento iterativo de mutação foi um modo de Miles tratar esse “corpo heterogêneo”, por meio de um engendramento múltiplo de uma série de outros corpos. Miles é um consumidor do novo, como modo de afastar-se da chama que lhe provoca “um medo real”, ao mesmo tempo que certamente ela é a raiz de sua aventura. Há nesse movimento uma dinâmica de apagamento e recriação, de imersão no gozo e defesa. E a cada passo desse movimento um *re-start*, um a um.

Corpo estrangeiro, engendrar corpos um a um

Buscando entender esse movimento de lançar-se no instável, nos instantes, no excesso, no risco, me servirei da ideia da produção de um “corpo estrangeiro” para abordar esse espaço onde o gozo fora de sentido afeta um corpo que precisa se recompor à margem das soluções oferecidas pelo Nome-do-Pai.

Lacan sugere que em Joyce a imagem não tem um lastro, tornando-se necessário o processo de engendramento de um corpo estrangeiro, que não é uma estrutura. Mas que podemos pensar como o produto de procedimentos insólitos para tomar corpo, ou para compor superfícies

10 Roy D. Introdução ao Congresso da NLS 2023: <https://www.amp-nls.org/wp-content/uploads/2022/07/Argument-FINAL-VERSION-DISCONTENT-AND-ANXIETY-IN-THE-CLINIC-AND-IN-CIVILISATION.pdf>.

corporais como acontecimentos. Lacan nota que “ter seu corpo próprio como estrangeiro é com efeito uma possibilidade”¹¹. No caso de Joyce, ele aparece em Stephen Dedalus quando “perde seu corpo”, mas também na escrita que constitui o ego de Joyce, e ainda na relação de Joyce com sua mulher Nora (a luva que lhe envolve o corpo). O que é crucial destacar, entretanto, é que se trata de uma “escrita sonora e musical”. *Finnegans Wake* pode ser considerado uma sinfonia de palavras, uma *sinthomia*¹². Em um esquema simplificado, o procedimento joyceano faz a linguagem virar-se no sem sentido da música, enquanto a música renderiza cacofonias e se dissolve em gargalhadas, audíveis no gozo solitário de Joyce enquanto escrevia.

Em Miles se trata das criações, recriações musicais, suas transformações pessoais, improvisos, suas roupas e seus carros e mulheres. Será que Miles não nos ensina uma dinâmica outra em jogo nas adicções que consiste em engendrar esse corpo estrangeiro, fazendo uma experiência única de si que repetitivamente o ultrapassa? Diante daquilo que o atravessa, contra o qual tromba - que Miles mesmo provoca - ele responde com uma nova criação na qual está inteiramente envolvido e da qual goza. É interessante notar em ambos o valor do sonoro como o que fixa um gozo, como uma agulha que grava a palavra no corpo que é tocado.

... eu não quero tocar como ninguém a não ser eu mesmo, quero ser eu mesmo qualquer coisa que isso seja, eu tenho tantos sentimentos em algumas frases que eu sou um com elas, aquela frase sou eu!

Miles é o tecido sonoro com o qual faz um outro corpo com o qual vibra de vida. Por onde Miles se faz belo! Lom Lom, l'air, Miles ahead¹³.

So What!?

Busquei enfatizar na biografia de Miles Davis, que há fortes indícios de que há algo intrínseco à sonoridade que é o que fixa um ponto de gozo, por onde se podem engendrar corpos “estrangeiros”, sobre os quais precisamos elaborar mais a partir da indicação de Lacan. Contudo, parece certo que essas fixações operam como uma assinatura vibratória, que ao ser tocada se reitera. Podemos então nos perguntar: em uma análise, não seria importante tocarmos essa nota? Seria possível ouvi-la? Anotá-la, provocá-la, lê-la em certos afetos? Em que a escuta musical, sua teoria, as composições dissonantes, com padrões discretos, ritmos complexos, singulares notações, poderiam contribuir com a nossa prática hoje e amanhã?

Nas vésperas de um tempo onde os avatares virtuais habitarão o Metaverso, podemos esperar em nossos consultórios, fortes adicções e perturbações subjetivas ligadas à fantasia de que com esses corpos feitos de bits finalmente faremos existir a relação sexual.

Pensar hoje a adicção e as toxicomanias - o sujeito do gozo de maneira geral - ligadas ao corpo e ao Um, não nos levaria à necessidade de refletirmos mais sobre esse engendramento de

11 Lacan, J. O Seminário, livro 23, *O sinthoma*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 146.

12 Neologismo proposto por Scott Wilson no livro *Stop making sense. Music from the perspective of the real*. Great Britain, Karnac, 2015.

13 Miles ahead (milhas à frente) – é o nome de um álbum lançado em 1957, o primeiro com o arranjador Gil Evans.

corpos, sua relação ao sonoro, essa criação de Joysigns¹⁴, como soluções singulares à margem do Nome-do-pai?

14 *Joycean joysigns*, como sugere Scott Wilson, *op. cit.*

O X ANALÍTICO

Sobre *Adixiones* de Ernesto Sinatra

Giovanna Quaglia (Brasília, Brasil)

“Vivo drogada, mas não consumo, sou assim, não posso parar nunca...”¹. É com essa frase que Sinatra nos introduz ao seu livro *Adixiones*², com um x. Esse x que parece um lapso, nos antecipa a dimensão do enigma, consubstancial à experiência analítica desde as suas origens, indicando que na contemporaneidade é possível viver drogado, inclusive sem drogas. “Alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”³, esse é o convite de *Adixiones*.

Em álgebra, a letra x é usada para representar incógnitas, quantidades desconhecidas ou uma variável. Em *Adixiones*, Sinatra faz desse x as variações do “não posso parar”. O x compõe a dimensão instigante e original do termo *adixiones*, “uma versão pós-moderna da toxicomania generalizada”⁴ e nos convoca a refletir sobre o fato de que não existe uma única forma de um sujeito intoxicar-se. Esse x vem cifrar o princípio da toxidade do gozo como tal, mais além do objeto eleito.

Como nos indicou Miller, “se nos interessamos hoje pela toxicomania (...) é porque ela traduz maravilhosamente a solidão de cada um com seu parceiro mais de gozar”⁵. Se o ser falante nunca pode estar sem um parceiro, é a partir da clínica das toxicomanias que a Rede TyA⁶ vem investigando o laço *mais além do princípio de prazer* que une sujeito - objeto. O paradigma que as toxicomanias nos lançam está nesse além das drogas, que se impõe na contemporaneidade, essa incansável procura por esse *mais* de prazer que “começa com as cócegas e termina com a labareda”⁷.

É a partir da investigação da toxicomania, da banalização do uso do termo *adicciones*, da tese da toxicomania generalizada, que constatamos que na pós-modernidade tudo ou qualquer coisa pode tornar-se tóxico. Assistimos a uma implosão de toxidade impulsionada pelo imperativo do mercado e dos objetos de consumo: medicamentos, celular, jogos, séries, roupa, comida, sexo, fotos... até pessoas! Tudo pode ser tóxico.

1 Sinatra, E., *Adixiones*, Buenos Aires: Grama, 2020, p. 19.

2 Optou-se por não traduzir a palavra *Adixiones* ao longo da resenha, mantendo a escrita de Sinatra.

3 Lacan, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 322.

4 Sinatra, E., *op. cit.*, p. 96.

5 Miller, J.-A. A teoria do parceiro. Texto publicado neste número de Pharmakon digital. Cf. p. 44.

6 Rede de Toxicomania e Alcoolismo do Campo Freudiano desde 1992, impulsionada por Judith Miller em reunião informal em Caracas.

7 Lacan, J. *O Seminário*, livro 17, *O Aveso da Psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 68.

Para analisar essa proposta da toxidade contemporânea, Sinatra interroga a criação do termo “pessoas tóxicas”, indicando-nos que a referência “à toxicidade de alguém induz uma prática segregativa baseada numa concepção paranoica do mundo”⁸. Pois identificar uma pessoa com uma droga, não só a segrega pela nomeação: tóxica como droga; como também, “a condição de rechaço implica situá-la como a causa do mal: o Outro é mau”⁹ e temos que afastá-lo. “Se ele é tóxico, eu sou inocente”¹⁰ e confirmo minha posição de vítima desse Outro mau.

Ao contrário dessa perspectiva de ser uma vítima do Outro mau, a psicanálise oferece a possibilidade de interrogar a alienação de cada um aos objetos com os quais se intoxicou. O x da questão da clínica analítica é que notamos que tóxico é o gozo, recaindo nas *adixiones* o fundamento ético da responsabilidade de cada sujeito sobre seus atos. Esse x de *adixiones* “mostra a marca singular do obscuro gozo sinthomático de cada um”¹¹, tudo pode *adixionar-se* ao gozo.

Para além das classificações dos manuais de psiquiatria, das variações pós-modernas do mal-estar e da banalização do capitalismo com a oferta de objetos, nas *adixiones* o gozo singular resiste, insiste e se repete. Situamos o sujeito na busca por prazeres em sua face sem-limites, uma maneira incansável de ser (in)satisfeito, o que temos é um tonel das Danaides¹², “em que o Nome-do-Pai põe o gozo num tonel e este sai pelos furos do tonel”¹³, nunca se esgota. “Não posso parar (...) não quero parar...”¹⁴.

Valendo-se do operador clínico “função do tóxico”¹⁵, é possível localizar o uso singular que determina a eleição de um objeto. A função do tóxico reside na capacidade de articular o universal com o singular. Em termos gerais, a função traduz uma relação entre uma variável dependente - possibilidades universais que um determinado objeto de consumo pode oferecer - e outra variável independente - o modo singular de satisfação de cada ser falante. Portanto, essa função intoxicante designa a forma como um objeto é inserido na economia singular do gozo de cada sujeito.

O convite que nos faz Sinatra é analisar como se fabrica um objeto tóxico, que em uma lógica perversa procura manter o sem limite da (in)satisfação que mantém viva a própria toxidade do gozo das *adixiones*, um modo de gozo que faz esse objeto advir no lugar do impossível do gozo da relação sexual.

Se hoje temos as queixas pertinentes aos desfocados, desorientados pelo excesso de imagens, informações, objetos... perdidos no múltiplo; uma análise impele a que, face ao generaliza-

8 Sinatra, E., *op. cit.*, p. 158.

9 *Ibid.*, p. 158.

10 *Ibid.*, p. 158.

11 *Ibid.*, p. 98.

12 Na mitologia grega, após a morte de Dánao suas filhas foram condenadas a encher com água um tonel esburacado, um trabalho infinito de encher para esvaziar.

13 Brodsky, G. *La locura nuestra de cada día*. Caracas: Editorial Pomaire, 2012. p. 71.

14 Sinatra, E., *op. cit.*, p. 21.

15 *Ibid.*, p. 94.

do, algo singular seja localizado. Esse x de *adixiones* destaca o aspecto singular daquilo que se repete do lado do excesso.

Passando pela clínica, política e episteme, em uma escrita questionadora, Sinatra possibilita que a cada página possamos refletir sobre como as *adixiones* são um modo de nomear a modalidade de gozo, maníaco e solidário à característica paradigmática da contemporaneidade com sua velocidade, fugacidade e ausência de sentido. Em um mundo em que a resposta instantânea à sociedade especular é o *acting out* ou a passagem ao ato, subtrai-se o tempo de compreender atrelando-se o ver ao concluir.

Desse modo o livro *Adixiones* nos convoca a refletir sobre problemas cruciais da psicanálise, tanto a partir da elucidação clínica dos sujeitos tomados um a um, como em termos da sociedade globalizada, ancorada num modelo capitalista e seu reflexo no mal-estar contemporâneo. Com isso, Sinatra nos estimula em *Adixiones* a manter vivo o campo de investigação na Rede TyA, a partir de uma reflexão sobre o ato analítico na contemporaneidade, desse x , que marca o desconhecido da singularidade do gozo de cada um e do princípio de que nada é sem gozo.



Holy Magdalena, Balthasar Permoser

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
SOBRE TOXICOMANIA, ALCOOLISMO E ADICÇÕES NO CAMPO FREUDIANO

“

“Dizer ‘discurso da psicanálise’ é antes de tudo dizer que a psicanálise é uma maneira de gozar. É uma maneira de gozar do inconsciente com o duplo aspecto que isso comporta: primeiramente esse discurso abre um acesso ao gozo e em segundo lugar é um limite a esse gozo pois ela passa pelo inconsciente estruturado como uma linguagem. Gozar do inconsciente não é uma evidência. O vivente pode gozar de muitas outras coisas. Por exemplo, a droga é um curto-circuito do gozo que não necessita nenhum inconsciente”.

LAURENT, E., “Guérir de la psychanalyse”, Mental n. 11, 2002, p. 63.

”

Estas referências bibliográficas são reunidas aqui pela primeira vez e se enriquecerão à medida que as pesquisas avançarem na Rede TyA .

A

- Abello,E., «L'eau toxique de Mario», Addicta.org, <https://addicta.org/2015/02/07/leau-toxique/>.
- Abello, Eduardo, “El agua tóxica de Mario”, Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II, Buenos Aires, Ed. Grama, 2009, p. 21-53.
- Achab, S., « Les addictions à Internet, l'offre et la demande », Conversation du TyA. Les Cahiers de l'ASREEP-NLS N.2, 2016.
- Adam, R., “El juego de azar: un adicción singular”, en Pharmakon dig. N. 2, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- Aflalo, A., « Quelle guérison ? », LCF n. 22, 1992, p. 65-70.
- Aguilar, Liliana, “Freud y la toxicomanía”, Apostillas del TYA Córdoba, n.1, p. 33-43, Ed. CIEC, Córdoba, Soluciones Graficas, 2011.
- Aguilar, Liliana, “Lacan y la toxicomanía”, n.1, pp. 43-55 Apostillas del TYA Córdoba, Ed. CIEC, Córdoba, Soluciones Graficas, 2011.
- Aguilar, Liliana, “Lo ordinario: en el campo de la psicosis y en el campo de la toxicomanía”, <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>
- Alba de Luna, M., « Le narco-langage et le silence des corps », Lacan Quotidien n. 437.
- Aleman, J., « L'invention d'une parenthèse », LCF n. 23, 1993, p. 48.
- Almanza,M.,« Una compulsión esclavizante », <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Altamirano, J., « Le recours aux drogues et l'opération de séparation », Addicta.org, <https://addicta.org/2017/01/14/le-recours-aux-drogues-et-loperation-de-separation/>.
- Altamirano, J., « La prévention : de l'huile sur le feu », Addicta.org, <https://addicta.org/2014/03/30/la-prevention-de-lhuile-sur-le-feu/>.
- Altamirano Valladares, A., Sidon, P., « Le marché veut procéder autrement : une frustration entretenue », Addicta.org, <https://addicta.org/2015/04/03/le-marche-veut-proceder-a-trement-une-frustration-entreteneue/>.
- Alvarenga, Elisa, “A ação lacaniana nas Instituições”: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/images/almanaque-anteriores/almanaque-08/ElisaAlvarenga.pdf>
- Alvarenga,Elisa, “Uma Questão Para A AMP-América”: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/uma-questao-para-a-amp-america>

- Alvarenga, Elisa., « L'Empire des images ENAPOL VII à São Paulo », Lacan Quotidien n. 538.
- Amirault, Monique, « Une jeune fille libre », LCF n. 75, 2010, p. 115-121.
- Andrade, Cleiton, Insensatez Do Corpo E Retalhos Na Carne: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/insensatez-do-corpo-e-retalhos-na-carne>
- André, S., « La jouissance et la loi : réflexions autour de la passion du jeu », Actes de l'ECF n. 14, 1988, p. 29.
- André, S., « Transfert et interprétation dans un cas de perversion », Actes de l'ECF n. 6, 1984, p. 12.
- Andreini, Natalia. "Tesis de Lacan acerca de la droga", Apostillas del TYA Córdoba, n.1, p. 55-63, Ed. CIEC, Soluciones Graficas, 2011.
- Andreini, Natalia, "Ruptura y relación al otro", Apostillas del TYA Córdoba, n.1, p. 63-71, Ed. CIEC, Soluciones Graficas, 2011 .
- Andreini, Natalia, "Supervisiones Institucionales IPAD: un caso clínico", Apostillas del TYA Córdoba, n.1, p. 102-104, Ed. CIEC, Soluciones Graficas, 2011.
- Andreini, Natalia, Entrevista en Pharmakondig.N.2, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- Andropoulou, D., « Toxicomanie: un symptôme social de désinsertion subjective », Mental n.24, 2019, p. 103-107.
- Ansermet, F., « Addiction à l'instant », LCD n. 88, 2014, p. 30-33.
- Ansermet, F., « Le toxique ou le poison ? », Lacan Quotidien n. 418.
- Arce, María Marta, "Porqué un sujeto. Lecturas a partir de la ley de estupefacientes", Apostillas del TYA Córdoba, n.1, p. 87-98, Ed. CIEC, Soluciones Graficas, 2011.
- Arpin, Dalila, « Un sujet au bord du Requiem », LCF n. 63, 2006, p. 79-83.
- Aromí, A., « Se casser la tête », LCD n. 88, 2014, p. 136-138.
- Aromí, A., « Le littoral du réel », LCD n. 88, 2014, p. 139- 142.
- Asnoun, M.-J., « À la recherche d'un amour fou », LCF n. 40, 1999, p. 69.
- Astarita, Rolando, "Droga, su relación con el valor y el capital. Acumulación, globalización y Estados. Obstáculos en el tratamiento de las toxicomanías", Buenos Aires, Ed. JVE, 2005, p. 17-27.
- Attié, J. « Au-delà du silence du miroir », Actes de l'ECF n. 7, 1985, p. 49.
- Aubé, R., « La légende Sagan: une voilette sur l'horreur », Mental n. 41, p. 96.
- Aucremanne, Jean Louis, "El Caso Y. Droga, angustia y sexuación. El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías", Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, pp. 89-97.

- Aucremanne, J.-L., « Le mariage avec la drogue », Quarto n. 42, 1990.
- Aucremanne, J.-L., « Traitement de l'insulte », Quarto n. 69, 2000.
- Aucremanne, J.-L., « Non à une version du père », Quarto n. 79, 2003.
- Aucremanne, J.-L., « Le succès de la toxicomanie », Quarto n. 80-81, 2004.
- Aucremanne, J.-L., « Malaise, drogue et rupture », Quarto n. 99, 2011.
- Aucremanne J.-L., Josson, J.-M., Page, N., « Penser la toxicomanie à partir de la psychose », Mental n. 12, 2003, p. 65-74.
- Aucremanne, J.-L., Josson, J.-M., « Rompre avec la drogue », Préliminaire n. 12, 2000.
- Aucremanne, J.-L., « Un tirano absolobo », Pharmakon digital n. 2, 2016, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- AA.VV, "Víctimas y verdugos", Departamento de Toxicomanías y Alcoholismo - TyA / La adicción del superyó puede partir una vida, Vidas Partidas, Olivos, Ed. Grama / ICdeBA; 2018., p. 87-95.
- AA.VV. "Paradojas de la prevención", Publicación del Departamento de Toxicomanías y Alcoholismo del CIEC, Córdoba, Ed. TyA, 2020.
- AA.VV. "Las toxicomanías. Un malestar de la época que interroga al psicoanálisis y a las instituciones", Actas de la Jornada conjunta Casa del joven - Movimiento hacia TyA Córdoba, 7 de septiembre de 2001.
- Azevedo, Monia Karine; Teixeira, Giuliana de Oliveira Marson, "Toxicomania e suicídio sob uma visão psicanalítica", Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza: Universidade-deFortaleza,v.11,n.2,p.623-644,jun.2011.

B

- Baptista, Fabiana L. Campos, "Da identificação maciça à emergência do sujeito", Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza: Universidade de Fortaleza, III, n.1, p.122-130, mar. 2003.
- Barbarosch, Andrés, "Drogas, modernidad y experiencia literaria. Obstáculos en el tratamiento de las toxicomanías", Buenos Aires, Ed. JVE, 2005, p. 53- 59.
- Barreto, Felipe, "Sexo, drogas y rock and roll en el siglo XXI", <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Barreto, Francisco Paes, "Reforma psiquiátrica e movimento lacaniano", Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

- Barreto, Francisco Paes, “Psicanálise e psiquiatria: aproximações uma introdução aos fundamentos da clínica”, Curitiba: CRV, 2017. 138 p. ISBN 978-85-444-1816-1.
- Barreto, Francisco Paes. “La responsabilidad del toxicómano”, Pharmakon digital n. 1, 2015, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Barrionuevo, José, comp., “Tratamiento posible de las toxicomanías”, Buenos Aires, Ed. Eudeba, Junio de 1996.
- Bassols, M., « Une demande de notre temps », LCF n. 32, 1996, p. 79.
- Bassols, Miquel, « L'internaute », LCF n. 53, 2003, p. 139-144.
- Bassols, Miquel., « L'une-bévue, les d'eux sexes et l'élangues », LCD n. 109, 2021, p. 56-57.
- Baton, Y., « Alcoolisme et/ou névrose obsessionnelle ? », Quarto n. 37/38, 1989.
- Beneti, A., Entrevista en Pharmakon digital n. 1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Beneti, Antônio, “Laço Social intoxicado”: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/images/almanaque-anteriores/almanaque-04/entrevista-Benetti.pdf>
- Beneti, Antônio, “AToxicomania Não É Mais O Que Era”: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/a-toxicomania-nao-e-mais-o-que-era>
- Beneti, A., “O laço social intoxicado”, Correio, Brasil: Escola Brasileira de Psicanálise, n.68, p. 55-59, abr. 2011. ISSN 19819986.
- Beneti, A., “Toxicomanías y psicosis. La inquietante familiaridad de las drogas”, Olivos, Ed. Grama, 2018., p. 59-63.
- Beneti, A., “Toxicomanías y psicosis”, <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>
- Bentes, Lenita; Fabião, Ronaldo... [et al], “O brilho da infelicidade”, Rio de Janeiro: Kalimeros, 1998.
- Bentes, Lenita, “Toxicomanias antidepressivas”, In: Escola Brasileira de Psicanálise-Rio de Janeiro, “A dor de existir e suas formas clínicas: tristeza, depressão, melancolia”, Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997. p. 261-268. (KALIMEROS) ISBN 85-86011-05-3.
- Bentes, Lenita, “Toxicomanías: el imperio del silencio”, en Pharmakon dig. N. 1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Beraud, Anne, « Objet a, jouissance et désir », LCF n. 69, 2008, p. 13-15.
- Berenguer, E., « Frigidités », LCF n. 22, 1992, p. 31, 32.
- Berthomier, J., « Collectionniste », Accès, Bulletin de l'ACF-VLB n. 4, 2012, p. 129.
- Biagi-Chai, F., « Boulimie, court-circuit et répétition », LCF n. 26, 1994, p. 31.

- Billiet, L., « Un tombeur en série », Mental n. 30, 2013, p. 51.
- Blancard, M.-H., « Antisystème », LCD n. 105, 2020, p. 150-152.
- Blancard, M.-H., « Une passion pour les lettres », LCD n. 88, 2014, p. 80-83.
- Blancard, M.-H., « Trauma et remodelage émotionnel », Mental n. 40, p. 227.
- Blancard, Marie-Hélène, “Saber decir el nombre”, Revista Lacaniana de Psicoanálisis n. 11, p. 163-169. E.O.L.
- Bogochvol, Ariel, “O caso LOL”, Correio - Revista da Escola Brasileira de Psicanalise, Belo Horizonte, n.37, p. 27-46, mar. 2002.
- Botelho, Carolina de Arruda, Opção Lacaniana - Revista brasileira internacional de psicoanálise. São Paulo: Eolia, n. 39, maio 2004. 101 p. Capa: “Sem título”(60x40 cm) – 2001.
- Bomsel, O., « Le capitalisme engendre-t-il des addictions ? », LCD n. 88, 2014, p. 89-94.
- Bonnaud, H., « Toxicomane de la psychanalyse », LCD n. 88, 2014, p. 70-73.
- Bonnaud, R., « Morceaux de femmes sur écran », Mental n. 30, p. 57.
- Bonnaud, H., « Revenir de loin », Quarto n. 124, 2020.
- Bonningue, C., « L'inconscient homosexuel », LCF n. 37, 1997, p. 3.
- Botrel, Maria Rachel, “Lo incurable de la pulsión en la clínica de las toxicomanías”, ¿Todos adictos? Primer Coloquio Internacional del TyA, Olivos, Ed. Grama, 2013, p. 85-89.
- Botto, Silvia, “El psicoanálisis en las instituciones. Un tratamiento de las toxicomanías”, El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 31-39.
- Borderías, Andrés, “Apuntes para el psicoanálisis aplicado a las toxicomanías”, El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías. Buenos Aires, Ed. TyA Octubre de 2003, p. 97-105.
- Bouillot, P., « Être alcoolique, un nouveau nom et une nouvelle famille », Quarto n. 80-81, 2004.
- Boucquey, S., « Justine, ni avec, ni sans la maternité », Quarto n. 79, 2003.
- Bourgoin, S., « Tuer en série, le shoot », LCD n. 88, 2014, p. 46-50.
- Bousoño, Nicolás - Carew, Viviana, “Lo Uno y los Otros”, El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 127-135.
- Bousoño, Nicolás, “La eficacia del padre real”, Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires., Ed. Grama, 2008, p. 121-127.
- Bousoño, Nicolás, “Toxicomanías y segregación”, Psicoanálisis y el Hospital Buenos Aires: Ed. del Seminario, 1999, n. 16, p. 135-140.

- Bousoño, Nicolás, “La función del tóxico en un caso de psicosis”, Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II, Buenos Aires, Ed. Grama, 2009, p. 77-83.
- Bousoño, Nicolás, “Comerse sus palabras”, Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II, Buenos Aires, Ed. Grama, 2009, p. 109-117.
- Bousoño, Nicolás, “Shame: adicción al sexo, imagen y feminidad”, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Bonzini, Silvia, “Verdad o consecuencia. El acting-out: un modo de presentación. Los quitapenas”, Clínica de las toxicomanías: un abordaje institucional, Buenos Aires, Ed. Eudeba, 2000, p. 43-52.
- Bonzini, Silvia, comp. “Los quitapenas. Clínica de las toxicomanías: un abordaje institucional”, Buenos Aires, Ed. Eudeba, 2000.
- Braun, M., « Sex Addicts : Alia : quelques repères biographiques », Addicta.org, <https://addicta.org/2015/01/11/sex-addicts-alia-quelques-reperes-biographiques/>.
- Braun, M., « Prévention auprès des adolescents dans les établissements scolaires », Addicta.org, <https://addicta.org/2014/03/30/prevention-aupres-des-adolescents-dans-les-etablissements-scolaires/>.
- Brasil, Selma de Amorim Pau Brasil, “Hoje, tô com sangue nas vistas “um caso de toxicomania e psicose ordinária”, Arquivos da Biblioteca, Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise- Rio de Janeiro, n.11, p. 79-87, out.2015. ISSN 1983-3318.
- Briard, D., « La cannabi-economie », Lacan Quotidien n. 405.
- Briard, D., « Libéralisation du cannabis et overdose », Lacan Quotidien n. 626.
- Briole, M.-H., « Le jeune homme et la mort », LCF n. 32, 1996, p. 63.
- Briole, M.-H., « L'exigence du symptôme dans le réel », LCF n. 48, 2001, p. 3.
- Brisset, Fernanda O. Comentário: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/comentario-2>
- Brousse, M.-H., « La dimension clinique dans l'expérience de la passe », LCF n. 38, 1998, p. 83.
- Brousse, M.-H., « Les noms, le père, le symptôme », LCF n. 39, 1998, p. 44, 45.
- Brousse, M.-H., « Le triomphe des objets », Lacan Quotidien n. 806.
- Bruno, Pierre, “Breves respostas a algumas perguntas”, Curinga, Belo Horizonte: EBP-MG, n.8, p. 99-100, set. 1996. Entrevista, perguntas formuladas por Célio Garcia
- Bruno, Soledad, “El estrago y lo femenino a la luz de las toxicomanías”, Ancla Buenos Aires, Ed. UBA, 2007, n. 1, p. 146-159.
- Burgos, Francisco, “El trastorno por atracón o ¿la voluntad dominada?”, Colofón n.

29, p. 27-30. Federación Internacional de Bibliotecas de la Orientación Lacaniana.

C

- Calais,V.,«Toxicomanie, forme intermédiaire »,Addicta.org, <https://addicta.org/2016/01/16/toxicomanie-forme-intermediaire/>.
- Calais,V.,«Prévenirlestoxicomanies ?», Addicta.org, <https://addicta.org/2014/03/30/prevenir-les-toxicomanies/>.
- Camargo, Luis Francisco Espíndola, “Um delírio discreto de autoacusaçãõ”, Arteira, Florianópolis: EBPSC, n. 10, 2018.
- Carbone, Romina Silvia, “Un modo particular de transitar por la vida”, Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 139- 145.
- Carew, Viviana, “El individualismo moderno: entre el tedio y la manía”, Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 127-131.
- Carew, Viviana - Karpel, Patricia, “Las dos caras del tiempo en una toxicomanía”, Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II, Buenos Aires, Ed. Grama, 2009, p. 61-71.
- Carew, Viviana, “El Otro social y la dirección de la cura en la clínica de las toxicomanías”, Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II, Buenos Aires, Ed. Grama, 2009, p. 117-135.
- Caroz, G., « Une exclusion interne », Quarto n. 80-81, 2004.
- Caroz, G., « Des mots qui entrent dans la tête », Quarto n. 125, 2020.
- Carozzi, V., Jorge, R., « La imagen intoxicante en la adolescencia contemporánea”, en Pharmakon di. N. 1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Carrade, J.-B., « L'art de la coupure », LCF n. 46, 2000, p. 57.
- Carvalho, Thales, Vieira, Márcia Rosa, “A toxicomania como paradigma do entorpecimento pulsional”, aSephallus Digital, Rio de Janeiro: UFJF, 07, n.14, p. 0-0, mai./out.2012. ISSN 1809-709 x.
- Castanet, H., « Temps et entrée », Actes de l'ECF n. 16, 1989, p. 6, 7.
- Castillo, Jorge, “La felicidad del surfista”, Pharmakon digital n. 1, 2015, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>

- Castillo, Jorge, "Clínica del superyó", De la pulsión de muerte. Clínica de las toxicomanías. Apostillas del TYA Córdoba, n.1, p. 71-87, Ed. CIEC, Soluciones Graficas, 2011.
- Castillo, Jorge, "Perspectiva histórica y social", Apostillas del TYA Córdoba, n.1, p. 23-33, Ed. CIEC, Soluciones Graficas, 2011.
- Castillo, Jorge, "Supervisiones Institucionales IPAD: algunas obstrucciones al discurso del psicoanálisis en la institución pública", Apostillas del TYA Córdoba, n.1, p. 98-102, Ed. CIEC, Soluciones Graficas, 2011.
- Castillo, Jorge, "Pubertad y uso de tóxicos", El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 135-141.
- Castillo, Jorge, "Fumadores y no fumadores versus damas y caballeros", Las toxicomanías. Un malestar de la época que interroga al psicoanálisis y a las instituciones, Córdoba, 2001, p. 45-51.
- Ceballos, Neolid, "Consumo y lazo social", El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 141-147.
- Cevallos, Neolid, "Atravesar el límite", Las toxicomanías. Un malestar de la época que interroga al psicoanálisis y a las instituciones, Córdoba, 2001, p. 25- 35.
- Chaín, José - Polo, Luis, "Psicosis y toxicomanías: desencadenamiento y desenganche", Freudiana, Barcelona, Ed. E.L.P.-Catalunya, 2006, n. 46, p. 121-127.
- Chaín, José - Polo, Luis, "Psicosis y toxicomanías: desencadenamiento y desenganche", Los resultados terapéuticos del psicoanálisis, Buenos Aires, Ed. Grama 2005, p. 69- 77.
- Charpentier-Libert, A., « Lesilencedelaviolence », Addicta.org, <https://addicta.org/2017/04/22/le-silence-de-la-violence/>.
- Charpentier-Libert, A., « Ledit toxicomane, symptôme de l'institution psychiatrique », Addicta.org, <https://addicta.org/2015/05/13/ledit-toxicomane-symptome-de-linstitution-psychiatrique/>.
- Charpentier-Libert, A., Sidon, P., « Les sex addicts en question », Addicta.org, <https://addicta.org/2015/02/03/les-sex-addicts-en-question/>.
- Charpentier-Libert, A., « Salles de consommation à moindre risque : les nouveaux chemins de la jouissance », Addicta.org, <https://addicta.org/2016/02/08/salles-de-consommation-a-moindre-risque-les-nouveaux-chemins-de-la-jouissance/>.
- Charraud, Nathalie, « La passion du dé, envers de la statistique », LCF n. 57, 2004, p. 107-109.
- Chevrier, I., « À propos du film sur Kurt Cobain, Montage of heck », Lacan Quotidien n. 509.
- Chiriaco, S., « De la drogue à la suppléance : un traitement de l'angoisse », Mental n. 16, 2005, p. 96-104.
- Colabianchi, Susana, "Adicciones. Idas y vueltas entre clínica y teoría", Las toxi-

comanías. Un malestar de la época que interroga al psicoanálisis y a las instituciones, Córdoba, 2001, p. 35-39.

- Colas, É., « Embedded in NA : ma première réunion NA », Addicta.org, <https://addicta.org/2016/04/10/embedded-in-na-ma-premiere-reunion-na/>.
- Coppens, H., « Être entouré », Quarto n. 124, 2020.
- Córdoba, María de los Angeles, “Algunas lecturas sobre la práctica clínica. Psicoanálisis y toxicomanías. Síntoma, cuerpo y goce en la experiencia analítica”, Buenos Aires, Ed. JVE: 2017, p. 101-111.
- Corpelet, D., « It follows : de la jouissance à l'épouvante », Lacan Quotidien n. 481.
- Corpelet, D., « Moonlight : projecteur sur une pure différence », Lacan Quotidien n. 629.
- Corouge, Sandrine, « Qu'attendent les héroïnes de la bague au doigt ? », LCD n. 101, 2019, p.147-150.
- Cotta, Marcelo Soares; Ferrari, Ilka Franco. “Comunidades terapêuticas: Uma invenção institucional para o tratamento da toxicomania”, aSephallus Digital, Rio de Janeiro: UFJF, n.18, p. 0-0, maio. 2014. ISSN 1809-709 x.
- Cottet, S., « Les addictions sexuelles », Quarto n. 93, 2008.
- Couto, Luís Fernando Duarte, “Desmontagem Da Pulsão Na Toxicomania: A Prevalência Do Objeto”: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/desmontagem-da-pulsao-na-toxicomania-a-prevalencia-do-objeto>
- Couto, Luís Fernando Duarte, “Psiquiatria e toxicomania”, In: Campos, Sérgio (ORG.). A formação do psiquiatra. Belo Horizonte: topológica, 2018. p. 169-180. ISBN 978- 85-906483-0-7.
- Cremniter, B., « Les pouvoirs de l'imaginaire dans la clinique », LCF n. 30, 1995, p. 46, 47.
- Cruchon, J., « Présentation d'une Recommandation de l'ANESM : La bientraitance », Addicta.org, <https://addicta.org/2014/06/01/presentation-dune-recommandation-de-la-nesm-la-bientraitance/>.

D

- Dargentón, Gabriela, “Un partenaire posible para la infancia intoxicada”, en Pharmakon dig. N. 2, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- Daxhelet, F., Jossón, J.-M., « Je n'ai que lui », Les Feuilles du Courtil n. 25-26, 2006.
- Decaroli, Luis - Colacino, Ludovico - Ghia, Rubén, “Cuerpo y toxicomanías”, Cuerpo y subjetividad. Variantes e invariantes clínicas, Buenos Aires, Ed. Letra Viva, 2005, p. 69-77.

- Degratti, Diego, “El Rey mago”, Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 145-151.
- Delanoë, M. T., « Ruineuses solutions », LCD n. 88, 2014, p. 18-20.
- Delid, K., Jossion, J.-M., « Accompagnement et élaboration en institution », Préliminaire n. 14-15, 2004.
- Deltombe, H., « Sortir de l’adolescence », Mental n. 23, 2009, pp 99-107.
- De Mattos, Sérgio, “La disponibilidad del analista”, El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías. Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 105-115.
- De Munck, M.-F., « Un toxicomane à l’hôpital », Quarto n. 79, 2003.
- Dessal, Gustavo, “Lo virtual y lo real, ¿seguirán siendo diferentes?”, en Pharmakon dig. N. 1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Dewambrechies-La Sagna, C., « Un cas de toxicomanie du rien », Mental n. 2, 1996, p. 149-157.
- Dianno, Elvira, “Las toxicomanías son un antiamor”, Fantasmas y síntomas contemporáneos. Sus mutaciones en la cura y en la época, Santa Fe Universidad Nacional del Litoral, 2019, p. 71-73.
- Dianno, Elvira, “Lucy: inthesky, but with out diamonds”, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Dias, Cassandra, “Ato e toxicomania: deixar-se cair”, Curinga, Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise -Seção Minas, n.39, p. 61-68, 2015. ISSN 1676-2495.
- Dias, Cassandra et al., “As duas faces do pai: versões num caso de toxicomania”, Falasser, João Pessoa: EBP-PB; UFPB, n.3, p. 213-218, 2008.
- Díaz, Eugenio, “Neurociências do consumo e exclusão do sujeito”, Opção Lacaniana, São Paulo: Eólia, n.49, p. 75-79, 2007.
- Díaz, Eugenio, “La función del tóxico en la era del híper consumo”, en Pharmakon dig. N. 2, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- Diethelm, Oskar, “Alcoholismo; toxicomanías”, Tratamiento en psiquiatría, Buenos Aires, Ed. Paidós, 1961, p. 487-516.
- DD. AA., « Le toxicomane et ses thérapeutes », Greta, Navarin éditeur, 1989. Autour de ce livre voir aussi : « Table ronde sur la toxicomanie », avec en sous titre « Discours de la toxicomanie », Quarto n. 17, 1984.
- Domínguez, Irene, « La orfandad toxicómana », <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>
- Donnart, J.-N., « Un self-made man et sa part d’ombre », Accès, Bulletin de l’ACF-VLB n. 7, 2014, p. 79.

- Doti, Giomar, “Paz y amor en tiempo de desborde”, Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II, Buenos Aires, Ed. Grama, 2009, p. 71-77.
- Dupont, L., « La faute à la pub ? », LCD n. 88, 2014, p. 65-69.
- Dupont, J.-P., « Tout par jouy-dire », Quarto n. 18, 1985.
- Dupont, J.-P., « La toxicomanie comme fiction », Quarto n. 27, 1987.

E

- Esqué, X., « Embrasser la mort », LCF n. 32, 1996, p. 59-62.
- Eydoux, V., « Variations d’une addiction sous transfert », LCD n. 88, 2014, p. 126- 128.
- Elbaz, M., « Pas achevée », LCD n. 88, 2014, p. 148-153.
- Epaminondas, Theodoris, “Un uso regulado del tóxico”, <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>
- Erbín, Lisa, “Psiquiatría - Psicoanálisis – Drogas”, Los quitapenas. Clínica de las toxicomanías: un abordaje institucional, Buenos Aires, Ed. Eudeba, 2000, p. 109-118.

F

- Fajnwaks F., « Indestructible élan », LCD n. 106, 2021, p. 6-7.
- Faria, Maria Wilma S. de, “O toxicômano, a instituição e o psicanalista”, Correio, Belo Horizonte, n.44, p. 41-46, 2003.
- Faria, Maria Wilma S. de, “O discurso analítico e os novos sintomas”, Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n.34, p. 74-77, 2002.
- Faria, Maria Wilma (Rel.), “Adolescência e drogas: um encontro marcado”, Curinga, Belo Horizonte: EBP-MG, n.42, p. 171-177, 2016.
- Farias, Cassandra Dias, “Uma versão sobre o encontro entre a psicanálise e o coletivo institucional: a língua viva na clínica das toxicomanías”, Falasser, Campina Grande, PB: Equipe Editorial e Serviços Gráficos Ltda, n.5, p. 133-136, 2011.
- Farias, Cassandra Dias, “O gozo ilimitado: estragos e saídas”, Falasser, Campina Grande, PB: Equipe Editorial e Serviços Gráficos Ltda, n.7, p. 133-135, 2014.

- Faria, Maria Wilma, Dias, Cassandra, “Dallasbuyersclub”, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Faria, Maria Wilma; Machado, Ana Regina, “As Saídas Do Tratamento Nos CAPS”, Ad: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/as-saidas-do-tratamento-nos-caps-ad>
- Faria, Maria Wilma, “O acontecimento de corpo político e a psicanálise hoje”: Maria WilmaS.deFaria <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/acontecimento-de-corpo>
- Faria, Maria Wilma, “A pragmática do laço social em um centro de atenção à toxicomania”: <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/images/almanaque-anteriores/almanaque-05/MariaWilma.pdf>
- Faria, Maria Wilma, “La especificidad de la toxicomanía”, Pharmakon digital n. 2, 2106, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- Feldman, N., « Préface », « Conclusion », « Les addictions sans substances ». Conversation du TyA. Les Cahiers de l’ASREEP-NLS N.2, 2016.
- Feldman, N., “De una adicción a otra”, Pharmakon digital n. 2, 2016, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- Feldman, N., “La clínica del sujeto y las instituciones para toxicómanos”, Sujeto, goce y modernidad “De la monotonía a la diversidad”, CF, Plural, 1995, p. 17-29.
- Feldman, N., « Les lieux de la drogue: L’expérience suisse », LCD n. 88, 2014, p. 41-45.
- Feldman, N., “Tratar con La droga”, Sujeto, goce y modernidad “Del hacer al decir, clínica de la toxicomanía y el alcoholismo”, CF, Plural, 1998, p. 121-128.
- Fernandes, Oliveira Carla, “Objeto, Gozo e Copo nas Toxicomanias e Adições”, Uma Leitura Psicanalítica. Salvador: EDUFBA: CETAD, 2020.
- Fernandez, Carlos Genaro Gauto, “Tota erras via”, Opção Lacaniana, São Paulo, n.22, p. 78-80, ago. 1998.
- Freda, G., « La tentative de suicide d’une adolescente », Mental n. 17, 2006, p. 110-115.
- Ferrero, Guillermo, “El hacer del psicoanálisis en las toxicomanías”, Área Córdoba, 1997, n. 6, pp. 44-47.
- Ferrero, Guillermo, “Discurso de apertura”, Las toxicomanías. Un malestar de la época que interroga al psicoanálisis y a las instituciones, Córdoba, 2001, p. 7-11.
- Ferrero, Guillermo, “Aproximación al abordaje institucional de las toxicomanías”, Las toxicomanías. Un malestar de la época que interroga al psicoanálisis y a las instituciones, Córdoba, 2001, p. 39-45.
- Fina, M., “Serafín en su espejo”, enPharmakondig.N.1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>

- Fleischer, Deborah, comp. "Obstáculos en el tratamiento de las toxicomanías", Buenos Aires, Ed. JVE, Noviembre de 2005
- Florez Zapata, Eugenia, "Usos del cuerpo en las toxicomanías en la época del parlêtre", Olivos. Ed. Grama, 2016.
- Florez Zapata, Eugenia, "Usos del cuerpo en las toxicomanías", <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>
- Freda, Francisco-Hugo, Intervención en "El Otro que no existe y sus comités de ética", Seminario dictado por J.-A. Miller en colaboración con Éric Laurent, Paidós, Buenos Aires, 2005.
- Freda, F.-H., « Il y a des toxicomanes », Quarto n. 42, 1990.
- Freda, F.-H., « Les nouvelles formes de symptôme : l'inconscient n'existe pas », LCF n. 21, 1992, p. 51.
- Freda, F.-H., "Soy toxicómano. Cuatro referencias de Lacan y dos casos clínicos", UNSAM, serie Tyché, Buenos Aires, 2014.
- Freda, G., « De la toxicomanie aux addictions », LCD n. 88, 2014, p. 37-40.
- Fonseca Zás, Vanina, "Un cuerpo inclasificable", Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires : Ed. Grama (2008), p. 83-91.
- Fonseca Zás, Vanina, "Del sufrimiento sin fin a la senda del deseo. El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías", Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 147-155.
- Fuster, Martín, "Instituciones intoxicantes", <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>

G

- Galante, Darío, "La sociedad toxicomaniaca-depresiva", Revista Lacaniana de Psicoanálisis n. 7, p. 143-146. E.O.L.
- Galante, Darío, "Cinco axiomas aplicados a la clínica de la toxicomanía", Pharmakon digital n. 2, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- García, Adrián, "Toxicomanías y acto", Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 75-83.
- Generoso Cláudia, "A temporalidade do inconsciente na clínica das toxicomanías", <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/almanaque24/66-temporalidade>
- Generoso, Cláudia Maria, "A queda do falocentrismo": <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br>

com.br/index.php/36-almanaque-no-21/479-falocentrismo

- Generoso, C. M., "Toxicomanía y adicción en un caso de adolescente", en Pharmakon dig. N. 2, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- Generoso, C. M., Spivak, C., Q. e Silva, M., "La inquietante familiaridad de las drogas: reseña del III Coloquio americano de la Red TyA" en Pharmakon dig. N. 3, <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>
- Glover, Edward, "La relación entre la formación de perversión y el desarrollo del sentido de realidad", <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Guilañá Palanques, Elvira, "Psicosis y toxicomanías: ¿patologías duales?", Freudiana Barcelona : Ed. Paidós, 1998, n. 23, p. 105-111.
- Greco, Musso, "Rio de Janeiro: CAPUT: Centro de Atendimento e Proteção ao Jovem Usuário de Tóxicos", Correio, Brasil: Escola Brasileira de Psicanálise, n.76, 2015, p. 72-73.
- Greco, Musso, Bizzotto, M., Fernando Couto, L., Pereira, P. B., Castillo, P., Maciel, A. E., "Una institución para desentrañar los modos de recuperación del goce del Otro" en Pharmakon digital n. 1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Gorski, Glacy Gonzales, "A droga como um artefato", Falasser-Revista da Delegação Paraíba, Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise-Paraíba, v.5, p. 125-131, 2011. ISSN 1982-8578.
- Grossi, Fernando, "Impasses de la clínica con "toxicomanías", Pharmakon, Buenos Aires, Ed. Plural, 1998, n. 6-7, p. 43-48.
- Gonzalez-Renou, Beatriz, « Oui, mais pas maintenant », LCD n. 101, 2019, p. 96-98.
- González, José Luis, "El caso Armando L.", Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II Buenos Aires, Ed. Grama, 2009, p. 53-61.
- Guéguen, P.-G., « DSM Folies à travers la presse U.S. », Lacan Quotidien n. 209.
- Guilañá Palanques, Elvira, "Diversos abordajes terapéuticos de las toxicomanías en España", Stage de Formación Permanente, Barcelona, Ed. Eolia, 1996, n. I, p. 22-31.
- Guilañá Palanques, Elvira, "Toxicomanías: Criterios de analizabilidad, posibilidades de encuentro", Freudiana, Barcelona, Ed. ELP-Catalunya, 2001, n. 31, p. 93-103.

H

- Haslé, C., «Addictions au travail :unchantier», Addicta.org, <https://addicta.org/2018/01/21/addictions-au-travail-un-chantier/>.
- Harding, T., « Le cerveau addict », LCD n. 88, 2014, p. 84-88.

- Haslé, C., « Faire dire à la science ce qu'on veut l'entendre dire », Addicta.org, <https://addicta.org/2014/05/03/faire-dire-a-la-science-ce-quon-veut-lentendre-dire/>.
- Haslé, C., Perdrieau, J.-F., «Analysed'une étude sur le ralentissement neuropsychologique de l'enfance à la quarantaine chez des usagers réguliers de cannabis »,Addicta.org, <https://addicta.org/2014/05/03/analyse-dune-etude-sur-le-neuropsychologique-de-lenfance-a-la-quarantaine-chez-des-usagers-cannabis/>.
- Heer, Liliana, "Un folklore sólo para dioses / magro límite", Obstáculos en el tratamiento de las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. JVE, 2005, p. 59- 67.
- Henschel, Cláudia, "Toxidade no contemporâneo", Correio, Brasil: Escola Brasileira de Psicanálise, n.69, p. 43-46, 2011.
- Henschel, Claudia, "Qué es un psicoanálisis en relación a las toxicomanías. Reflexiones sobre los efectos terapéuticos en una modalidad específica de síntoma de nuestra época", Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 49-57.
- Hernández, Águeda, "Mi padre me llama post-modernista", Revista Lacaniana de Psicoanálisis n. 9, p. 53-56. E.O.L.
- Holc, Sebastián, "El mercado y la subjetividad consumidora. La adicción como identidad social", Obstáculos en el tratamiento de las toxicomanías Buenos Aires, Ed. JVE, 2005, p. 107-115.

I

- Iriarte, L., « Une première conception du lien social chez Lacan », Addicta.org, <https://addicta.org/2015/11/06/une-premiere-conception-du-lien-social-chez-lacan/>.
- Iriarte, L., «Trois lectures du"Joueur" de Dostoïevski»,Addicta.org,<https://addicta.org/2015/04/08/trois-lectures-du-joueur-de-dostoievski/>.
- Iriarte, L, "Dostoïevski y su teoría del gentleman", en Pharmakon dig. N. 1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Indart, Juan Carlos. "Drogadicción de la economía", Obstáculos en el tratamiento de las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. JVE, 2005, p. 27-41.

J

- Jacquemin, T., « Pleins phares sur un hikikomori », LCD n. 88, 2014, p. 119-122.

- Josson, J.-M., « La fonction de la drogue », Accès, Bulletin de l'ACF-VLB n. 3, 2012, p. 45.
- Josson, J.-M., « Rompre l'effet de l'affect » « Les addictions sans substances ». Conversation du TyA. Les Cahiers de l'ASREEP-NLS N-2, 2016.
- Josson, J.-M., « Enaden : une institution déspecialisée pour monosymptôme », Mental n. 14, 2004, p. 31-40.
- Josson, J.-M., « L'inclusion du sujet », Actes de la Journée d'étude d'Enaden, 1992.
- Josson, J.-M., « A l'abri de la drogue », Stupéfiant ! n. 3, 1998.
- Josson, J.-M., « Fonction et usages de l'institution », Acte de la Journée d'étude d'Enaden, 2002.
- Josson, J.-M., « Note préparatoire à la prochaine conversation du TyA en Belgique », La Lettre de TyA-Europe n. 20, 2006.
- Josson, J.-M., « Abords de la toxicomanie et de l'alcoolisme », www.causefreudienne.net, 2009.
- Josson, J.-M., « La fonction de la toxicomanie et de l'alcoolisme », Letterina n. 55-56, 2010.
- Josson, J.-M., « La fonction de la drogue », Accès n. 3, 2012.
- Josson, J.-M., « Un bien estar indescriptible », Pharmakon Digital n.1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Josson, J.-M., « Toxicomanie et alcoolisme : rompre l'effet d'affect », radiolacan.com, 2016.
- Josson, J.-M., « La nécessité d'un détour », <https://groups.google.com/forum/?hl=fr#!forum/collectif-despraticiens-de-la-parole>.
- Josson, J.-M., « Romper o efeito de afeto », <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>
- Josson, J.-M., « Un possible lien », Quarto n. 118, 2018.
- Josson J.-M., « De functie van het druggebruik », Psychoanalytische Perspectieven, 2019.
- Josson, J.-M., « Conversation du TyA à Bruxelles, février 2019 'Résultats, idées, problèmes' avec la participation de Marie-Hélène Brousse », Quarto n. 124, 2020.
- Josson, J.-M., « Un vide de moteur », UFORCA, 2021.
- Josson, J.-M., « Le sinthome de Schreber », Quarto n. 123, 2019.
- Josson, J.-M., « Mortel ennui », Quarto n. 79, 2003.

- Kameniecki, Mario - Quevedo, Silvia, “Dispositivos clínicos en toxicomanías. Cuerpo y subjetividad”, Variantes e invariantes clínicas, Buenos Aires, Ed. Letra Viva, 2005, p. 151-159.
- Kato, Maria Célia Reinaldo, “O insuportável do desejo do outro para além de mim”, Carta de São Paulo, São Paulo: EBP - SP, ano 23, n.2, p. 73-81, nov. 2016.
- Kato, Maria Célia Reinaldo, “Um ditador dita a dor”, Opção Lacaniana, São Paulo: Eolia, n.63, p. 79-81, 2012.
- Kaufmanner, Henri. “A abstinência não existe”: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/images/almanaque-anteriores/almanaque-07/Henri.pdf>
- Kaltenbeck, F., « Les dessous d'un objet transitionnel », Actes de l'ECF n. 15, 1988, p. 96.
- Katsuda, Adriana, “Marcelo y su madre”, El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías. Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 155-159.
- Katsuda, Adriana, “Palabras preliminares. Las toxicomanías”, Un malestar de la época que interroga al psicoanálisis y a las instituciones, Córdoba, 2001, p. 5-7.
- Kaufmanner, Henri, “Wiwimacher, fobia e toxicomania: impasses de um “casamento”, Opção Lacaniana, São Paulo: Eolia, n.38, p. 26-29, dez. 2003.
- Kleiner, Esteban, “Un tratamiento de desintoxicación”, El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías. Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 159-167.
- Kleiner, Esteban - Rubinetti, Cecilia, “El discurso capitalista y la clínica de las toxicomanías”, Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 101-109.

L

- La Sagna, P., « Mise à plat et calcul collectif », LCF n. 27, 1994, p. 41.
- La Sagna, P., « Le discours comme sortie du Capitalisme », LCD n.105, 2020, p. 49- 54.
- La Sagna, P., « Ce qu'on dit aux analystes », Lacan Quotidien n. 798.
- Labridy, F., « Corps addict », LCD n. 88, 2014, p. 61-64.
- Labridy, Françoise, « Des performances à tout prix pour les corps augmentés », LCD n. 102, 2019, p. 91- 95.
- Lacadée, P., « Briseur de soucis », Actes de l'ECF n. 15, 1988, p. 53, 56.
- Lacadée, Philippe, « Passions du risque et conduites à risque », LCF n. 57, 2004, p. 214-216.

- Lacadée-Labro, D., «Adieu tristesse », LCD n. 88, 2014, p. 143-147.
- Lacan, Jacques, Cierre de las Jornadas de Estudios de Carteles de la Escuela Freudiana de Paris (1975), Pharmakon digital n. 2, 2016, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- Lacaze-Paule, C., « La clinique de l'alcoolisme par le jeune Lacan », LCD n. 111, 2022, p. 116-119.
- Lachavanne, Horacio, "El complejo "adicto": más acá y más allá del Edipo", Los quitapenas. Clínica de las toxicomanías: un abordaje institucional Buenos Aires, Ed. Eudeba, 2000, p. 53-73.
- Lachaize-Oehmichen, Y., « Rodolphe, ou l'enfant de bois », Actes de l'ECF n. 9, 1985, p. 52, 54.
- Laia, Sergio, "Crítica da razão toxicómana", Correio - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, Belo Horizonte, n.37, p. 47-51, mar. 2002.
- Laurent, D., « La crise du banquet des noms », LCD n. 88, 2014, p. 26-29.
- Laurent, D., « L'homme au minitel », LCF n. 37, 1997, p. 19.
- Laurent, É., « Comment avaler la pilule ? », Ornicar n. 50, revue du CF, Navarin éditeur, 2003.
- Laurent, É., «Êtes-vous sé valubles?»,Addicta.org, <https://addicta.org/2005/01/09/etes-vous-evaluables/>.
- Laurent, É., « L'inconscient et l'événement de corps », LCD n. 91, 2015, p. 24.
- Laurent, É., « Guérir de la psychanalyse », Mental n. 11, 2002, p. 63.
- Laurent, É., « La société du symptôme », Quarto n. 85, 2005.
- Laurent, É., « La translation diagnostique et le sujet », LCD n.102, 2019, p. 57-70.
- Laurent, É., « Un pari », Actes de l'ECF n. 7, 1984, p. 42, 43.
- Laurent, É., « Difficile de ne pas être déprimé ! », Quarto n. 93, 2008.
- Laurent, É., « État, Société, Psychanalyse », LCF n. 29, 1995, p. 56, 57.
- Laurent, É., « Un sophisme de l'amour courtois », LCF n. 46, 2000, p. 16.
- Laurent, É., « Métamorphoses et extraction de l'objet a », LCF n. 69, 2008, p. 45.
- Laurent, É., « La société du symptôme », Quarto n. 79, 2003.
- Laurent, É., « Trois remarques sur la toxicomanie », Quarto n. 42, 1990.
- Laurent, É., « Tres observaciones sobre la toxicomanía", en Pharmakon dig. N. 3, <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>
- Laurent, É., « Le traitement des choix forcés de la pulsion », Lacan Quotidien n. 204.

- Laurent, É, “Apuestas del congreso de 2008: el objeto a como pivote de la experiencia analítica”, *Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 13-29.*
- Laurent, M., « Soumaki », LCD n. 106, 2020, p. 111-113.
- Lavigne, S., Sidon, P., « Conversation avec Fabián Naparstek : résumé, morceaux choisis », Addicta.org, <https://addicta.org/2015/03/03/conversation-avec-fabian-naparstek-re-sume-morceaux-choisis/>.
- Lavigne, S., « Survivre aux protocoles? », Addicta.org, <https://addicta.org/2014/04/08/survivre-aux-protocoles/>.
- Lavigne, S., « Tous addicts, pas tous toxicomanes », « Les addictions sans substances ». Conversation du TyA. Les Cahiers de l'ASREEP-NLS N°2, 2016.
- Lavigne, S., « L'effondrement d'un businessman », LCD n. 105, 2020, p. 156-158.
- Lazarus-Matet, Catherine, « Adolescents et pères-postiches, une servitude asexuée », LCF n. 54, 2003, p. 157-159.
- Le Bon, C.-I., « L'institution, lieu d'une conversation possible », Quarto n. 79, 2003.
- Lecoeur, B., “El hombre ebrio. Ensayos sobre toxicomanía y alcoholismo”, UNSAM, serie Tyché, Buenos Aires, 2014.
- Le Fur, Y., « Champs de batailles et de pulsions », Lacan Quotidien n. 589.
- Le Scouarnec, K., « Homme seul recherche image “prêt-à-porter” », Accès, Bulletin de l'ACF-VLB, n. 8, 2015, p. 171.
- Lecoeur, B., « De père en fils », Actes de l'ECF n. 8, 1985, p. 15.
- Leite, Márcio Peter de Souza, “Sujeito e fármaco na pós-modernidade”, Clique-Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano, Belo Horizonte: Instituto de psicanálise e saúde mental de Minas Gerais, n.1, p. 47-53, abr. 2002.
- Lejbowicz, Jacquie, “Saber leer”, Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II Buenos Aires, Ed. Grama, 2009, p. 83-91.
- Lejbowicz, Jacquie, “Instituciones de lo a-dicto, una articulación posible”, Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II, Buenos Aires, Ed. Grama, 2009, p. 135-137.
- Leguil, C., « L'analyse, le sentiment d'un risque absolu », LCD n.105, 2020, p. 114-116.
- Leguil, C., « Virilités toxiques ? Modes de la violation », Quarto n. 130, 2022.
- Levi, Mirta, “El paciente drogadependiente y su familia”, Los quitapenas. Clínica de las toxicomanías: un abordaje institucional, Buenos Aires, Ed. Eudeba, 2000, p. 73-87.
- Liart, M., « La forclusion du sujet dans le discours médical », LCF n. 42 1999, p. 33, 36.

- Liart, M., « Les psychotropes ou la réponse scientifique au malaise dans la civilisation », Quarto n. 79, 2003.
- Lima, Cláudia Henschel de; Aragon, Vera, “Pai, modernidade e toxicomania: versão do pai e diagnóstico diferencial na toxicomania”, Latusa, Rio de Janeiro, n.11, p. 115- 130, jun. 2006. ISSN 1415-6830.
- Linardou-Blanchet N., « Consommer la présence », Mental n. 17, 2006, p. 133-136.
- Lindon, M., « Une vie pornographique », LCD n. 88, 2014, p. 95-103.
- Lipiani, Adriana; Lima, Cláudia Henschel de, « Um estudo de caso em torno do diagnóstico diferencial e do início de análise na toxicomania », Latusa, Rio de Janeiro: EBP-RJ, n.18, p. 85-91, ago. 2013.
- Locatelli, D., « Le corps de la psychanalyse et du politique », Addicta.org, <https://addicta.org/2018/02/26/le-corps-de-la-psychanalyse-et-du-politique/>.
- López, Héctor, “Tóxicos sexolíticos”, Obstáculos en el tratamiento de las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. JVE, 2005, p. 95-101.
- López, Miguel, “Acerca de la eficiencia lacaniana en la clínica de las toxicomanías” Avatares, Tucumán, Ed. CID-Tucumán, 2017, p. 64-68.
- Loose, R., « Un cas de pornographie compulsive », Mental n. 29, 2013, p. 33-36

M

- Malengreau, P., « Lettre du TyA-Europe n°48 », Addicta.org, <https://addicta.org/2014/12/03/lettre-du-tya-europe-n48/>.
- Malengreau, P., « Construire l'Europe du TyA », Quarto n. 79, 2003.
- Malengreau, Pierre, « Une boulimie a-péritive », LCF n. 71, 2009, p. 33-41.
- Maleval, J.-C., « Du symptôme dans la psychose non déclenchée », LCF n. 48, 2001, p. 71.
- Marcucci, Marcelo, “Políticas de salud y toxicomanías”, Salud mental: Época y subjetividad, Rosario, Homo Sapiens Ediciones, 2000, p. 159-165.
- Martins, Viviane Tinoco, “Organismos de ferro”, Latusa, Rio de Janeiro: EBP-RJ, n.20, p. 153-159, ago. 2015.
- Matet, J.-D., « Homosexualité masculine : drame public ou privé », LCF n. 37, 1997, p. 14.
- Matteo Bertolozzi, Fernando, “Golpe a golpe, verso a verso”, Obstáculos en el tratamiento de las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. JVE, 2005, p. 131-141.

- Maudet, E., « Dans le jeu vidéo », LCD n. 88, 2014, p. 58-60.
- Mazzei, D., « La drogadicción y el poder de la imagen », en Pharmakon dig. N. 1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Mazzotti, Maurizio, « Une porno-dépendance virtuelle ou réelle ? » LCF n. 73, 2009, p. 29-32.
- Millas, Daniel, “La locura social: verdades de un hombre lúcido”, Revista Lacaniana de Psicoanálisis n. 11, pp. 169-179. E.O.L.
- Miller, D., « Le noyau du symptôme », LCF n. 48, 2001, p. 53.
- Miller, D., « Quand les femmes ne peuvent s’avancer que masquées », LCF n. 22, 1992, p. 15.
- Miller, D., « Quand le retard donne forme au symptôme », LCF n. 26, 1994, p. 41.
- Miller, D., « Le prix du secret », LCF n. 31, 1995, p. 39, 41.
- Miller, G., « Rêves américains », Actes de l’ECF n. 15, 1988, p. 99.
- Miller, J., « Lettre du TyA-Europe n°45 », Addicta.org, <https://addicta.org/2014/03/02/lettre-du-tya-europe-n45/>.
- Miller, J.-A., « Lire un symptôme », Mental n. 26, 2017, p. 58.
- Miller, J.-A., « L’inconscient et le corps parlant », LCD n. 88, 2014, p. 104-115.
- Miller J.-A., « L’Un est lettre », LCD n. 107, 2021, p. 35.
- Miller, J.-A., « Jouer la partie », LCD n. 105, 2020, p. 17-29.
- Miller, J.-A., « Psychanalyse en immersion », LCD n. 109, 2021, p. 23-33.
- Miller, Jacques – Alain, « Para introducir o efeito - de – formação », Correio - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, Belo Horizonte, n.37, p. 8-15, mar. 2002.
- Miller, J.-A., « Donc, je suis ça », LCF n. 27, 1994, p. 6.
- Miller, J.-A., “Para una investigación sobre el goce autoerótico”, Pharmakon digital n. 2, 2016, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- Miller, J.-A., « Clôture », « Le toxicomane et ses thérapeutes », Greta, Navarin éditeur, 1989, p. 131-133.
- Miller, L., « Pour en finir avec l’Utopie évaluatrice », Addicta.org, <https://addicta.org/2014/02/25/pour-en-finir-avec-lutopie-evaluatrice/>.
- Miranda, Maria Luiza Mota, “Eu sou borderline, doutora”, Agente revista de psicanálise, Salvador: EBP-BA, v.8, n.14, p. 89-99, nov. 2007.
- Miranda, Maria Luiza Mota, “A clínica das toxicomanias e a adolescência”, Carrossel, Salvador: Cartograf, v.3, n.3 e 4, p. 123-129, nov. 1999.
- Miranda, Mota Luiza Maria, “Eu sou borderline, doutora”, Opção Lacaniana, São Paulo: Eólia,

n.53, p. 67-72, 2009.

- Miranda, Maria Luisa Mota, "A promessa da imortalidade", Rio de Janeiro: [s.n.], 1993.
- Miranda, Maria Luisa Mota, "Toxicomanias e supereu", [Salvador]: [s.n.], 1991.
- Miranda, Maria Luiza, "A clínica das toxicomanias: a direção do tratamento", Opção Lacaniana - Revista brasileira internacional de psicanálise, São Paulo: Eolia, n.25, p. 17-20, out. 1999.
- Mattos, Cristiana Pittella de, "Uma psicose disfarçada de toxicomania: foi a droga", Papéis de psicanálise, Belo Horizonte: Instituto de psicanálise e saúde mental de Minas Gerais, v.2, n.2, p. 94-96, maio 2006.
- Matus, Lidia, "El grito suprimido. Las adicciones como grito suprimido en la neurosis de angustia", Los quitapenas. Clínica de las toxicomanías: un abordaje institucional, Buenos Aires, Ed. Eudeba, 2000, p. 87-99.
- Ménard, A. « Structure signifiante de l'anorexie mentale », Actes de l'ECF n. 2, 1982, p. 7.
- Ménard, A., « Un héros malheureux », LCF n. 35, 1997, p. 65-67.
- Mena, María Inés, "Breve reflexión acerca de la figura del consumidor instituida por la política actual del mercado", Obstáculos en el tratamiento de las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. JVE, 2005, p. 101-107.
- Merlet, A., « La mort comme acte manqué », LCF n. 44, 2000, p. 74.
- Martínez, Luis, "Apostando tiempo", Colofón n. 34, p. 55-59. Federación Internacional de Bibliotecas de la Orientación Lacaniana.
- Mezêncio, Márcia; Rosa, Márcia; Faria, Maria Wilma (Orgs.), "Tratamento possível das toxicomanías", Belo Horizonte: Scriptum, 2014, p. 215.
- Morel, G., « Le sexe en question », Actes de l'ECF n. 17, 1989, p. 76, 77.
- Mollo, Juan Pablo, Entrevista en Pharmakon digital n. 1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Mollo, Juan Pablo, "Toxicomanía y filiación", Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcohólico (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 131-139.
- Monnier, J.-L., « Internet et le sexe en libre service », Lacan Quotidien n. 502.
- Monnier, J.-L., « Du selfie au sexe 2.0 : les nouveaux mirages », Lacan Quotidien n. 575.
- Monribot, P., « La possibilité d'un symptôme », Quarto n. 125, 2020.
- Morizot, J.-L., « Prescrire les psychotropes : un traitement de la jouissance ? », Mental n. 19, 2007, p. 166-172.
- Moroni, Gloria, "Un caso clínico", Las toxicomanías. Un malestar de la época que interroga al psicoanálisis y a las instituciones, Córdoba, 2001, p. 21- 25.

- Motta, Carlos Gustavo, "Discutir con lo real", El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías. Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 218-229.
- Muschetto, Laura - Piotti, Virginia, "Más allá de lo actual. Otras posibilidades.", Obstáculos en el tratamiento de las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. JVE, 2005, p. 115-123.

N

- Naparstek, F. A., Page, N., Berthomier, J., Le Poitevin, C., « Lettre du TyA-Europe n°49 », Addicta.org, <https://addicta.org/2015/04/03/lettre-du-tya-europe-n49/>.
- Naparstek, Fabián - Galante, Darío, "Monotoxicomanías y politoxicomanías: la función del tóxico en las psicosis", Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 43-49.
- Naparstek, F., « De la formation de rupture au partenaire symptôme », Quarto n. 79, 2003.
- Naparstek, Fabián, « Função Tóxica Na Clínica Da Psicose: Remédio E/Ou Ruína ? », <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/funcao-toxica-na-clinica-da-psicose-remedio-e-ou-ruina>
- Naparstek, Fabián, "Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo I", Buenos Aires, Ed. Grama, 2009.
- Naparstek, Fabián, "Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II", Buenos Aires, Ed. Grama, 2009.
- Naparstek, Fabián, "Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo III", Buenos Aires, Ed. Grama, 2009.
- Naparstek, F. A., « La toxicité du symptôme », Accès, Bulletin de l'ACF-VLB n 8, 2015, p. 79.
- Naparstek, F. A., « L'essaim de drogues », LCD n. 88, 2014, p. 34-36.
- Naparstek, Fabián, "Psicosis ordinarias y toxicomanías", El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 39-53.
- Naparstek F., « Rêve réel et rêve transférentiel », LCD n. 104, 2020, p. 28-30
- Naparstek, Fabián, "Prólogo", Olivos, Ed. Grama, 2016. Usos del cuerpo en las toxicomanías en la época del parlêtre, p. 9-11.
- Naparstek, Fabián, "Enganches y desenganches en las toxicomanías y las adicciones", La inquietante familiaridad de las drogas, Olivos, Ed. Grama, 2018., p. 21-25.
- Naparstek, F., "La metástasis del goce", Pharmakon digital n.1, 2015, <http://pharma->

kondigital.com/volumen-no01/?lang=es

- Naparstek, F., Entrevista en Pharmakon dig. N. 3, <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>
- Natale, Florencia - Costanza, Victoria, "Toxicomanía y neurosis", El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías. Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 175-183.
- Natale, Florencia, "El deseo en cuestión", Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 71-75.
- Naveau, L., « Addicts ou inventifs ? », Accès, Bulletin de l'ACF-VLB n. 7, 2014, p. 13.
- Nepomiachi, Ricardo, "La toxicomanía: problemática de fin de siglo", Los quitapenas. Clínica de las toxicomanías: un abordaje institucional Buenos Aires, Ed. Eudeba, 2000, p. 27-33.
- Nicéas, C. A., « Un pervers et la castration », LCF n. 41, 1999, p. 57.
- Nobus, D., « Une jouissance à couper le souffle : à propos d'un cas d'asphyxie auto-érotique », LCF n. 31, 1995, p. 88.
- Nogueira, Pinelli Sandra Cristina, « O crack e a dor de existir », Curinga, Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, n.30, p. 65-69, 2010.
- Nogueira, Cristina Sandra Pinelli, "A toxicomania e o laco social", Curinga, Belo Horizonte, n.12, p. 22-27, set. 1998.
- Nogueira, Cristina S. Pinelli; Grossi, Fernando Teixeira, "Núcleo de pesquisa sobre psicanálise e toxicomania", Curinga, Belo Horizonte, n.8, p. 38, set. 1996.
- Nogueira, Cristina Sandra Pinelli. "A toxicomania e o pai", Curinga, Belo Horizonte, n.18, p. 34-41, nov. 2002.
- Nogueira, Cristina Sandra Pinelli, "Inibição e ato na clínica das toxicomanias, Curinga, Belo Horizonte: [s.n.], v.8, p. 48-50, set. 1996. O homem e o declínio do viril.
- Nogueira Filho, Durval M., "Algumas proposições sobre a toxicomanía", Carta de São Paulo, São Paulo: EBP; IPPSP, n.6, p. 22, set. 1999.



-
- Olive, D., « Fume, fête, conduites à risques », Accès, Bulletin de l'ACF-VLB n. 3, 2012, p. 19.
 - Olive, D., « Une addiction au regard », Accès, Bulletin de l'ACF-VLB n. 7, 2014, p. 163.
 - Olivet, F., « De la colère au symptôme social », LCD n. 88, 2014, p. 8-11.

- Oliveira, Anna Rogéria Nascimento de, “Fome de nada”, Apalavra, Goiânia: EBP -Delegação Geral Goiânia /Distrito Federal, n.4, p. 105-110, ago. 2014.
- Oliveira, Gilsa F. Tarré de, “Por que reintroduzir a crença no sintoma?”, In: Latusa: sintoma e semblantes na vida e na análise. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, n. 14, nov. 2009. p. 103-108. ISBN 1415-6830.

P

- Pacheco, Lilany, “A intoxicação generalizada e o delírio de normalidade”: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/images/almanaque-anteriores/almanaque-06/lilany.pdf>
- Pacheco, Lilany, “Drogas E Imagens: Novas Adições”: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/drogas-e-imagens-novas-adicoes>
- Pacheco, Lilany Vieira, “As regras e a lei na instituição”, Curinga, Belo Horizonte, n.18, p. 70-79, nov. 2002.
- Pacheco, Lilany Vieira, “O adolescente e as drogas”, Curinga, Belo Horizonte: EBP-MG, n.13, p. 32-39, set. 1999.
- Pacheco, Lilany Vieira, “Considerações sobre a construção do caso na clínica das toxicomanias”, Almanaque de Psicanálise e Saúde Mental, Belo Horizonte: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental, v.6, n.9, p. 35-39, nov. 2003.
- Pacheco, Lilany Vieira, “O corpo na toxicomania”, Opção Lacaniana, São Paulo, n.30, p. 65-70, abr. 2001.
- Pacheco, Lilany Vieira, “O adolescente e as drogas”, Curinga, Belo Horizonte, n.13, p. 32-39, set. 1999.
- Pacheco, Lilany Vieira, Reseña del libro de J. Santiago: “La ruptura con el goce fálico y sus incidencias en el uso contemporáneo de las drogas”, en Pharmakon dig. N. 2, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- Page, N., « L’addiction : symptôme hypermoderne ? », Accès, Bulletin de l’ACF-VLB n. 4, 2012, p. 53.
- Page, N., « Un rempart contre le vide », LCD n. 88, 2014, p. 129-131.
- Page, N., « Entre les murs... », Mental n. 14, 2004, p. 41-47.
- Page, N., Josson, J.-M., « Addiction et toxicomanie : plus fort que tout », My Way La Newsletter du 4^e Congrès Européen de psychanalyse n. 3, 2016.
- Page, N., « Venir en prison », Terre du Cien n. 16/17, 2005.

- Page, N., « Quand la parole ne suffit pas », Les Feuilletts du Courtil 30, 2009.
- Page, N., « Les fonctions subjectives de la drogue : comment en prendre soin ? », La lettre mensuelle n. 298, Revue des ACF-ECF, 2011.
- Page, N., « L'Homme au vélo », Quarto n. 79, 2003.
- Page, N., « Le martyr du cannabis », Quarto n. 98, 2011.
- Page, N., « La llave del armario de los tóxicos », Pharmakon digital n. 1, 2015, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Page, N., « Los buenos colegas, para los chicos bellos », Pharmakon digital n. 3, 2017, <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>
- Pais, M., « Presentación » (Estéticas de consumo), en Pharmakon dig. N. 1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Palanques, E., « Une condition de possibilité », Quarto n. 79, 2003.
- Paskvan, Estela, « Presentación: toxicomanías: de la monotonía a la diversidad », Freudiana Barcelona. Ed. Paidós, 1994, n. 12, p. 69-72.
- Pasqualin, D., « De ça sert à ça serre », LCD n. 105, 2020, p. 147-149
- Pfauwadel, A., « Défaire le business inconscient », LCD n.105, 2020, p. 117- 121.
- Pham, A. H., « Addict au BMX », LCD n. 88, 2014, p. 132-135.
- Pinelli Nogueira, Cristina. Inhibición y acto en la clínica de las toxicomanías. Pharmakon, Buenos Aires, Ed. TyA, 1996, n. 4-5, p. 30-35.
- Pinelli Nogueira, Cristina, « El psicoanálisis en la clínica de las toxicomanías: posibilidades y límites. ¿Todos adictos? », Primer Coloquio Internacional del TyA, Ed. Grama 2013, p. 77-81.
- Pereira, Douglas Rodrigo; Migliavacca, Eva Maria, « Aspectos da compulsão à repetição na toxicomania », Cadernos de Psicanálise, Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro, v.36, n.30, p. 71-87, jan./jun. 2014.
- Péret, Maria de Fátima, « Falar com o próprio corpo, não sem imagem: uma reflexão sobre Amy Winehouse », Arteira, Florianópolis: EBPSC, n.8, p. 81-88, out. 2016.
- Poblome, G., « Une femme rabaissée », Mental n. 33, 2015, p. 95-98
- Ponce, Abel, « De la nominación toxicómana a la nominación en las toxicomanías », III Coloquio del Campo Freudiano en Cuba « La clínica del psicoanálisis, lo particular en la cura », Buenos Aires, Ed. Eolia, 2000, p. 91-94.
- Porcheret, B., « Du cri au souffle ou l'addiction au sinthome », LCD n. 88, 2014, p. 74-79.
- Puglia, Regina, « Considerações sobre a toxicomania », Carta de São Paulo, São Paulo: EBP, n.12, p. 11-13, nov./ dez. 1995.

Q

- Quaglia, Giovanna, “As fendas por onde penetra o real”, Apalavra, Goiânia: Escola Brasileira de Psicanálise - Delegação Geral; Kelps, n.4, p. 99-104, inclui bibliografia. ago. 2014.
- Quaglia, Giovanna, “On line y fast time: ¿qué es ser toxicómano hoy?”, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Quevedo, Silvia, “De psicosis y toxicomanías: un caso particular de montaje adictivo, Cuerpo y subjetividad”, Variantes e invariantes clínicas Buenos Aires, Ed. Letra Viva 2005, p. 77-89.
- Quevedo, Silvia - Kameniecki, Mario, “Toxicomanías y psicosis. Acerca del concepto de suplencia”, Psicoanálisis y el Hospital Buenos Aires, Ed. del Seminario 2005, n. 27, p. 139-145.

R

- Rabinovich, D., « Les fictions de la vérité chez Gracián », LCF n. 28, 1994, p. 29.
- Raddi, Silvia, “Psicoanálisis y toxicomanías: cuerpos no-velados”, Psicoanálisis y el Hospital, Buenos Aires, Ed. del Seminario, 2005, n. 27, p. 173-178.
- Rago, Silvina, “Lo tóxico de la imagen”, en Pharmakon dig. N. 1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Recalcati, M., « Les deux ‘riens’ de l’anorexie », LCF n. 48, 2001, p. 88.
- Recalcati, Massimo, « Lignes pour une clinique des monosymptômes », LCF n. 61, 2005, p. 93-97.
- Regnault, F., « Médecin de nuit d’Élie Wajeman », Lacan Quotidien n. 932.
- Renou, R.-P., « Sans domicile fixe », LCD n. 105, 2020, p. 153-155.
- Réquíz, Gerardo, “Toxicomania”, Opção Lacaniana, São Paulo: Eólia, n.50, p. 379-381, 2007.
- Requiz, Gerardo, “Toxicomanías”, Revista Lacaniana de Psicoanálisis, Buenos Aires, Ed. Gramma, 2007, n. 5/6, p. 377-379
- Réquíz, Gerardo, “Toxicomania”, In: Scilicet dos Nomes do Pai. Rio de Janeiro: EBP, 2005. p. 170-171. Tradução: Luiz Fernando Carrijo da Cunha

- Reymundo, Oscar, "Santa Catarina: Oficina Política Lacaniana, Toxicomanias: pluralização das práticas de intoxicação", Correio, São Paulo: EBP, n.76, p. 61-62, 2015.
- Reymundo, Oscar, "Uma certeza que intoxica", Phoenix, Curitiba: EBP-PR, n.1, p. 107-111, abr. 2000.
- Reymundo, Oscar, Entrevista en Pharmakon dig. N. 2, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- Rodriguez, Claudia Aldigueri, "Toxicomania gozo na contemporaneidade: uma histórica e seu parceiro-sintoma", Carta de São Paulo, São Paulo: EBP - SP, v.20, n.1, p. 66-67, mar/abr 2013.
- Rollier, F., « L'addiction comme style de vie », LCD n. 88, 2014, p. 21-25.
- Rosenfeld, Hebert A., "Os estados psicóticos", Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968. 285 p. (Psychê).
- Rossi, Elba, "El psicoanálisis como brújula", Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires : Ed. Grama (2008), p. 117-121.
- Roy, D., « Trouble de la relation ou tranchant du symptôme », LCF n. 38, 1998, p. 64.
- Ruff, J., « Moulinos », LCD n. 88, 2014, p. 116-118.
- Rugeles Schoonewolff, M., « "Paranoïisation" du lien social », Addicta.org, <https://addicta.org/2015/12/13/paranoïisation-du-lien-social/>.
- Ruiz, Patricia, "¿Toxicomanías y urgencia? o ¿Urgencia toxicómana?", Psicopatología de la urgencia: 1º Jornadas Buenos Aires : Ed. Surge, 1994, p. 91-94.

S

- Sadala, Gloria, "Consumo: parceiro nos sintomas contemporâneos", Latusa, Rio de Janeiro: EBP-RJ, n.3, p. 43-49, abr. 1999.
- Salamone, Luis Darío. El lazo cuando la droga es el partenaire. Apostillas del TYA Córdoba, CIEC, 2011, n.1, p. 5-23.
- Salamone, Luis Darío, "La droga: ¿síntoma o estrago?", El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 53-63
- Salamone, Luis Darío, "Toxicomanías y salud mental. Alcohol, tabaco y otros vicios", Buenos Aires, Ed. Grama, 2012.
- Salamone, Luis D., "El silencio de las drogas", Bs. As., Grama, 2010.

- Salamone, Luis Darío, “¿Todos consumidores?” Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis, Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 29-37.
- Salamone, Luis Darío - Levato, Mabel, “La eficacia del psicoanálisis en sujetos que recurren al consumo de sustancias tóxicas” Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 37-43.
- Salamone, Luis Darío, “Un alcohólico empedernido”, Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II, Buenos Aires, Ed. Grama, 2009, p. 91-97.
- Salamone, Luis Darío, “Dificultades en el tratamiento de las toxicomanías y el alcoholismo. Cuando la droga falla”, Caracas, Ed. Pomaire, 2011, p. 71-93.
- Salamone, Luis D., “Dylan Thomas: enamorado de las palabras y del alcohol”, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Salamone, Luis D., “Sir Barrett: sigue brillando diamante loco”, <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>
- Salvai, Marcelo, “Una institución orientada psicoanalíticamente”, El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 183-189.
- Salvai, Marcelo “La moral hedonista y la toxicomanía”, Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 67-71.
- Santiago, Jesús, “O fora - da - lei do desejo da mãe: um toxicômano Hamletiano”, Curinga, Belo Horizonte, n.18, p. 50-55, nov. 2002.
- Santiago, Jesús, “O celibatário, o toxicômano e a segregação”, Curinga, Belo Horizonte: [s.n.], v.9, p. 45-49, abr. 1997. Os enigmas do masculino.
- Santiago, Jesús, “A toxicomania não é uma perversão”, Falo, Salvador, n.4/5, p. 68-72, jan./dez. 1989.
- Santiago, Jesús, “A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciencia”, Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001, p. 224 (Campo Freudiano no Brasil)
- Santiago, Jesús, “A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência”, 2 ed. rev. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017. 271 p. (Coleção BIP).
- Santiago, Jesús, “Drogas, ciência e gozo: sobre o tratamento cínico do mal-estar do desejo”, Opção Lacaniana, São Paulo: Eolia, n.15, p. 33-38, abr.1996. ISSN 1519-3128
- Santiago, Jesús, “Toxicomanías y adicciones” Un real para el siglo XXI: Scilicet Olivos, Ed. Grama, 2014, p. 353-356.
- Santiago, J., « La drogue de William Burroughs : un court-circuit de la fonction sexuelle », Quarto n. 79, 2003.

- Santiago, Jesús, “Toxicomanias e adições”, In: Scilicet: um real para o século XXI. Belo Horizonte: Scriptum, 2014. p. 385-387.
- Santiago, Jesús, “Sintoma e gozo para o toxicómano”, Salvador: [s.n.], p 13.
- Santiago, J., “Droga, ruptura fálica y psicosis ordinaria”, Pharmakon digital n. 3, 2017, <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>
- Santos, Lúcia Grossi dos, “Psicanálise e universidade”, Pulsional - Revista de Psicanálise, São Paulo: Livraria Pulsional, v.103, p. 77-78, nov. 1997. Insuficiência imunológica psíquica e toxicomania.
- Sauce, Pablo, Entrevista en Pharmakon dig. N. 2, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- Schejtman, Fabián, “Capitalismo y fundamentalismo”, El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías. Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 229-243.
- Scofield, L., “Toxicomanía, un estado transicional en la teoría y en la práctica del psicoanálisis”, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Scofield, L., “Toxicomanías a las psicosis”, <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>
- Severini, M., Verdicchio, O., Viganò C., « Un centre pour toxicomanes et alcooliques en Italie », Mental n. 2, 1996, p. 51-60.
- Siderova, V., « Dépression et médicaments », Quarto n. 93, 2008.
- Sidon, P., « Algunas reflexiones sobre los métodos en boga para curar las adicciones », <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Sidon, P., “Lazo social y adicciones”, <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>
- Sidon, P., « Les Noms des Anonymes », Addicta.org, <https://addicta.org/2016/04/10/les-noms-des-anonymes/>.
- Sidon, P., « Love addicts », LCD n. 88, 2014, p. 51-57.
- Sidon, P., Corbinais, M., « Conversation sur le lien social : fictions opérantes, ségrégations ou hors discours. », Addicta.org, <https://addicta.org/2015/12/06/conversation-sur-le-lien-social-fictions-operantes-segregations-ou-hors-discours/>.
- Sidon, P., « Gambling at the TyA », Addicta.org, <https://addicta.org/2015/05/06/gambling-at-the-tya/>.
- Sidon, P., « Bienveillance, j’écris ton nom », Addicta.org, <https://addicta.org/2014/06/01/bienveillance-jecris-ton-nom/>.
- Sidon, P., « Une prévention à éviter », Addicta.org, <https://addicta.org/2014/03/30/prevenir-la-prevention/>.

- Sidon, P., « Rééduquer... la société ? », Addicta.org, <https://addicta.org/2014/03/03/reeducer-la-societe-dite-addictogene/>.
- Sidon, P., « Cela finira-t-il par les réveiller ? », Addicta.org, <https://addicta.org/2018/02/25/cela-finira-t-il-par-les-reveiller/>.
- Sidon, P., « La destinée que nous nous choisissons », Addicta.org, <https://addicta.org/2017/12/17/la-destinee-que-nous-nous-choisissons/>.
- Sidon, P., « Le triomphe de l'éducation », Addicta.org, <https://addicta.org/2017/11/03/le-triomphe-de-leducation/>.
- Sidon, P., « 2017, l'année de l'invasion des zombies ? », Addicta.org, <https://addicta.org/2017/05/09/2017-lannee-de-linvasion-des-zombies/>.
- Sidon, P., « Contre une politique du Quere », Addicta.org, <https://addicta.org/2017/05/05/contre-une-politique-du-quere/>.
- Sidon, P., « Ensemble, déconcerter le pire », Addicta.org, <https://addicta.org/2017/03/28/ensemble-deconcerter-le-pire/>.
- Sidon, P., « Le chercheur ? Un addict comme les autres ! », Addicta.org, <https://addicta.org/2014/03/23/chercheur-addict-comme-les-autres/>.
- Sidon, P., « Les machines vous souhaitent la bienvenue », Addicta.org, <https://addicta.org/2018/05/05/les-machines-vous-souhaitent-la-bienvenue/>.
- Sidon, P., « Victimes de la bienveillance », Addicta.org, <https://addicta.org/2014/06/01/presentation-dune-recommandation-de-lanesm-la-bienveillance/>.
- Sidon, P., « TyA Envers de Paris » - Saisons 1-9, Addicta.org, <https://addicta.org/4827-2/>.
- Sidon, P., « Victime anonyme du destin ou SMART-recovering ? L'impasse d'une dichotomie », Addicta.org, <https://addicta.org/2015/05/28/victime-anonyme-du-destin-ou-smart-recovering-%e2%80%8b-limpasse-dune-dichotomie/>.
- Sidon, P., « ...de l'art de la Conversation à l'ère des addicts, analysants, anonymes », Addicta.org, <https://addicta.org/2014/03/02/analysants-anonymes/>.
- Sidon, P., « Individualisme », Addicta.org, <https://addicta.org/2017/04/05/individualisme-addictocratique/>.
- Sidon, P., « La substance d'une addiction », « Les addictions sans substances ». Conversation du TyA. Les Cahiers de l'ASREEP-NLS N°2, 2016.
- Sidon, P., Bialek, S., « Le bon usage des psychotropes : deux poids, deux mesures », Mental n. 19, 2007, p. 42-49.
- Silitti, D., Sinatra, E., Tarrab, M, "Más allá de las drogas. Estudios psicoanalíticos", Plural. 2000.
- Silitti, Daniel, "Clínica del superyó y las toxicomanías", Pharmakon, Buenos Aires, Ed. Plural

(Junio de 1998), n. 6-7, p. 11-15.

- Silva, Benjamin, “Lo ilimitado”, en Pharmakon dig. N. 1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Silva, Rosimeire, “No Meio De Todo Caminho Sempre Haverá Uma Pedra”: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/no-meio-de-todo-caminho-sempre-havera-uma-pedra>
- Silvestre, D., « Aimer sa souffrance comme soi-même », Actes de l'ECF n. 8, 1985, p. 17.
- Silvestre, Daniele. A AIDS e o saber. Curinga, Belo Horizonte, n.8, p. 112-120, set. 1996.
- Silvestre, M., « L'identification chez l'hystérique », Actes de l'ECF n. 2, 1982, p. 9.
- Sinatra, E., Entrevista en Pharmakon digital n. 1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Sinatra, Ernesto, “Ideais do final do século”, Revista Agente n. 12, Salvador: DBC -Artes Gráficas, 1999, p. 14.
- Sinatra, Ernesto, “El toxicómano es un sin-vergüenza”, El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías. Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 63-75.
- Sinatra, E., “Adixiones”, Bs. As., Grama, 2020.
- Sinatra, E. “¿Todo sobre las drogas?”, Bs. As., Grama, 2010.
- Sinatra, E., “L@s nuev@s adict@s”, Bs. As., Tres Haches, 2013.
- Sinatra, Ernesto. “Adicciones sólidas, identificaciones líquidas”, Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 109- 117.
- Sinatra, Ernesto, “A toxicomania generalizada e o empuxo ao esquecimento”, Opção Lacaniana, São Paulo, n.22, p. 81-85, ago. 1998.
- Sinatra, Ernesto, “El empuje al olvido: tres nombres del goce”, Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II, Buenos Aires, Ed. Grama, 2009, p. 27-39.
- Sinatra, Ernesto, “La función del alcohol”, Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II, Buenos Aires, Ed. Grama, 2009, p. 97-103.
- Sinatra, Ernesto, “Dos hipótesis sobre las toxicomanías”, Mediodicho, Ed. EOL-Córdoba, 2006, n. 30, p. 147-157.
- Sinatra, Ernesto, “Adixiones urbanas”, Revista Lacaniana de Psicoanálisis n. 27, p. 77-79.
- Sinatra, Ernesto, “La marca de una ausencia”, en Pharmakon dig. N. 3, <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>
- Skaf, Cesar, “Para una clínica de la elisión del falo”, <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>

- Solano, L., « Charon, passeur d'âmes », Actes de l'ECF n. 13, 1987, p. 67.
- Soldano Deheza, Flavia - Molina, María Florencia - Bonzini, Silvia, "Clínica de las toxicomanías: un abordaje institucional", Los quitapenas. Clínica de las toxicomanías: un abordaje institucional, Buenos Aires, Ed. Eudeba, 2000, p. 9-27.
- Spivak, C., "Lacan. Glover, la toxicomanía y la drug addiction", <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Stevens, A., « La formation du psychanalyste », LCF n. 49, 2001, p. 39.
- Stevens, A. "La errancia del toxicómano", Colofón n. 32, p. 58-62. Federación Internacional de Bibliotecas de la Orientación Lacaniana
- Stevens, A., « Le corps marqué par la langue », Quarto n. 129, 2021.

T

- Taillandier, E., Adam, R., Berthomier, J., Aucremanne, J.-L., « Lettre du TyA-Europe n°47 », Addicta.org, <https://addicta.org/2014/10/05/lettre-du-tya-europe-n47/>.
- Taillandier, É., Sidon, P., « Lettre du TyA Europe n°46 », Addicta.org, <https://addicta.org/2014/07/09/lettre-du-tya-europe-n46/>.
- Taillandier E., « L'addiction s'il vous plaît ! », Accès, Bulletin de l'ACF-VLB n. 4, 2012, p. 135.
- Taillandier, E., « SutuR, pseudo d'un avatar, nom d'un réel », Accès, Bulletin de l'ACF-VLB n. 7, 2014, p. 87.
- Taillandier, S., « Vaincre la dépendance affective », Accès, Bulletin de l'ACF-VLB n. 8, 2015, p. 167.
- Taillandier, E., « Le TyA, une institution hors les murs », Accès, Bulletin de l'ACF-VLB n. 11, 2018, p. 81.
- Taillandier, E., « Le plaisir n'a pas de sexe », LCD n. 110, 2022, p. 113-116.
- Taillandier, E., « L'Addiction, un lien qui sépare », « Les addictions sans substances ». Conversation du TyA. Les Cahiers de l'ASREEP-NLS N°2, 2016.
- Taillandier, E., « Attention, corps intoxiqué ! », Lacan Quotidien n. 448.
- Taillandier, E., « L'extension du domaine de la jouissance », Lacan Quotidien n. 516.
- Taillandier, E., « Cicatriz, el pseudónimo de un avatar, el nombre de un real », en Pharmakon dig. N. 1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Talayrach, O., « Lecture du texte de Gil Caroz "Connaître sa haine" », Addicta.org,

- <https://addicta.org/2017/01/14/haine/>.
- Talayrach, O., « Un monde sans solution », Addicta.org, <https://addicta.org/2022/06/05/un-monde-sans-solution/>.
- Tarditti, Héctor, “La fuerza del alivio”, El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 189-193.
- Tarditti, Héctor, “Placer-displacer en toxicomanías. Sujeto y Tóxico”. Rosario, Ed. Tya-Rosario, 1999, n. 3, p. 16-19.
- Tarditti, Héctor, “El padre en las toxicomanías. Sujeto y Tóxico”, Rosario, Ed. TyA-Rosario, 2000, n. 4, p. 3-5.
- Tarditti, Héctor, “El psicoanalista y las toxicomanías”, Córdoba, Ed. CIEC , 2001, n. 10, p. 118-122.
- Tarrab, Maurício, “O risco da modernidade”, Curinga, Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise Seção Minas Gerais, n.19, p. 102-111, nov. 2003. ISSN 1676 2495. (Como a Psicanálise Cura).
- Tarrab, Mauricio, “Algo peor que un síntoma”, El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 75-89.
- Tarrab, Mauricio, “Las eficacias del psicoanálisis y los nuevos síntomas”, Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 57-67.
- Tarrab, Mauricio, “O direito de não ser anónimo”, Opção Lacaniana, São Paulo, n.22, p. 86-90, ago. 1998.
- Tarrab, Mauricio, “Conferencia: algo peor que un síntoma”, Las toxicomanías. Un malestar de la época que interroga al psicoanálisis y a las instituciones, Córdoba, 2001, p. 59.
- Tarrab, Mauricio, “La droga como partenaire”, Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II, Buenos Aires, Ed. Grama, 2009, p. 39-45.
- Tarrab, M., « Pire qu’un symptôme », Quarto n. 79, 2003.
- Tarrab, M., « Produire de nouveaux symptômes », Quarto n. 85, 2005.
- Tarrab, M., “La época y el Tonel de las Danaides”, Pharmakon digital n. 1, 2015, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Testa, Adriana, “Una fatídica abstinencia”, Obstáculos en el tratamiento de las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. JVE, 2005, p. 123-131
- Testa, Adriana, “El psicoanálisis frente a las adicciones”, Colofón n. 27, p. 65-68. Federación Internacional de Bibliotecas del Campo Freudiano
- Testa, Adriana, “Adicciones en serie”, Revista Lacaniana de Psicoanálisis n. 11, p. 179-183.
- Tinoco, V. M., “Intoxicaciones en el contexto del desencadenamiento de las psicosis”, en

Pharmakon dig. N. 3, <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>

- Torregiani, Jazmín - Sruber, Lorena - Piotte, Virginia, "Psicoanálisis aplicado a las toxicomanías. Cuestionando la abstinencia en la clínica, Psicoanálisis y el Hospital Buenos Aires, Ed. del Seminario, 2005, n. 27, p. 164-168.
- Torregiani, Jazmin, "Pagus. De las adicciones al goce como tal", Revista Lacaniana de Psicoanálisis n. 28, p. 187-193.
- Torregiani, Jazmín, "El retorno del tatuaje", en Pharmakon dig. N. 1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Troadec, J.-C., Pharmaco ther-happy. La revue de presse U.S. « United Symptoms », Lacan Quotidien n. 589.
- Turdó, Marcelo, "Literatura del alcohólico en obras de Abelardo Castillo", Protagonista y narrador. Obstáculos en el tratamiento de las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. JVE, 2005, p. 73-85

V

- Valleur, M., « Addiction en extension », LCD n. 88, 2014, p. 12-17
- Van Hoorde, H., « Non, ce n'est pas ça que j'ai dit : j'ai parlé de la demande du malade », Mental n. 6, 1999, p. 87-99.
- Van Den Hoven, G., « Le symptôme à l'ère des idéaux jetables », Mental n. 26, 2011, p. 141-145.
- Van Den Hoven, Gabriela, "El tratamiento del paciente adicto en Gran Bretaña", El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías. Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 115-127.
- Vanderveken, Y., « Automutilations, coupures et marques sur le corps », Quarto n. 121, 2019.
- Vanderveken, Y., « Fi de la métaphore sexualisante », Quarto n. 125, 2020.
- Vargas, Raquel, Entrevista en Pharmakon dig. N. 2, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- Ventoso, Juan, "Las toxicomanías", El Caldero de la Escuela, Buenos Aires, 1997, n. 49, p. 75-78.
- Ventoso, Juan, "Uno u Otro", Los quitapenas. Clínica de las toxicomanías: un abordaje institucional Buenos Aires, Ed. Eudeba, 2000, p. 33-43.
- Vera Barros, Raúl, "Ser excluido, ser sancionado, darse respuestas", Las toxicomanías. Un malestar de la época que interroga al psicoanálisis y a las instituciones, Córdoba, 2001, p. 51-59.
- Vereecken, C., « La place de l'objet et de l'autre dans la mélancolie », Actes de l'ECF n. 2, 1982, p. 20.

- Vereecken, C., « Une analyse n'a pas à être poussée trop loin », Actes de l'ECF n. 15, 1988, p. 74.
- Verger, T., « Quand la consommation devient un mode de passage à l'acte », Addicta.org, <https://addicta.org/2022/03/23/5302/>.
- Verger, T., « Les actes de passage pour faire face à la détresse », Addicta.org, <https://addicta.org/2017/09/10/s05e01/>.
- Vetrano, Silvia, “Las instituciones de las toxicomanías”, El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías, Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 201-209.
- Vidigal, Mariana, “Os Filhos Dos Toxicômanos”: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/os-filhos-dos-toxicomanos>
- Vieira, Renato, “Un agujero en el discurso universal, el socielo y la insubordinación sexual en la toxicomanía”, en Pharmakon dig. N. 1, <http://pharmakondigital.com/volumen-no01/?lang=es>
- Vigano, A., « Con la mandíbula entumida », en Pharmakon dig. N. 2, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- Vigano, C., « Les nouveaux symptômes et la question préliminaire », Mental n. 6, 1999, p. 47-65.
- Vigano, C., « Une nouvelle question préliminaire : l'exemple de la toxicomanie », Mental n. 9, 2001, p. 57-77.
- Vigo, Daniel, “El malestar en la estructura”, El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías. Buenos Aires, Ed. TyA, 2003, p. 193-201
- Vigo, Daniel, “Lo que la sustancia nos enseña acerca de lo real”, Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis. Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 91-101.
- Viola, Sandra Maria Costa, “Despedida em Las Vegas, ou, A soberania do gozo”, Curinga, Belo Horizonte: [s.n.], v.9, p. 64-68, abr. 1997. Os enigmas do masculino.
- Viret, Claude, « La bonne distance », LCF n. 59, 2005, p. 193-195.
- Vita, Adriana Renna de, « Função Tóxica Na Clínica Das Psicoses »: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/funcao-toxica->

W

- Warjach, David, “Biopolítica y toxicomanías ¿Sacrificar la vida a su conservación?”, Las presen-

cias de la compulsión” Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 23-35.

- Warjach, David, “Dispositivos actuales en el tratamiento de las adicciones: el vacío de satisfacción de la toxicomanía”, *Obstáculos en el tratamiento de las toxicomanías*, Buenos Aires, Ed. JVE, 2005, p. 41-51.
- Wolf, L., « La femme Internet », *LCF* n. 39, 1998, p. 55.
- Wolodarsky, Diana, “La droga partenaire”, *Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II*, Buenos Aires, Ed. Grama, 2009, p. 45-53.
- Wolodarsky, Diana, “Un matrimonio feliz”, *Los quitapenas. Clínica de las toxicomanías: un abordaje institucional*, Buenos Aires, Ed. Eudeba, 2000, p. 99-109.
- Wülfing, N., « Sexe “sans drame” », *LCD* n. 88, 2014, 123-125.

Z

- Zaffore, Carolina, “Droga y elección sexual”, *Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II*, Buenos Aires, Ed. Grama, 2009, p. 103-109.
- Zenoni, A., « Le phénomène psychosomatique et la pulsion », *Quarto* n. 79, 2003.